

A close-up photograph of a dark-colored animal's face, possibly a dog or wolf, with a white mask covering its eyes and snout. The mask has a textured, slightly irregular appearance. The animal's teeth are visible in the lower right corner. The background is dark and out of focus.

LUMINES CÊNCIAS

revista de literatura
& outras artes | **v. 1, n. 1**
jan./jun. 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS

LUMINES CÊNCIAS

revista de literatura
e outras artes

VOLUME 1, NÚMERO 1, JAN./JUN. 2024.

IDEALIZADOR **antonio carlos sobrinho**

EDITORES

antonio carlos sobrinho e Hyago Marques

COMUNICAÇÃO

REDES SOCIAIS **Hyago Marques, Igôr dos Santos Ribeiro, Maria Natielle de Lima Costa e Wely Nayara**

CONTEÚDO

CURADORIA **antonio carlos sobrinho, Hyago Marques, Joyce Kelle da Silva e Gisele do Nascimento**

REVISÃO **antonio carlos sobrinho, Hyago Marques, José Vitor dos Santos Oliveira e Leonardo Bomfim Cavalcante**

ARTE

DESIGN E ARTE DE CAPA **Hyago Marques**
DIAGRAMAÇÃO **antonio carlos sobrinho, Hyago Marques e José Vitor dos Santos Oliveira**

APOIO

Ienmily Araújo e Kaka (Karine Valeska)

COLABORAÇÃO

Alice Rocha, Aline de Fátima, Allys, Ana Paula Azevedo, Anny Lopes, antonio carlos sobrinho, Antonio Neto, Batista, Blue, Cláudio Pedro, Celestica, Claudemir Calixto, Daniel Ribeiro, Daria Moraes, Davi Assunção, Denis Willyam, Donald Silva, Druwcapa, Ermans Carvalho, Ewerton Douglas, F. Verlaine, Felipe A. Lucena, Fernando Cabral, Flávio Braga, Francisco Neves, Gabriel de Arruda, Gabriela Jardon, Gisele do Nascimento, Hanny Santana, Hyago Marques, Ingrid Torres, Jacques Did, Jessica Lima, Jonas Manoel, José da Guia, José Vitor, Kaka (Karine Valeska), Laura Letícia, Lena Novaes, Leonardo Bomfim, Leonam Felipe, Luiz Fernando, Maciel Shelter, Maria Luiza, Maria Natielle de Lima Costa, Mariana Carvalho, Miguel Arcanjo, Missy, Misty Lumière, Nicolas Rosa, Pamin, Pantaleão, Pedro Neves, Peregrino Cego, Petruciane, preth, Rafael Torres, Rayra Rodrigues, Roberto Sarmiento Lima, Rodrygo Pires (Birdy), Roniel, Sam, Sylvia Eos, Thalia Vitória, Thiago Barrozo, Tom Torres, Tony Admond, Valdeck Almeida de Jesus, Vanessa Guimarães, Verônica Mali e Yana Brásques.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS **Janis Christine Angelina Cavalcante**

DISCLAIMER As obras selecionadas foram enviadas mediante assinatura de autorização de publicação sem fins lucrativos em Luminescências, declarando autoria e isentando a revista e sua equipe de acusações de calúnia, cópia ou plágio. As autorias se comprometem por eventuais disputas relacionadas às referidas produções.

LUMINESCÊNCIAS – REVISTA DE LITERATURA E OUTRAS ARTES

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

E-MAIL luminescencias19@gmail.com • BLOG revistaluminescencias.blogspot.com

INSTAGRAM [@revistaluminescencias](https://www.instagram.com/revistaluminescencias) • seer.ufal.br/luminescencias



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Faculdade de Letras (Fale), Campus A. C. Simões.
Av. Lourival Melo Mota, S/N. Tabuleiro do Martins, Maceió – AL. 57072-900.

SUMÁRIO

4 Apresentação – Luminescências

6 Apresentação deste número

Homenagem

10 Aline de Fátima (*in memoriam*)

Audiovisual / Performance

13 Peregrino Cego

14 Verônica Mali

Conto

16 Alice Rocha

19 Antonio Neto

21 Batista

24 Ewerton Douglas

27 gabriela jardon

30 Hanny Santana

32 Jessica Lima

38 Kaka (Karine Valeska)

46 Katharina Fraga

49 Leonardo Bomfim

51 Maciel Shelter

55 Mariana Carvalho

59 Nicolas Rosa

63 Rayra Rodrigues

64 Roberto Sarmento Lima

69 Thiago Barrozo

Crônica

75 Ana P. Azevedo

77 Cláudio Pedro

80 Flávio Braga

82 Francisco Neves

84 Luiz Fernando

87 preth

89 Tom Torres

Fotografia / Desenho

92 Allys

94 Blue

95 Celestica

96 Daniel Ribeiro

97 Daria Morais

98 Donald Silva

99 Druwcapa

100 Ermans Carvalho

101 fernando cabral

105 Gabriel de Arruda

106 Hyago Marques

107 Jonas Manoel

111 Luiz Fernando

115 Pantaleão

118 Pedro Neves

121 Rafael Torres

125 Sam

127 Tony Admond

131 Yana Brásques

Poema

134 Anny Lopes

140 antonio carlos sobrinho

143 Celestica

145 Davi Assunção

151 Denis Willyam

152 F. Verlaine

153 Felipe A. Lucena

154 Ingrid Torres

155 Jacques Did

156 José da Guia

157 José Vitor

159 Kaka (Karine Valeska)

164 Laura Letícia

165 Lena Novaes

168 Maria Luiza

169 Miguel Arcanjo

170 Missy

172 Misty Lumière

173 Nicolas Rosa

175 Pamin

176 Pedro Feitosa
177 Petruciane
178 Rodrygo Pires (Birdy) e
Leonam Felipe
181 Roniel
183 Sylvia Eos
187 Thalia Vitória
188 Tom Torres
189 Valdeck Almeida de Jesus
190 Vanessa Guimarães
192 Verônica Mali

194 Yana Brásques

Entrevista

197 Claudemir Calixto

209 Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

215 Quem somos

217 Créditos

APRESENTAÇÃO – LUMINESCÊNCIAS

POR ANTONIO CARLOS SOBRINHO

Luminescências – Revista de literatura e outras artes é um espaço aberto em espiral a fim de propor, acolher e reverberar experimentações poéticas do sensível, isto é, o exercício da arte em seu encontro com a vida.

Ainda que, por conta de uma vinculação à área de Letras, haja, de antemão, uma tendência natural a publicar textos tradicionalmente identificados como literários, cabe desde logo afirmar: todos os modos de expressão artística nos interessam porque em todos reconhecemos a pulsante presença de lampejos indóceis e alegres; em todos, e desde o espaço exíguo do apesar de tudo, há vagalumes que dançam intermitentes neons à espera de um outro que rebrilhe – pois é da natureza, às vezes esquecida, de cada e de todo corpo a infinita potência de fazer-se também corisco.

Não um farol ou qualquer outra grandiosidade substantivada como *um luminar*, mas o constante *vir a ser* de uma comunidade porosa, feita toda ela dos encontros entre pequenos e erráticos brilhos: eis o que **Luminescências** almeja.

Em cada lampejo, um sim à arte; um sim à vida.

Esta é uma publicação radicada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, primeiro sonhada, depois pensada e, por último, viabilizada no âmbito de Atividade Curricular de Extensão 1, componente obrigatório do segundo período do curso de Letras – Português. À parte isto, e embora não prescindia de situar a sua territorialidade inicial, **Luminescências** abre-se às desterritorializações e reterritorializações provenientes de um mundo contingente, imprevisto e absolutamente irreduzível ao mesmo do mesmo do mesmo.

Luminescências, portanto, não pressupõe ou deseja nenhuma natureza endógena. Não nasce para publicar exclusivamente quem possui

vínculo com a Universidade Federal de Alagoas, sequer alguma outra instituição, qual seja.

Porque sabemos que as potências estão para além do binarismo acadêmico/não-acadêmico. Porque sabemos que elas pulsam em toda parte e, não raro, *apesar das instituições*. Porque sabemos que elas reivindicam comunidades outras, regidas por um circuito alternativo de afetos e não circunscritas por muros, títulos ou coisa que o valha. Porque sabemos que o sim é mais potente que o não.

Luminescências - Revista de literatura e outras artes lança ao mundo um convite ao brilho:

Você aceita?

APRESENTAÇÃO DESTE NÚMERO

Em dezembro de 2023, nós lançamos um convite ao mundo:
Luminescências – Revista de literatura & outras artes.

71 artistas, em tudo diferentes entre si, acolheram o nosso chamado e nos abraçaram com o seu sim.

É, pois, deste modo que se forma uma comunidade vagalúmica: a um lampejo, que é desejo de formar um nós, acenam outros, movidos pela mesma urgência. Afinal, de que serve a comovente beleza de um brilho quando não há quem o recolha e multiplique as cintilações? Toda arte procura um público e todo público, ainda que não o saiba, porque educado para rebaixar a dimensão sensível do corpo, procura a arte.

Esta nossa primeira comunidade, para sempre aqui registrada, é composta de 71 artistas e 112 obras, entre audiovisuais, contos, crônicas, fotografias, desenhos, microcontos e poemas. Para além da vasta pluralidade deste acervo, trazemos também, ao final da revista, duas entrevistas com autores da cena artística alagoana.

Uma boa apresentação talvez agora devesse introduzir cada autoria que compõe esta revista, dedicando algumas breves palavras às suas produções. No entanto, além de um texto assim ser muito burocrático e se estender acolá do devido, ele talvez estragasse a surpresa e o encanto face ao que vem nas páginas que seguem. Não nos cabe ocupar um espaço que não é nosso, mas das autorias que estão aqui e que se encontram em um regime de alegrias fortes com esta revista.

Então, com a publicação deste número 1 de *Luminescências*, lançamos um segundo convite: o da leitura. Desejamos que as pulsações de luz aqui emitidas encontrem a beleza de sua acolhida e que este também seja um encontro de alegrias.

Equipe Luminescências

HOMENAGEM



Quarta-feira, 29 de novembro de 2023.

Vivíamos as primeiras semanas de um novo período letivo e aquela sensação um tanto quanto solar que se desprende de tudo o que é ainda começo.

Preparávamo-nos para as aulas daquela tarde quando recebemos, qual um soco contra o peito, a notícia do falecimento de Aline de Fátima Cavalcante Vieira, estudante do sexto semestre do curso de Letras – Português da Universidade Federal de Alagoas, aos 22 anos.

Às vezes, sem que possamos entender os porquês, se é que os há, a linha que se estende de um começo ao seu outro extremo rompe-se cedo demais.

Diante da morte, restam-nos a impotência e o luto.

Como se destina um minuto de silêncio em atenção à memória de quem se vai e à dor de quem aqui permanece, a Faculdade de Letras suspendeu as aulas por 48 horas. No retorno, a comunidade de afetos alegres que se fez em torno a Aline de Fátima – suas amigas, seus amigos – dedicou-lhe um bonito painel com fotos e poemas de sua autoria. Este gesto de amor, que repõe uma presença mesmo quando ela é já impossível, ainda se encontra afixado em um dos vários murais de avisos que compõem as paredes do BSA1.

Aline de Fátima Cavalcante Vieira era poeta.

Em paralelo a estes acontecimentos, avançávamos no sentido de erguer esta revista, *Luminescências*. Havíamos já decidido o nosso nome e também a nossa identidade visual e caminhávamos para formatar a apresentação da revista e a sua chamada para o envio de obras. Em uma de nossas reuniões, sugeriu-se, como forma de homenagem, que

publicássemos poemas de Aline de Fátima. Não era apenas uma questão protocolar, mas uma maneira, ainda que simbólica – e, não raro, as saídas simbólicas são tudo o que temos –, de retomar o fio do que deveria ter sido, não fossem as contingências do caminho.

Porque, para quem é poeta, a palavra não é algo que se faz alheio à pulsação orgânica do corpo: é a sua expansão em outro regime de existência. Poetas ainda vivem nos poemas que lançam ao mundo.

Em sua forma-palavra, Aline de Fátima Cavalcante Vieira pulsa nas páginas de *Luminescências*. E uma palavra, quando encontra quem a acolha em sua leitura, não morre: vivifica-se.

Se assim o é, o pretérito imperfeito antes usado, “era”, já não basta: Aline de Fátima Cavalcante Vieira **é** poeta.

Equipe Luminescências

A Equipe Luminescências agradece a Márcia Verônica Cavalcante Vieira, mãe de Aline, que gentilmente cedeu os poemas e fotografias que compõem esta seção, e a Dafhine Alves, pela mediação.

HOMENAGEM

ALINE DE FÁTIMA

In memoriam

(Des)Encontros

Me perco em quantos
De nós podemos renascer
Ressurgir e reviver
Nas cinzas perdidas ao vento
Das dores cravadas no peito
Me encontro em quantos
Em nós fazemos crescer
Brotar e florescer
Das ternuras fincadas no tempo

Permito-me não carregar

Permito-me não carregar
Em meus ombros
A dor de me importar
Com injustos a julgar
A vida que só cabe a mim
Lutar

Permito-me às vezes
Não estar em mim
Não procurar
Quando estiver fora do ar
Stand by de si

Permito-me sentir tudo e
Todos
Os sentimentos a me invadir

Permito-me errar
Sem me condenar

Permito-me aprender
O estar no mundo
E o vir a ser

Permito-me não saber
O que vou ser quando
Crescer?

Permito-me, por fim
Por mim

**DA AUTORIA**

Natural da cidade de Teotônio Vilela/AL e moradora de Pilar /AL, Aline de Fátima Cavalcante Vieira era poeta e graduanda em Letras (Português) - Fale/UFAL, faleceu precocemente aos 22 anos. Bolsista PIBID e CNPq, integrou o grupo de pesquisa GEDEALL e participou de grupo de pesquisadores da Fapeal. Interessou-se por Ensino e Aprendizagem de Línguas, Discurso e Linguística Aplicada.

AUDIOVISUAL / PERFORMANCE



PEREGRINO CEGO

[Nó cego. Curta metragem, 2 min. 29. Maceió/AL, 2023.](#)



RELEASE

Nó cego é um curta-metragem que aborda o relacionamento tóxico de dois jovens. Cansado dessa relação, o Peregrino, protagonista cego, resolve romper o elo com o companheiro. Dirigido por Felipe Neves, escritor e realizador, o filme contém Audiodescrição e Legenda descritiva. O curta acessível foi produzido no final de 2023, em Maceió/AL. A obra cinematográfica é curta, porém profunda, pois traz a seguinte reflexão: quando o laço impessoal vira um nó cego, é hora de parti-lo.

FICHA TÉCNICA

Roteiro, direção e execução **Felipe Neves**
Criação e edição **Plácido Costa**
Finalização **Ienmily Araújo**
Acessibilidade comunicacional/audiodescrição, roteiro e narração **Ienmily Araújo**
Consultoria **Filipe Neves**
Legenda descritiva **Luiz Eduardo Pereira**
Músicas **Ninguém – Fran e Chico Chico;**
Flor de Ir embora – Fátima Gomes,
Interpretação **Vanessa Moreno;** Arranjo **Nelson Faria**
Produção **Pra Ver Ouvir**

DA AUTORIA



Natural de Maceió/AL, **Felipe Neves** é licenciando em Letras – Português pela UFAL, coautor premiado de *Histórias e vidas: além do olhar* (2020), autor de *Dezconstrução* (2022) e *Oxe, nem te conto...* (2023), audiodescritor e realizador de videopoemas, os quais são postados no YouTube *Peregrino Cego* e no Instagram [@peregrinocego](#).

VERÔNICA MALI

[Ecos de Dandara. Performance. 20 min. 04. Maceió/AL, 2024.](#)



RELEASE

Uma garota interiorana carrega um balaio cheio de tecidos na cabeça e cantarola sozinha. Enquanto costura, inicia um diálogo com sua vó, no qual se imagina chegando em um lugar almejado. Esse lugar seria a possibilidade de ingressar numa universidade. A segunda versão da personagem canta o cordel autoral com acompanhamento rítmico do triângulo e do pandeiro em lugares externos da cena inicial com a natureza representando Quilombo dos Palmares, local da possível existência de Dandara.

FICHA TÉCNICA

Texto **Verônica Matias Lima**
Atriz **Verônica Matias Lima**
Voz e instrumentos **Verônica Matias Lima**
Produção Musical **Fran Neves**
Imagens **Leticia Silva, Vittor Seven e Verônica Matias Lima**
Iluminação **Fran Neves**
Ilustração **Fran Neves**
Edição **Fran Neves, Leticia Silva, Vittor Seven e Verônica Matias Lima**
Legenda **Leticia Silva**
Produção **Aryelli Silva, Fran Neves, Leticia Silva, Vittor Seven e Verônica Matias Lima**

DA AUTORIA



Verônica Mali é atriz, escritora, estudante e pesquisadora das suas raízes, pratica arte popular, incluindo o estudo da oralidade de cordel. Sua primeira subida ao palco foi como coralista com o grupo CantIFAL, do IFAL. Licenciada em Teatro e mestranda em Psicologia pela UFAL. Seus últimos trabalhos foram exposições de vídeo-performance no Evento Nacional de Arte (ENEARTE), realizado na UFMG e na UEMG em Belo Horizonte/MG.

CONTO



ALICE ROCHA

Mistério no topo da serra

DA AUTORIA



— Vamos logo.
— Estou cansado!

— Falta pouco! Quando chegarmos lá, você vai amar...

Estávamos indo ao ponto mais alto de uma pequena cidade do interior. Ally — a menina que me guiava por uma estradinha de barro, entre matos e todas as espécies de insetos que se possa imaginar — dizia que o lugar era incrivelmente belo. Um pouco mais tarde, descobri que ela estava totalmente equivocada quanto ao local.

— Fala sério, Ally! Estamos andando há horas e não estamos nem na metade do caminho. Escalar o Monte Everest me parece mais possível.

— Não seja exagerado, só falta um pouquinho.

— Só vejo mato à minha frente! E esse bocado de inseto que é um exagero.

Não era exagero, saímos de casa às quatorze horas e havia se passado, segundo o meu relógio analógico, duas horas e meia. Ainda estava claro, mas o caminho era uma tortura sem fim e parecia ter sido criado para desovas de corpo humano, pois era inacreditável que uma pessoa enfrentasse tudo aquilo por livre e espontânea vontade, a não ser que quisesse muito se livrar de algumas provas.

— Você não está tentando sumir comigo... Ou está?

Natural de Maceió/AL, **Alice Gomes da Rocha** tem 27 anos, é escritora e graduanda em Letras – Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Além de escrever contos e crônicas, a autora é fascinada em construir narrativas longas. Também tem um livro de poemas intitulado *No papel, aquilo que meus olhos imprimiram* (2021) em seu [perfil do Wattpad](#) — e trabalha em projetos para publicações online e editoriais.

— Não, mas agora que você falou, vou cogitar. Então cala a boca ou fica esperto para que seu corpo não desça este morro rolando!

— Vou embora!

— Espera, olha ali... Faltam uns dez metros, no máximo.

— No mínimo, você quis dizer. Tchau!

— Você quem sabe...

Enquanto ela seguia em frente, eu voltava arrependido de ter aceitado me aventurar nessa mata sem fim. Ao passo que lamentava todo o esforço perdido, sentia um tremor no estômago. Estava faminto! — De repente, um tremor muito mais forte, que, com certeza, não vinha da minha barriga. No instinto, olhei para o chão que estava intacto. Ainda sem saber o que estava acontecendo, sentindo os tremores intermitentes, percebi uma intensa claridade. Olhei para o céu. A luz parecia vir em direção à terra. Por um novo impulso, baixei a cabeça e fechei os olhos ainda distinguindo a luminosidade que subitamente desapareceu. Abri os olhos e me deparei com uma total escuridão.

Ainda meio perdido, à vista do que se assemelhava a um terremoto, me desequilibrei e caí deitado. Por pouco não cheguei ao início da estrada embolando para suprir o desejo quase completo da Ally.

— ALLY!

Voltei correndo, em meio à escuridão, no desejo supremo de não errar a estrada. Durante o percurso, gritei por ela que, na melhor das hipóteses, parecia ter se afastado o suficiente para não me ouvir ou, numa das piores, havia sido atingida por sabe-se lá o quê que caiu do céu. Continuei chamando.

— ALLY?

— AQUI EM CIMA!

— Você está bem? — perguntei ao me esbarrar nela.

— Olha...

Enquanto eu observava o que deveria ser a cidade, sentia calafrios

percorrendo todo o meu corpo. De repente, uma mão gélida tocou na minha nuca, provocando-me um arrepio mais forte. Enquanto os dedos frios deslizavam do meu pescoço ao meu rosto, o topo da serra tremia. Durante a tensão do que sentia, minha audição capturava uma variedade de sons: o palpitar acelerado do meu coração, o chacoalhar de alguns galhos, algo que lembrava ossos se chocando e uma respiração que aos poucos se aproximava do meu ouvido.

— Aquilo é o que estou pensando? — Ally quis saber.

Sem saber sobre o que ela falava, olhei em minha volta e notei que tudo que estava oculto naquele lugar começou a se revelar — sombras de galhos e sepulturas velhas preenchiam grande parte daquele pequeno espaço — como se acendesse uma luz às minhas costas, a fim de apresentar o verdadeiro cenário no qual eu me encontrava. A cena era horripilante e, antes que tudo voltasse a ser consumido pela escuridão, eu a vi.

— Por que não me avisou sobre o cemitério?

Sentada e apoiada numa cruz, Ally sorria deliberadamente enquanto olhava para o céu, mas, em questão de milésimos, ela desapareceu. Novamente na escuridão, voltei a olhar para frente em busca do que tinha acontecido durante a minha descoberta, e lá estavam elas: numa mistura de surrealismo com impressionismo, iluminando a pequena cidade, todas as estrelas que caíram do céu.

ANTONIO NETO

Amor à Pigmalião

Sempre tive um amor dissimulado por estátuas e tinha quase certeza de que esse tipo de amor tiraria um pouco da minha simples humanidade. Vez ou outra, entre um exemplar de *Dostoiévski* ou *Machado de Assis*, eu acabo me questionando a respeito da nossa tão frágil e, ao mesmo tempo, complexa humanidade. Quem me dera se Marina não tivesse cruzado o mesmo caminho que eu na noite tempestuosa em que *Eros* nos espetou. Marina — moça dos olhos de oceano — fisgou-me, assim como Bentinho foi fisgado pelos olhos de Capitu em *Dom Casmurro*.

Bom, não pretendo me demorar. Aconchegue-se, amigo leitor (se é assim que posso chamá-lo). Serei breve a partir de agora.

A morte, lentamente, foi roubando a minha amada Marina, sugando suas forças, tirando o rosado de suas bochechas, enfraquecendo seus cabelos castanhos encaracolados, apagando a cor de seus olhos e desfazendo o sorriso calmo das noites calorosas. Uma flor que mal desabrochava estava agora deitada sobre a terra que tanto a encorajava a ser feliz, deixando-me um beija-flor solitário com uma *cegueira branca* para o futuro. Eu não podia permitir que Marina fosse lembrada apenas no dia de sua morte, mas antes de colocar meu plano em ação, precisei forjar meu próprio acidente: meu antigo Honda capotado em uma estrada de terra algumas semanas depois da partida de Marina, antes de ter seu corpo

DA AUTORIA



Antonio Neto é apegado ao mundo da leitura desde o dia em que encontrou uma caixa misteriosa cheia de gibis no guarda-roupa de sua tia. Esse apego desencadeou traços artísticos como: produzir prosa e verso, tocar instrumentos musicais e ter seu próprio estilo de desenho. Buscando sempre aprimorar suas eternas paixões, reconhece seu lugar no mundo através da Arte.

substituído por uma estátua de gesso. Isso me custou algumas semanas para que eu pudesse ser dado como morto, enquanto minha amada repousava de olhos abertos numa caixa de gelo na casa de número 16*0 (terceiro número censurado por motivo de segurança).

No tempo em que as telas de TV (que ainda vão nos escravizar) relataram meu suposto suicídio, comecei a reunir os materiais de construção para as minhas atividades com gesso e modelagem. O plano era bem simples: retirar com cuidado minha amada de dentro da caixa de gelo, suspendê-la com cordas no porão da casa 16*0 e transformá-la em minha *Galatéia*, fruto de um amor à Pigmalião. O hospital e a funerária resolveram boa parte das dificuldades que estavam na pasta de obstáculos dos meus planos. Marina e eu tínhamos planejado construir uma fonte com os materiais de construção que acabei trazendo da nossa antiga casa. A fonte seria um presente para um casal de pardais que cantavam no nosso jardim. O gesso cobriu todo o seu corpo inocente, que balançava nas cordas que a suspendiam no ar. Mais trabalhoso do que a modelagem foi ter que transportar a bela estátua da minha amada Marina, o que me custou alguns meses até que tudo estava milimetricamente calculado.

Diferente de Pigmalião, rei e escultor, e a sua bela musa Galatéia, o que fiz por Marina foi mais do que uma loucura de amor, muito mais que um en-ges-sa-men-to amoroso. Entre algumas visitas à prefeitura, um belo disfarce, um sotaque nordestino e a história de ser um escultor renomado, minha missão estava cumprida. Marina foi colocada no centro de uma praça pouco movimentada, admirada por um homem de pele retinta sentado no mesmo banco de madeira e no mesmo horário de quatro e quarenta da tarde. Um homem de roupas largas e discretas e de sorriso acanhado. Minha eterna Marina tem o ar de minhas visitas diárias, enquanto aguardo o dia em que poderei estar ao seu lado.

BATISTA

NOSTALGIA DA MINHA GENTE

Iniciada a guerra, naquele dia toda gente estava amuada com o sucedido. Faziam as malas mal feitas, apressadamente andavam e desandavam a esquecer o que em nenhum momento deveria ser esquecido. Foram-se esquecendo e, nesse meio de esquecimento, fui esquecido pelo meu dono, meu amigo de longa data, o qual jurou que não haveria de me matar nem pelo Natal, sequer por nada, mas fez o inefeito: abandonou-me por algo ou por alguma razão. Fosse o que fosse, fiquei desolado, corpulento e amuado. Estando encarcerado, não pude me movimentar nem procurar comida, sequer água. Os desvairados, que me pareciam irmãos da mesma pátria, mataram-se uns aos outros, levantaram-se e rebelaram-se. Foram onze luas sobre fulgor dos fogos. Dia e noite, verão e inverno, aqui, ali e acolá, por perto e por longe faziam chilrear os projéteis.

Ouviam-se as sinfonias mesmo a milhares de quilómetros, como testemunharam os vizinhos a *posteriori*. Por olhar do meu dono, eu era esbelto, lúcido, opulento, por fora e por dentro, à direita e à esquerda, do pé à cabeça, mas atrelado. Por isso, ninguém podia chegar a mim, fazer comigo algo que fosse, até porque, ao meu redor, sempre que alguém chegava, explodia logo. Esses desgraçados explodiam, pairavam e caíam sobre mim. Pois eu não os aproveitava para nada. Mas, por escassez de comida em guerra, queriam desvanecer-me a mim. Eu sempre lamuriava-os a eles pelo meu nítido olhar, que acima de tudo esperançava o desesperançado.

DA AUTORIA



Francisco Marinho Baptista é guineense, graduando em Letras Português pela UFAL, bolsista PIBID e apaixonado pela língua portuguesa. Na Guiné Bissau, atuava como prof. de português na escola Boa Sorte e no curso de aperfeiçoamento em língua portuguesa da escola Berço Universal. É escritor iniciante e gosta de ler literatura brasileira.

A guerra finda, foram tentativas formidáveis e enterros que assisti. Aliás, não suportava ver a morte dos irmãos ao redor do meu chiqueiro. Morriam dias após dias, contudo, nunca deixaram de tentar alcançar o inalcançado, como os próprios meses de abalos de tiros que me acomodaram e cantaram sobre minhas orelhas, nariz, olhos e mais alguma coisa que tivesse na face minha e, ao mesmo tempo, estragaram toda minha cidade. Nada restava. Só o céu, que lacrimejava dia e noite sobre o acontecimento. Em verdade, digo-vos que chorava muito e fundo, minuto a minuto. Já não consigo mais sair do pranto meu devido ao líquido precioso que foi derramado pelas pessoas da minha terra, cujos mortos foram em vão.

Mas, com toda minha voz, digo que eu era incompatível, excepto com a vaca. Sou daqueles porcos que não se consegue mexer. Não é por ser vadio. Por ser tão opulento e resplandecente que dava, a quem me via, a ânsia de me mutilar e engolir-me a mim. Tantas foram as explosões ao meu redor. Revoltado e preocupado comigo mesmo, lastimava de um lado a outro, dizia que era uma morte bem morrida. Porém, também estava preso, não podia me mexer, nem sequer mergulhar nas águas paradas como de costume. Digo a mim mesmo que foi um abandono lamentável e imperdoável da minha parte para com o meu dono. Isso dizia no caso de ele voltar a mim: não vou a sítio algum com ele.

Foram onze luas e estrelas de abandono, nem o sol importava comigo, muito menos os pássaros, além do mais, sem comer nem beber, sem... Quem aguentaria? Nenhum, confirmo e reafirmo.

Antes da guerra, eu tive uma vida benévola. Toda gente usava possessivo ao chamar-me “meu porco”, todo mundo, até confundia quem era, deveras, meu possuidor. Os humanos colocam possessivo, sobretudo em momentos lúdicos, mas, no íngreme e pranto meu, ninguém me acudiu a mim. Eu vivia em um lugar chamado Paiola, sítio esse que mais foi atingido com bombas, fuzis, metralhadoras, arrebentamento de minas... Todas as

coisas hediondas vinham vindo e passando rente a mim, mesmo assim sobrevivi a essas atrocidades que ali aconteciam.

Que sorte! Morreram milhares de soldados só por minha causa, fato esse que imenso lamento. Por meu olhar, os que mais me queriam eram os ditos tais vencedores de conflito que queriam se festejar das vitórias em diferentes frentes da guerra como se não bastasse a vitória. No entanto, morreram mais na minha frente que em frente dos seus inimigos. Rezava eu, dia após dia, noite e pernoites entre Padres-Nossos e Ave-Marias, a fim de que o meu possuidor voltasse e os fizesse parar de partir para o além. Como diz o livro santo, “se Deus é por ti quem será contra ti”?

Em 1999, as pessoas voltavam, mas nem todos. A cidade lamentando prejuízo de guerra que foi uma catástrofe, ou se quiser, um holocausto, a ponto que jamais dava para reconhecer ou conhecer a cidade, o bairro e a casa que fosse, prejuízo esse que mais tarde foi pago a uma pessoa por ser mais guineense e os restos, quiçá, tenham sido pouquinhos. Meu dono, coitado, nunca voltou a mim, nem mais tive notícias dele e nem da sua sombra. Por incrível que pareça, já se passaram 25 anos sem retornar. Eu e os demais, aflitos, desolados e lamuriando por nossos possuidores que jamais acharam o caminho.

EWERTON DOUGLAS

As noites do mundo inteiro

As noites do Ceará não são apenas noites. Há nelas algo mágico, enérgico, entusiasmante. Quem dera que as noites do mundo inteiro fossem como as noites de lá. A propósito, visitei o Juazeiro do Norte numa romaria católica da minha cidade — eu era evangélico e não esqueço do olhar fuzilante de três beatas, puras e imaculadas, ao verem uma criança afeminada como eu entrar no ônibus ao lado da vó. Os bracinhos finos mal podendo com três bolsas. O som das pessoas a ocupar seus lugares, guardar suas coisas e comentarem umas com as outras as expectativas pela viagem.

Saímos de Alagoas e em doze horas estávamos no sertão cearense. Confesso que ver aquelas igrejas e templos me dava certa felicidade, uma alegria genuína, digamos. No entanto, certo ano, algo ganhou mais a minha atenção do que tudo aquilo que eu já estava acostumado a ver: a cidade era repleta de moradores de rua, e, dentre eles, muitas crianças.

No último dia, antes de voltarmos ao hotel onde todo mundo dormia, perguntei à minha avó por que tanta gente naquela cidade não tinha casa, mas ela, seca e claramente despreocupada com a minha pergunta, explicou-me sem muito cuidado que eles estavam ali porque gostavam de receber as doações dos fiéis.

“São pedintes por natureza.”

Minha expressão confusa denunciava que a dúvida ainda não havia sido sanada. Aquelas praças e ruas lotadas de gente pedindo isso e aquilo

DA AUTORIA



Pernambucano de 22 anos, **Ewerton Douglas** é acadêmico do curso de Letras pela UFAL; é pesquisador na área de sociolinguística e linguística textual. Escreve desde criança; sua predileção são os poemas, contos e minicontos, tendo, inclusive, poemas e contos publicados em revistas e antologias.

me causavam um estranhamento. Insisti, minha vó parecia mais fria ainda, mas como quem quer logo encerrar um assunto, ela falou:

“Há padres e devotos que trazem muito dinheiro em moedas e doam pra eles, e assim, muitos se acostumam nessa vida e não conseguem mais sair... pronto, é isso, Carlos, e pare de olhar tanto para eles, se não eles entendem que nós vamos ajudá-los.”

Enfim. Chegamos ao hotel e na madrugada, umas quatro e pouca da manhã, pegamos o ônibus e voltamos para casa. Ao chegarmos em casa, todo mundo me sugeriu que fosse dormir *“para descansar da viagem”*. Minha vó, meus pais, todo mundo comentou e eu juro que até tentei dormir, mas naquela noite não consegui.

Nas paredes do meu quarto, rostos mudos e tristes refletiam como desenhos vivos. Eram as crianças, as que vi no Juazeiro, as que estendiam as mãos mortas na direção de qualquer pessoa que delas se aproximasse. Do chão, fluíam sons conhecidos, como o tilintar das moedas enchendo com fraqueza os canequinhos de alumínio, quase sempre com os dizeres *“fui ao Juazeiro, lembrei de você”*.

Todavia, minha maior indagação naquela época, mesmo sem saber ao certo o significado da palavra indagação, nem era sobre a volta para casa em si, mas sim o que eu havia deixado lá, visto lá.

Quem se importa com as pessoas que ficaram lá? Quem lembra daquela gente que sorri ao ganhar esmola de um desconhecido? Quem lembra deles nas datas comemorativas? Quem os alimenta? Quem os cuida? Quem os ama? Será que eles têm tempo para amar? Será que sabem o que é amor? Ou a única coisa que sentem é fome?

Ah! Eu tinha 11 anos... apenas 11 anos e minha mente não conseguia sossegar um só minuto pensando nos outros meninos de 11 anos que, diferente de mim, àquela hora da madrugada, já deviam descansar em um canto qualquer. Passavam o dia inteiro para cima e pra baixo. O sol não dava trégua. Pelo contrário, secava a todos sem pudor, torrando comumente

àquela espécie de infância. A vida não melhorava. O que lhes resta? Dormir um pouco? Talvez. Ao menos tentar.

E assim os imaginei sob cobertores velhos, escondendo-se do frio e de outras coisas terríveis que a noite oferece, mas, apesar disso, também imaginei o céu lindo do Ceará a iluminá-los. Não vou mentir, chorei bem baixinho para ninguém ouvir. E como eu não podia fazer muita coisa para mudar aquela situação, orei, em meio ao choro, pedi que aquele céu jamais deixasse de brilhar sobre eles.

gabriela jardon

Quidida

Se nascer antes das oito o ascendente é melhor, doutor. Antes das oito? Leva nem mais cinco minutos — diz o médico seco, pré-natal inteiro, nenhum abraço ou uma palavra fora do *script*. Mas completou, parecendo ter guardado a doçura, como eu guardava a bebê, só praquele momento: tá preparada pra maior emoção da sua vida?

Trazem você. Num espasmo, crava um tapa na minha cara. Riram, chegou batendo na mãe, ouvi. Doeu. O tapa nada, mas a aterrissagem de toda a ternura do mundo. Agarrando a mão minúscula, entre soluços, me escuto te chamar de Quidida.

Quidida?

Minha avó, galega brava que desaprendeu o espanhol sem aprender o português, tinha sua língua própria. Apenas a família entendia e, pra ela, suficiente — seca como era, sem abraços nem sobra de palavras, também trancava as doçuras dentro, só não quando dizia: ôôôô Quidida! Era raro, raríssimo, reservado a ocasiões especiais, e essas, pra minha avó, não tinham nada a ver com natal, aniversário ou uma nota alta na escola, mas os dias em que, pelos cálculos dela, o mundo tinha caído em cima da gente. Em mim, três vezes.

DA AUTORIA



Gabriela é carioca, mas de verdade mesmo é de Brasília. 48 anos, juíza por escolha, escritora sem escolha, atira palavras ao mar tentando chegar na outra margem das pessoas. Participa do coletivo feminino de escritoras [@escrevientes](#) e, há 13 anos, do coletivo feminino de leitura [@irmandade_bsb](#). Publicou em coautoria com [@marianasiqcarvalho](#), [@daniellemartins-silva](#) e Wanessa Montoril *retratofalado: ensaios em estado de imagem* e também contos nas revistas Subtexto ([@escritorbra-sileiro](#)) e Contos de Samsara ([@contosde-samsara](#)). É aluna regular da [@aescrive-deira](#), da professora e escritora Noemi Jaffe.

Acordada, Mariana? Ouve a voz da avó atrás da porta, meio da noite, a luz do quarto passando pela fresta, não era pra chamá-la, mas era. Nada não, vó. Apaga a luz, corre de volta pra cama, explode, enterrando o rosto no travesseiro. A avó entra, tateia a cama, senta, acha os cabelos da neta, uma mexa de cada vez, vai fazendo novelinhos: ôôô Quidida, shhshh, ôôô Quidida, shshhh, cinquenta, cem vezes, até parecer que sim, dormiu. Só o murmúrio cantado, sem perguntar nada, sem puxar conversa, e nem se quisesse. A briga dos dois gastava todos os decibéis disponíveis no apartamento. Quanto mais crueldades falavam mais a avó chegava a boca perto do ouvido da neta; quem sabe assim o ferrão das palavras não picasse tão dentro dela. Mais tarde, quando o pai disse pra mãe que nunca quis as filhas, e a mãe rindo esquisito, ah, é, mas quem é que não me deixou abortar?, Mariana já não se mexia nem pra chorar, mas conseguiu acender a luz do quarto de novo.

Saindo do centro cirúrgico, você na maca comigo, preenchendo o triângulo arredondado que o meu sovaco fazia com a ponta da ex-cintura e a dobra interna do cotovelo. Só cabe a maca, diz o moço que a empurrava, vou apertar o andar, pego vocês lá em cima. A porta fecha, eu e você sozinhas, primeira vez. O mundo bruto começa a arranhar sua pele — o elevador guincha e você se desespera, retesa o corpinho, crispa a testa tentando empurrar pra longe aquela luz branca horrorosa. Quero fazer alguma coisa, mas o quê? Minha voz talvez te acalme. E beijar! A boca alcança a linha do cabelo, e ali é tão gostoso. Do térreo ao 14º andar, devagar, beijando e sussurrando, minha Quidida, shhshshhs...

Mãe, mãe, mãe! Páááááára! Tarde, já tinha se jogado. Na frente de um carro, saída do aeroporto, assim que deixou o marido, depois de um pedido de divórcio. Não se machucou, mas se debatia tanto que o socorro disse, leva a um hospital, pede pra ver um psiquiatra. E sabia dirigir? O hospital vazio, o domingo tristíssimo. Anos 90, os carros funcionavam no muque, janela subia por maçaneta e as portas só abriam à chave. Conseguiu

trancar a mãe no carro, se sacudindo, revoltada, mas. Voltou já com um médico que aceitou atender no carro. Quem é o adulto responsável? Não tem. A família é do Rio. Sim, tenho uma avó. A campainha toca cedo, a avó pisa forte na casa mesmo depois da noite inteira no ônibus. Ôôôô Quidida e a abraça. Desaba.

Às 19h em ponto do dia em que você nasceu, eu, você, seu pai, minha mãe, que agora era também avó. Avisam que só um acompanhante pode passar a noite. Um olhar medroso mais alongado ainda vai tentar alcançar minha mãe, mas, não, a gente tinha que começar, nosso triângulo arredondado. Às 19h15 você engasga. Seu pai doido não sabendo o que fazer, me levanto amarrada no soro, te sacudo, você não respira, corre, chama alguém, a enfermeira que não é enfermeira, aquela posição costas com barriga, aperta num golpe, arrota, desengasga, ufa. Resto de parto, o problema. Tem que aspirar, ok, mas eu vou com ela. Não pode. Fui. E aí um tubinho entrando na sua garganta, você berrando, eu grudo na sua micro orelha, e agora já sem surpresa nenhuma: Quidida Quidida Quidida.

A mãe, que sempre foi mais de raivas que tristezas, levanta uns dias depois, quer ir no salão, supermercado, trabalho, precisa. Mas ainda não convence. Antes de sair pra escola, Mariana se lembra do revólver que o pai guardava em cima do armário. Pega a escada, vai certa, encontra. Precisa sumir com aquilo, mas como? Mostrou para avó que perdeu a cor: isso não é coisa pra você, Quidida. Põe o revólver na mochila de qualquer jeito, depois pensa no que fazer. Passa uma semana, um mês, indo e vindo no ônibus escolar, em sala de aula, no treino de vôlei, na casa das amigas, ela e a maldita mochila pesada. Até que. No final do final do último corredor da biblioteca da escola, atrás dos livros grandões, vai demorar até alguém descobrir.

HANNY SANTANA

A luz é curta

Comida ruim. Requentada no micro-ondas. O sofá e um convite para uma festa.

“Amanda faz 5!”, diz o cartão. Cinco, por um instante. Antes de 16:49, quatro. A partir de 16:51, cinco anos, mais um minuto.

E o próprio passar das horas, no relógio de Tia Joyce, decidiria por ela, caso não fizesse alguma coisa.

Decidiu, por fim, a meditação no chuveiro.

Foram-se a minissaia, as pulseiras, a gargantilha. Foram-se os amores e os beijos da tarde.

Desciam água preta pelo ralo.

Eram assim, tão sujos?

Desceu sangue também. Sangue que fez Tia Joyce sorrir.

E de repente:

Pilastras brancas reveladas, à sua frente, uma cachoeira.

A água continuou escorrendo.

A dúvida evaporou. Sem chiado ou fervura.

Desvaneceu o sofá e Amanda.

Por, digamos, frações de segundos.

A mulher tinha suas limitações.

Deus até quis mostrar-lhe algum mistério.

DA AUTORIA



Hanny. Hanny Santana. É uma mocinha de 17 anos do município de Maceió que depois de passear por tantos livros, aperreios e avenidas de ônibus, decidiu aglomerar tudo e criar algo que preste. Quando finalmente senta na cadeira, escreve umas histórias malucas desse mundo mais insano ainda. Pelas ruas, tira umas fotos. Você pode encontrá-la no Instagram [@primaveranoinverno](https://www.instagram.com/primaveranoinverno).

Quando Ele baixou os dedos, para tocar a sua testa.

Ela desligou o chuveiro.

O ar podre secou sua pele, poluiu seus pulmões como uma sentença.

Não foi para o descanso, nem para a festa da criança.

Ao invés, perdeu os cinco anos de Amanda com um homem muitos anos mais velho.

JESSICA LIMA

Alta performance

Venho trabalhando há alguns anos para esta companhia de tecnologia estrangeira. Eles criaram um **software** que permite a qualquer pessoa sem conhecimento construir o próprio site. Eles acreditam que estão dando poder e as ferramentas necessárias para que todos obtenham sucesso pessoal e profissional, basta querer.

O caso é que, no início, éramos somente eu, meu chefe da Nicarágua e mais dois colegas mexicanos prestando remotamente suporte técnico aos incautos que adquiriam o **software**. Tínhamos uma reunião semanal, de cerca de uma hora, onde eram tratados os assuntos e bugs mais recentes. Em pouco mais de um ano, a equipe aumentou para quinze pessoas e em dois anos éramos cerca de cinquenta sul-americanos trabalhando nove horas por dia e seis dias por semana, ganhando tão pouco que possibilitou ao dono da empresa contratar centenas de outros profissionais em países economicamente estratégicos.

O frenesi estava tão grande que todos os dias surgiam departamentos inteiros para gerenciar atividades que, até ontem, não eram nem imaginadas. Novos funcionários chegavam animados das mais remotas partes do sul global, cheios de esperança e vontade de vencer. A empresa expandiu de tal forma que chamou a atenção da mídia e dos investidores, que injetaram milhares de dólares para uma expansão ainda mais rápida.

DA AUTORIA



Apaixonada pelas palavras, já criava histórias e produzia pequenos livros na infância. Cedo mergulhei no mundo da literatura, encantada com a escrita de Gabriel García Márquez, Lima Barreto, Albert Camus, entre outros. Mas somente em 2023 retomei essa paixão e comecei a submeter meus trabalhos a editoras e concursos.

Assim, economizando em contratos de trabalho, a empresa se estabeleceu no planeta e, certa feita, achou de bom grado fazer uma festa para reunir os funcionários em algum local ensolarado, um encontro presencial de uma semana. Foi uma surpresa agradável e passamos cerca de um mês conjecturando como seria passar férias com os chefes, entre piadas, ansiedade e preocupações.

Estávamos animados, seria a primeira vez que eu faria uma viagem internacional com tudo pago, me senti importante. Nos encontramos no calor insuportável de Orlando em junho. Alguns colegas não puderam ir, pois tiveram seus pedidos de visto negados pela embaixada americana. Mesmo assim, foi interessante encontrar os poucos que foram e poder dar corpo aos rostos que, até então, eu só via em pequenos quadrados na tela do computador durante as reuniões. Mais interessante ainda, conversar e ver quantas coisas em comum todos nós tínhamos, desde gostos pessoais, idade, carreiras, escolha de cursos e faculdade.

O primeiro dia do encontro foi muito agradável, os chefes ainda não tinham chegado, houve uma conexão forte com meus colegas e era fácil interagir com todos eles. A partir do segundo dia, a excitação foi dando lugar a uma certa estranheza. Uma reunião tomou parte do dia que imaginávamos que seria de lazer. Meus colegas faziam um esforço genuíno para ser aceitos e agradar aos dois chefes, pareciam encantados pelo poder daqueles homens super brancos vindos de outras terras. Conforme conversávamos, fui reparando que todos compartilhavam muitas características pessoais e profissionais, muito além do currículo. Nós tínhamos também a mesma estatura, a mesma cor de olhos e de pele, falávamos os mesmos três idiomas. Até mesmo nossas expressões faciais, gestos e tom de voz criavam murmúrio constante no escritório alugado pela empresa. Quando eu sentia sede, o colega do lado levantava automaticamente para pegar água para si e, como em um estádio em ola, todos os outros revezavam o bebedouro ao mesmo tempo. Os movimentos eram sincronizados, como quando

pegávamos o celular para, discretamente, checar as redes sociais, enquanto os chefes explicavam como alcançaríamos as metas da empresa, ou quando alguma piada sem graça exigia gargalhadas mais altas. Como um exército de soldados ou como pernas de uma centopeia, atuávamos na coreografia de funcionários. Quando mencionei aos outros que sentavam mais próximos que estávamos parecendo bonecos sincronizados, ao invés de provocar surpresa, o fato foi entendido como coincidência e virei motivo de troça entre eles.

Não tenho memória de outro momento de minha vida em que tenha testemunhado tal desatino. Puxei pelo braço uma colega para o canto e perguntei-lhe se também não estava incomodada com as semelhanças entre nós — ela riu e concordou, mas não parecia preocupada com a homogeneidade dos nossos estilos de vida. Pelo contrário, parecia satisfeita de ver a confirmação das suas escolhas refletida na vida dos outros. Enquanto conversávamos, notei que meu gesto de puxá-la pelo braço causou estranheza e murmurinho assim que, em duplas, ficaram de cochicho também, como que mimetizando a nossa conversa.

Repetíamos os mesmos movimentos com as mãos para ajeitar o cabelo, nossos óculos tinham o mesmo grau e corrigiam a mesma deficiência e nossas roupas eram da mesma marca. Na conversa, vi que também tínhamos as mesmas aspirações e sonhos, os mesmos gostos pessoais, tanto em questões superficiais, como a predileção por cachorros ou a tendência à introspecção, quanto em questões mais profundas, como ter pais vivos, estar em um relacionamento, não querer ter filhos, questões de saúde, vida financeira, comida preferida e até as mesmas habilidades artísticas! Comecei a questionar minha saúde mental, me deu um mal-estar, uma tonteira. Isso tudo transcendia os limites da casualidade e eu fui ficando cada vez mais transtornada com a indiferença dos outros frente a tamanho absurdo.

Me afastei um pouco para tomar ar e observar aquelas pessoas ao

meu redor. Pensava na intrincada teia de dados que nos reuniu naquela sala. Sentia como se tivesse deslizado em um grande funil de informações meticulosamente coletadas que selecionou pessoas consideradas parecidas. Imaginava que tudo tinha sido levado em consideração, desde nossas interações *on-line*, em fóruns de discussão, participação em eventos, redes sociais e tantos outros rastros que deixamos *on-line* e sequer nos damos conta, além de toda propaganda que nos faz pensar que as ideias são nossas.

Notei que os gerentes populavam gráficos em seus *notebooks*, representações matemáticas e estatísticas de algum processo de aquisição e análise de pessoas, reunidas por alguma inteligência invisível que tinha vasculhado os recantos mais secretos de nossas vidas na internet. Eles revezavam momentos de interação descontraída com cada um de nós e, a cada conversa, os dois se reuniam em um canto e falavam por alguns minutos na sua língua materna, que nenhum de nós era capaz de compreender. Assim, fizeram um rodízio entre todos nós, entre conversas fiadas e relatórios. Eu me sentia atuando em uma peça de teatro sinistra sob os olhares condescendentes dos espectadores, como quando no zoológico nos damos conta das semelhanças entre os símios e os homens.

Não sei dizer se a nossa identidade era ignorada ou se estávamos mesclados uns nos outros como uma média aritmética, e eu não conseguia mais esconder meu desconforto. Parecíamos modelos em teste de desempenho. Alertei outro colega que também deu de ombros. Eu tentei chamar atenção de todos, acreditava que os chefes procuravam encontrar padrões ocultos, realizar previsões acerca de nossos comportamentos e interações que, *on-line*, seriam inacessíveis. Abordei todo mundo da maneira que pude, compartilhando discretamente a minha indignação, mas de balde. Nos dias que se seguiram, passei a ser vista como a colega tóxica que só reclamava das férias coletivas e passaram a evitar sentar ao meu lado durante as refeições.

Tive insônia naquela noite e resolvi descer até o jardim do hotel para buscar ar fresco. Minha colega mexicana pegou o elevador em seguida e, quando chegamos ao saguão, todos os outros já estavam lá, insones também. Eu perguntei o que estava acontecendo, por que cargas d'água estávamos todos voluntariamente reunidos às duas da manhã na recepção. Os motivos eram variados e as explicações frívolas. Ninguém parecia se surpreender com aquela cena. Ao fundo, no bar, um dos gerentes olhava para nós enquanto bebericava um *drink*.

No último dia das confraternizações, um dos funcionários foi promovido. Apertou a mão de cada um dos chefes sob nossas palmas e congratulações. Senti inveja junto com os outros e ficamos confabulando o que ele teria de melhor que nós, e assim saímos do escritório com planos de nos reunirmos à noite, para despedidas e jantar antes de partirmos de volta para nossos países.

Seria uma noite intensa e era esperado que todos se divertissem muito. Alguns colegas beberam demais e começaram a falar mais alto. Em certo ponto, alguém tirou a camisa e jogou para cima sob gargalhadas e gritos de apoio. Ninguém foi repreendido. Antes da meia noite, todos, menos eu, estavam completamente bêbados e com vontade de ir para casa, mas os chefes pediram a sobremesa e mais bebidas. Tenho dúvidas se o conceito de alegria é o mesmo para todas as pessoas, mas eu não conseguia me alienar do fato de que estávamos na presença das pessoas responsáveis pelo pagamento de nossos salários e que horas antes estavam avaliando nosso comportamento numa sala cheia de gente igual a mim. Então permaneci sóbria.

Uma semana depois da viagem, o clima de camaradagem ainda pairava nas reuniões *on-line*, ao mesmo tempo em que as métricas de desempenho se tornavam mais agressivas. Começaram avaliações semanais de performance, além de um monitoramento de tempo fora do computador, ou seja, não poderíamos passar mais do que quinze minutos longe da máquina. Passamos a trabalhar mais do que o dobro e toda semana alguém

recebia parabéns do chefe por se destacar no grupo, causando mal-estar nos outros. Abordei minha colega, perguntando se ela estava satisfeita com essas mudanças, expliquei que não fazia sentido trabalharmos mais que o dobro pelo mesmo salário. Ela finalmente disse que concordava e que havia outros descontentes também. Senti esperanças de que poderíamos reivindicar melhorias, visto que eu já havia reclamado ao chefe inúmeras vezes.

Marcamos uma reunião *on-line* para organizar nossas demandas, teoricamente apresentaríamos algumas reivindicações. Eu estava extasiada só de imaginar, mas às três da tarde somente minha colega mexicana entrou na reunião. Ela me perguntou o que mais eu queria da empresa, com um ar de quem não entende como a vida pode melhorar, e se não seria melhor sermos nós as *top performance* antes de reivindicarmos alguma mudança. Meses mais tarde, ela passou a ser a funcionária destaque da equipe e todo final de mês o chefe parabeniza a sua performance em público, mas os salários foram congelados por causa da guerra do Oriente Médio. Na última reunião, foi estipulada a meta de lucros deste ano, que é o dobro da meta do ano passado.

KAKA (KARINE VALESKA)

SOU INEVITÁVEL

Eu não gostava do gesto que eu fazia. Às vezes, acontecia após uma curta ou longa conversa. Não gostava porque este gesto *significa o inevitável fim*. Nem todos aceitavam muito bem. Alguns corriam aos gritos ou aos prantos, desesperados para voltar no tempo; outros simplesmente ficavam parados, como se estivessem finalmente compreendendo, mas não tardavam a negar veementemente, fingindo que eu não estava ali. Continua sendo assim.

É, lamentavelmente, *exaustivo*. Hoje, no entanto, entendo melhor o porquê.

— Eles não compreendem quando o tempo deles se esgota, não é? — disse meu único irmão, o mais velho, certa vez. Era 1950. Estávamos observando mais uma guerra começar, desta vez em uma nação recentemente dividida, que derramava mais e mais sangue, o que muito me entristecia. — Não é de se espantar, uma vez que eles perdem tempo com isso.

O vi apontar para frente. Assenti, sendo incapaz, por um instante, de fazer o mesmo gesto de sempre naquele momento. Não era a primeira vez. E *certamente* não seria a última.

— Até quando? — indaguei após um prolongado suspiro. Eu sabia que o único que teria alguma resposta concreta era Ele. Olhei-o atentamente, esperando. Os compridos cabelos brancos esvoaçavam, de modo que cobriam continuamente o rosto envelhecido. Mas eu sabia que Ele estava com a mesma expressão serena que sempre

DA AUTORIA



Chamo-me **Karine Valeska (Kaka)**, sou alagoana e estudo Letras – Português na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Apreciando a literatura da maneira que mais me agrada, costumo ler obras contemporâneas e, quando a vontade de expressar artisticamente reverbera neste mundo em que vivemos, amo me aventurar escrevendo poemas e contos.

sustentava. Independente do cenário que seus olhos cinzas contemplassem, Ele mantinha-se sereno, como se houvesse uma grande chance do amanhã ser melhor. Eu sabia, no entanto, que não seria melhor, pois sentia em meu âmagô a consequência final dos atos alheios.

Com a demora da resposta que eu ansiava, saí silenciosamente.

— O horror perdurará. Em cada tempo. É inevitável, minha querida...

Assim como você.

Continuei em frente, os olhos transbordando. Tinha muito ***trabalho*** pela frente.

Foram poucas as vezes que trocamos algumas palavras. Eu não o via constantemente. Na verdade, eu não via nenhum dos meus irmãos com frequência. Cada um estava ocupado com o seu trabalho. Não tínhamos tempo para “visitas”. Por vezes, nossos caminhos naturalmente se cruzavam, o que nos dava um tempinho para a ***vida*** um do outro. Vida...

A minha vida era tirar vidas.

Alguns dos meus irmãos perderam o viço à medida que o tempo passava, como o Desejo; outros ganhavam, como a Desgraça. Era de se esperar, é claro. Eu apenas lamentava.

Quando estava prestes a começar um novo milênio, eu e Desejo nos esbarramos.

— Estou cada vez mais fraco — disse ele, com pesar. — Ao menos, minha gêmea está cada vez mais forte.

— Eles estão perdendo-te de vista, não é? — constatei, vendo-o assentir, cabisbaixo.

Vi uma lágrima solitária escorrer lentamente, e eu a capturei antes que caísse no chão. Afastei-me para conversar com o próximo ser que aceitaria — nem tão bem — o meu gesto. Meu irmão observou-me em silêncio. Ele não era visto pelo ser, o que era tão bom quanto ruim. Ele só poderia ser visto se a pessoa realmente o sentisse como deveria. Nesse momento, era possível. Sobretudo nesse momento: quando a vida inteira passa diante dos olhos e o desejo de viver reverbera a todo vapor.

— Nem todos me conhecem, irmã. Quero dizer, não me sentem *devidamente*. Eles acham que apenas minha gêmea existe — ele tornou a falar assim que deixei o ser seguir em frente. — Mas eu vivo... *estou aqui*.

Olhei-o e não tardei a abraçá-lo fortemente. Senti ele fazer um carinho em meus cachos volumosos, e eu retribuí passando os dedos delicadamente por suas costas. Quando nos afastamos, ele olhou atentamente para meus olhos, que transmitiam o afeto fundamental no momento de cada gesto. Sorrindo pequeno, eu disse:

— Enquanto houver vida, mesmo neste mundo cruel, você será sentido e reverberado.

Ele sorriu genuinamente.

— E você também, minha querida irmã.

Não consegui conter uma risada.

— Eu? Eu sou simplesmente *odiada*. Até mesmo aqueles que forçam seu encontro comigo querem mais viver do que morrer. Eu *mato* os que querem *mais* viver...

Ao falar isso em voz alta, não consegui conter as lágrimas. Desejo abraçou-me.

— Se eu sou fundamental, você é mais ainda — disse ele, afastando-se para olhar-me profundamente enquanto enxugava as minhas lágrimas. — Eles precisam morrer para reviver. O mundo funciona assim.

Eu nada disse. Sorri em agradecimento. Não sei se acreditava totalmente em suas palavras, mas confesso que ajudaram-me a continuar fazendo o gesto, *apesar de tudo*.

Voltei a vê-lo outras vezes, mas não trocamos nenhuma palavra. Certo dia, fiz o gesto para um ser que deixou-me profundamente intrigada — eram poucos aqueles que eu estimava tanto, que cogitava a possibilidade de adiar um pouco mais o meu gesto. Desta vez, no entanto, algo de diferente aconteceu, e eu percebi que o meu gesto — tão genuinamente executado — se fez necessário.

Eu estava vestida de cetim quando apareci para o ser, que era uma

jovem mulher. Sentei-me ao seu lado no banco da praça. Ela observava, em silêncio, a presença de cada pessoa por ali. Como a minha própria presença ainda não havia sido notada, decidi observar também.

Um casal discutia a relação em frente à fonte da praça; uma mãe conversava gentilmente com seu filho a poucos metros do casal; um adolescente enxugava as lágrimas que insistiam em cair enquanto ele olhava para seu celular; crianças brincavam por toda a área, correndo para lá e para cá; uma senhorinha alimentava os pombos com certa dificuldade; um homem grande discutia furiosamente com alguém pelo telefone; uma bebê chorava alto, mas foi diminuindo à medida que seus dois pais a ninavam; um grupinho de jovens adultos ria de algo bem próximo de onde estava a senhorinha, e ela, vez ou outra, sorria para eles e para as crianças que corriam.

— Interessante, né? Como as pessoas são...

Pisquei os olhos ao ouvir a voz suave do ser ao meu lado. Por um instante, havia me esquecido por que eu estava ali. De soslaio, percebi que a mulher ainda não olhava para mim. Agora ela contemplava o início do pôr do sol. Decidi encará-la.

Ela era jovem ainda, por volta de três décadas de vida. Seus cabelos trançados chegavam a bater em sua cintura, e os olhos esverdeados, juntamente com as vestes claras, contrastavam com a cor negra de sua pele. Possuía uma expressão muito tranquila, e quando ela encarou-me de volta — apoiando o cotovelo no encosto do banco, assim como eu fazia —, tive certeza disso.

Por um breve momento, os mindinhos de nossas mãos se tocaram, e eu — além de conseguir acesso à sua vida — senti com mais precisão a *aura* de sua alma. Seria daquelas que iriam deixar uma marca registrada. Se eu pertencesse a este mundo, assim como ela, uma mortal, certamente me encantaria por toda sua beleza.

— Você não acha? — insistiu ela, voltando sua atenção à frente. — Olhe pra eles.

Desviei meu olhar também. Não era muito comum o ser iniciar a conversa, mas eu gostava quando faziam isso. Ser mais ouvinte do que falante agradava-me demais. Eu apreciava ouvi-los. Nem todos têm essa oportunidade antes que o gesto seja feito. Muitos vão embora muito repentinamente, de diversas formas possíveis — muitas destas passam longe de serem boas. Meu gesto, nesses casos, é incompleto, uma vez que eu não tenho como guiar todos para que se desprendam deste mundo. É por isso que diversas almas continuam presas aqui. E eu consigo visualizar muitas delas nesta praça.

— Diga-me o que você vê — disse para ela, que demorou um pouco para responder.

Tínhamos tempo. Ela iria ter um infarto daqui a uns dez minutos.

— Enquanto o sol se põe, eu vejo uma *partezinha* do mundo bem aqui — disse ela, cruzando as pernas. — Como o moldamos ao longo do tempo, e vice-versa...

Eu nada disse. Ela prosseguiu.

— Eu venho aqui quase todo fim de tarde. É quando a praça está mais movimentada, e eu vejo de tudo um pouco. Pessoas brigando, pessoas sorrindo, pessoas chorando, pessoas irritadas, pessoas confusas, pessoas com medo, pessoas gentis, pessoas amando... Pessoas, entende? — assenti, mas não sei se ela viu. — É muito interessante parar um pouquinho dessa vida, que cada vez mais nos sufoca, e enxergar o que não é visto.

— Enxergar o que exatamente?

— O que nós somos e como estamos cada vez mais sozinhos nesse mundinho, nesse horror que nos adocece... Veja ali — acenou sutilmente. — A senhorinha alimentando os pombos está bem próxima daquele grupinho de “adolescentes”. Ela vem toda tarde aqui e faz a mesma coisa. Sempre sozinha. Ninguém nunca faz companhia a ela. Nem mesmo a *Morte*.

Fiquei intrigada com a menção *quase* irônica. *Não está na hora dela*, eu pensei.

— E o que você espera? Que ela morra?

Sei que fui um pouco rude, mas me acham coisa pior. Então, tudo bem.

— Às vezes, é melhor morrer do que continuar sofrendo em silêncio e sozinho... — nesse momento, os jovens notaram a presença da senhorinha. Ela acenou gentilmente para eles, que afastaram-se imediatamente com expressões de desdém. — Não acha?

— Não — eu estava mais séria quando a encarei ao meu lado. — Por que acha isso? Você acha que morrer é bom?

— Sem a Morte, esse mundo estaria ainda mais perdido. Temos que morrer. É inevitável, né? Infelizmente, nem todas as mortes são justas, mas isso não é culpa da Morte. Vivemos para morrer e reviver.

— Você acha?

— É. Mas convenhamos: não estamos vivendo porra nenhuma. Estamos apenas *sobrevivendo*. Então, que seja!

Neguei com a cabeça. Aonde ela estava querendo chegar? Só sei que o tempo dela estava chegando ao fim. Por isso não quis refutá-la. Apenas lamentei, como sempre fazia.

— Deixa eu te contar um segredo: o fato de estarmos sobrevivendo, apesar de tudo... tem muita força, sabia? — ela praticamente sussurrou isso. — Sei lá se o amanhã será um pouquinho melhor ou se tudo continuará se repetindo. Somos pequenos demais... e separados assim — dessa vez, ela apontou para cada pessoa da praça —, a gente é seduzido pelo horror... pela dor. E aí continuamos a sobreviver.

Comecei a ficar preocupada, muito embora soubesse que faria o gesto em instantes.

— Por que está falando tudo isso?

Ela riu baixinho, como se estivesse se dando conta do que dizia.

— Desculpa pelas minhas *reflexões* confusas, é... qual o seu nome? Meu Deus, nem me apresentei. Eu me chamo Ana Luiza, mas pode me chamar apenas de Luz.

Eu já sabia seu nome. Sabia, também, que ela tinha trinta e dois anos, trabalhava como professora, tivera uma infância difícil, pais falecidos, poucos amigos, morava sozinha, tomava remédio controlado para dormir e lutava contra a depressão desde os treze anos. Seu maior momento de alegria era quando pisava na sala de aula. Seus desenhos e poemas serviam-lhe de apoio nos dias mais solitários e sombrios, impedindo-a de entregar-se a mim — ela já tentara algumas vezes, num triste ato de querer viver desesperadamente.

Estava chegando a hora.

— Você é linda, Luz. Desculpe-me...

— Pelo quê? Você foi a única pessoa que veio falar comigo aqui nessa praça, sabia? Quero dizer, a segunda pessoa... ah, e você é linda também! Qual seu nome?

Primeiro, eu vi meu irmão mais velho. Ele estava sentado tranquilamente num banco em frente à fonte. Depois, eu vi Desejo se aproximar. Ambos se entreolharam por um momento antes de olharem em minha direção. Esperavam que eu fizesse o **gesto**.

Nesse momento, eu refleti ligeiramente. É verdade que eu não determino quando e como cada ser irá morrer. Ainda assim, **eu mato**. E este gesto, no entanto, **continuará** a ser feito.

De repente, Luz segurou minha mão. Eu queria tanto ouvi-la, compreendê-la...

— Tudo bem... — ela olhava para o pôr do sol, tão encantador que a emocionou. Quando encarou-me, viu algo em meu olhar, **como se soubesse**. — Vá em frente.

Muito delicadamente, aproximei-me e deixei um beijo em sua testa. Luz sentiu dor em seu peito, mas não transpareceu. Quando afastei meus lábios, ela já não pertencia mais ao mundo material. Do outro lado, nada disse; apenas deixou-se guiar tranquilamente, sustentando um sorriso pequeno. Pouco antes de ir, ela agradeceu-me pelo olhar. Retribuí.

— Ela me viu — disse Desejo, sorrindo.

— Ela *enxergou* — e Destino sustentava aquela velha expressão tranquila. Permaneci em *silêncio*. — E aceitou.

Deixei-os, passando pelo corpo sem vida de Luz — parecendo denotar falta de viço, embora sua alma continue a *brilhar*. Fui embora; precisava fazer *meu gesto* por aí. Afinal, como dizem, às vezes com desdém, às vezes com medo, às vezes com conformismo:

“A Morte é inevitável.”

KATHARINA FRAGA

A janela

“**N**ão quero incomodar”. A frase estancou em sua mente dando ordem contrária ao impulso de abrir as cortinas do janelão da sala. “Nem quero ser incomodado”. Olhou para baixo e deu de cara com a barriga branca, um pouco flácida, preenchida de pelos muito escuros que o suor transformava em caminhos sinuosos. Todas aquelas estradas peludas iam desembocar num tecido acetinado de cor vermelha já desbotada do uso.

Abrir as cortinas logo pela manhã, usando nada mais que o calção que lhe servia de pijama, era ilegal por ali. Acontece que a vista de uma das janelas de seu apartamento dava justamente para outra janela, de outro apartamento, em outro bloco defronte ao seu. Não conseguia lembrar há quanto tempo a janela tinha virado uma questão para ele. Em um dia qualquer, estava arrumando almofadas estampadas por cima do sofá da sala, quando notou a vizinha da janela em frente o cumprimentando alegremente com uma caixa de mudança nas mãos. Retribuiu o gesto, como manda uma boa educação, fechou a janela e a cortina, nunca mais deixou que ficassem abertas.

Desde muito novo, ali pelos anos da adolescência, percebia em si um desconforto desproporcional quando sabia que estava sendo observado. Se por acaso adivinhasse, pelos cantos dos olhos, que a atenção de alguém

DA AUTORIA



Um pouco pernambucana, um pouco sergipana, atualmente considera-se alagoana, mas nasceu mesmo na orgulhosa terra da Pitú, Vitória de Santo Antão (PE). Formada em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, leciona a disciplina em Craíbas, Alagoas. Reside em Arapiraca (AL), onde recomeça a vida mais uma vez. Apesar de viver em terras de fumo, não é fumante. Ultimamente tem embrenhado pelas matas das Letras, onde tenta se reencontrar.

repousava sobre si, sentia uma revolução em cada um de seus músculos. O fenômeno começava na região do pescoço que enterrava-se por completo entre os ombros. E então os braços subitamente eram construídos de concreto armado, assim como as duas pernas. Transformado o corpo todo em poste, rezava para não ser instado a exercer uma função ordinária qualquer. Caso precisasse traçar um caminho em linha reta do ponto A ao ponto B, necessitaria do vigor próprio de um Hércules, além da capacidade estratégica de cinco grandes mestres na arte da guerra para completar a simples tarefa. E então, por consequência corpórea, desde que a vizinha simpática tinha lhe oferecido um cumprimento desprezioso, aquela janela virou o descomunal olho de uma medusa, precisando estar sempre coberto, para a segurança de seus músculos.

Nas únicas ocasiões em que se permitia abrir aquela cortina, deixando sua intimidade exposta, o fazia com o pretexto de dar água às plantas que ficavam no canteiro anexo à janela. Assim como um herói grego, fazia juz a diversas artimanhas para enfrentar a empreitada. Não podia aparecer à janela com roupas que considerasse indecentes. Fazia tudo o que fosse possível para velar sua intimidade ao olhar da vizinha da frente. Listras verticais para aparentar ser mais alto. Cores escuras para aparentar ser mais magro. Vestir-se como se deve. Nada muito escandaloso, nada muito pudico. Um pouco de pó para esconder as olheiras. Não queria aparecer como um homem desleixado.

Além da aparência geral do corpo, cuidava também do gestual. Evitava movimentos que pudessem ser mal interpretados. Tudo calculado e ensaiado. Cuidado com a posição dos braços e das mãos. Cuidado com a expressão das sobrancelhas e da boca. E muito (muito!) cuidado com o olhar. Nunca direcionar a pupila para a janela da vizinha defronte. Ah não! Isso seria MUITO incômodo. O tempo era meticulosamente cronometrado. Aprendeu que para regar suas plantas custava precisamente cinco minutos com a janela aberta, tendo todo o material preparado à sua disposição para o uso.

Tempo demais é suspeito, tempo de menos também é suspeito. Queria deixar evidente que sua ida diária à janela era inocente. Era um homem bom, com boas intenções.

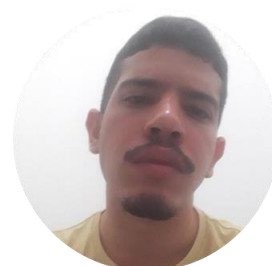
LEONARDO BOMFIM

O enterro, a consumição

À frente de todos, parselhas de homens iam recrudescendo o passo, fazendo arranjo de força para levar adiante o cortejo. Depois das voltas vagarosas pelas bandas do campo, contornando carreirames de casas e riozinhos rasantes, chegavam ao terço final daquela espécie de via dolorosa pela matriarca. A morte a recolhera dias antes em seu regaço, e agora, como que num trabalho diabólico de transposição, parecia encarnar-se no sol escaldante por cima, vingando sobre as cabeças descobertas o quinhão de sofrimento que se dispensa a todos, os vivos e os moribundos, os que ainda percorrem a terra e os que se aproximam da cova.

Um delírio morno entorpecia os membros, as pernas capengavam no serviço duro do carregamento. Mas o ajuntamento de todos diante do caixão pesado e soturno, com finos paramentos de ouro contrastando com as cores mortas, não cederia ao desânimo que a visagem de mais uma escarpa impingia sobre quem levantasse os olhos. Um ou outro vozerio de crianças, largadas às incansáveis corridas, rompia a massa surda de lamúrias e choros convulsos, que antes enchiam o ar de um grotesco insuportável, algo de uma matéria de sonho e neblina mesmo sob o vasto dia azul. Os olhos iam reboando pela abertura extensa que calhava nos montes verdes. Uma neblina, um delírio, um novelo difícil de visagens absurdas, oscilações do espírito que seguem as mortificações da carne, tudo isso vinha como corolário dessa demência grupal, desse inútil congraçamento de braços virtualmente amputados, desse abandono a uma salvação incerta. Cada um dos penitentes figurava ali numa gradação crescente de filhos pródigos, mesmo os que não eram filhos, mesmo os de estranha procedência, vindo voejar em torno como pássaros negros curiando a presa. Filhos pródigos da matriarca que jazia no esquife, ou filhos do poder parasitário da morte, do poder atrator que a morte engendrava

DA AUTORIA



Leonardo Bomfim é estudante de Letras na UFAL.

nos homens e que os fazia orbitar em torno dela como se dependessem unicamente disso para sobreviver. Sobreviver por meio da morte dos outros, vendo a lenta agonia da morte dos outros. Mas, nos tempos por vir, a redenção havia de ser um esforço de sacrifícios desumanos, pois que os atormentaria sem lenitivos nem remédios, um martírio sem a presença de deus. Não eram os descampados solitários, as grandes distâncias ao deus-dará, por onde o espírito da mãe se perderia rumo a uma cave invisível, mas a certeza de que, embora fechada em lápide, a tragédia desse mal obscuro continuaria suas diabruras, percorrendo no encalço daqueles corpos a renovação dos círculos de inferno, os pequenos círculos de inferno que infestam a cabeça do homem e o fazem, um dia, deter a marcha.

7 de março de 2024,
Leonardo Bomfim.

MACIEL SHELTER

Maria dos Farrapos

No século XVII, em algum lugar da América do Sul, se comemorava a morte... Naquela noite, Maria estava radiante! Exuberante! Usava um vestido combinando as cores preto e verde que desenhava seu corpo de forma indescritível. O vestido era composto por uma camada de renda francesa vermelha que valorizava ainda mais a silhueta de Maria na sua totalidade. Usava, também, um conjunto de joias esmeraldas e um batom vermelho que acentuava seu rosto angelical. Unhas grandes, pintadas de vermelho, com detalhes pretos, bem pontudas e afiadas.

Encontrava-se na escuridão do seu quarto, como de costume. Tal escuridão era ao mesmo tempo atravessada pelo clarão das velas e da lua que se espalhava em seus aposentos. Maria, recém herdeira de uma riqueza incalculável, tornou-se, mesmo a contragosto, a mulher mais rica daquele Vilarejo: o Vilarejo da Morte! A famosa Maria sempre foi uma mulher muito invejada, pois, diante de tanta riqueza, continuava humilde, sempre atenciosa com sua comunidade, sempre se impunha diante dos homens que tentavam lhe ludibriar.

Era uma mulher de cultivar poucas amizades, tão tal, que se contavam nos dedos seus afetos. Maria cultivava uma amizade, um carinho e um respeito por Cassandra, filha de Somália. Somália seria a pessoa mais dócil e de confiança da família de Maria. Portanto, a amizade de Maria e Cassandra cresceu de modo que se tornaram inseparáveis, criando uma irmandade inquestionável e invejável.

DA AUTORIA



Professor de Artes (SE-DUC/AL); Mestre em Antropologia Social (PPGAS/ICS/UFAL); Licenciado em Dança e Pós-graduando em Arte e Sociedade (UFAL). Filho de Oxóssi, artista-pesquisador da dança e autor do livro *Eu, Farrapo!*

Infelizmente, Maria perdera os pais em um acidente de carroça e com essa fatalidade Maria entendia o luto como uma oportunidade de seguir sua vida na terra de forma feliz, dando continuidade aos trabalhos dos pais, pois, desta forma, o espírito deles estaria em paz.

Maria estava noiva de Antônio fazia quatro anos. Qualquer pessoa que visse o casal junto notaria o amor que um sentia e nutria pelo outro, tanto que ninguém nunca soube nada de Antônio, homem insuspeitável! Nem as mulheres do Vilarejo tinham coragem de tentar nada com ele, pois, além de gostarem muito de Maria, tinham um respeito admirável pelo casal.

Como o Dia de Finados é considerado o dia de todos os mortos, em homenagem a seus pais, Maria marca a data do seu casamento para este dia. Não se importando com certas crendices, como uma que dizia que o noivo não podia ver a noiva antes do casamento.

No dia do casamento, a moça romântica e feliz resolve ir ver seu “quase marido” no quarto que fica do outro lado do seu, a fim de lhe contar o maior segredo da sua vida, pois, sendo ele seu marido, deveria saber.

Chegando no quarto de forma silenciosa, pensando que seria uma surpresa boa, quem tem a surpresa é ela. Quando abre a porta Maria se depara com a pior cena que se passava diante dos seus olhos, Cassandra seminua, aos beijos com Antônio que também se encontrava seminua... Incrédula, não consegue dizer uma palavra... Sai dali do mesmo jeito que entrou, em silêncio. Correndo em direção à cozinha, pega um litro de cachaça qualquer que havia ali e sai perambulando... sem rumo e sem destino, cantarolava entre lágrimas e soluços: — *“Um amor de falsidade eu não quero!”* O fato é que Maria nunca tinha bebido tanto como naquele dia...

*

De tanto caminhar, estava tão longe do seu Vilarejo que não sabia mais como retornar e deixou-se levar pelo caminho... E vagou pela madrugada... Lá pelas tantas horas da noite se depara com uma casa de beira de estrada,

se tratava do Bordel da Dona Rosa, uma mulher madura de seus quarenta anos, dona de uma beleza também invejável...

Àquela altura, toda esfarrapada, com o seu vestido sujo, em fiapos, olha fixamente para Dona Rosa sem dizer uma palavra, apenas as lágrimas escorrendo. Dona Rosa, por sua vez, pergunta seu nome e, aos risos de deboche para esconder sua tristeza e dor, responde: — Não está vendo, moça?! Eu sou Maria, Maria do Farrapo, Maria Farrapo... — e gargalhava junto com suas lágrimas...

Dona Rosa, compadecida, acolhe Maria, colocando-a no melhor quarto do bordel, sendo este o quarto da própria Rosa, e a deixa descansar... Ao acordar, assustada, aflita e atônita, Maria questiona onde estava, sendo recebida com um belo sorriso de Dona Rosa, respondendo que ela estava em um ótimo lugar e que não sabia por que e nem como, mas que todos os mistérios que dona Rosa conhecia deveriam ser passados para Maria, caso ela aceitasse, inclusive para não sofrer por nenhum homem novamente.

Maria aceitou imediatamente a proposta, e desde então Maria tem se dedicado aos negócios, cuidando do crescimento do Cabaré, administrando as moças antigas e novatas, deixando toda aquela riqueza anterior de lado. Maria Farrapo, como ficou conhecida no Cabaré de dona Rosa, não se deixava abalar por nenhum homem, se preocupando em enriquecer mais e mais, construindo seu próprio império, não se preocupando com roupas novas, inclusive para despistar os homens interesseiros que se lançavam em seu caminho...

*

Na noite da descoberta da traição, Maria pensou que havia saído em silêncio do quarto de Antônio e não percebeu que Cassandra estava indo atrás dela, enquanto Antônio fica no quarto lamentando ter caído na conversa de Cassandra e deixando-se levar por aquele momento.

Ao chegar na cozinha, Cassandra dá de cara com Maria e as duas entram numa discussão. Cassandra tenta mentir e omitir o feito, tentando se eximir da culpa, jogando toda a responsabilidade para Antônio. No entanto, Maria sempre foi decidida e não acreditava mais na “amiga-irmã”.

Maria então desabafa: — Como você foi capaz? Eu te tratei como minha irmã, fiz de tudo por você e você me agradece desta forma? No dia do meu casamento? Com o homem que eu mais amava nessa vida e você via o nosso amor! Cassandra, saia daqui, não quero ouvir suas desculpas!

Vendo que Maria não acreditaria em nada que argumentasse ou justificasse, Cassandra pega uma faca que estava ao lado do bolo, em cima da mesa. À medida que Maria se abaixa para pegar o litro de cachaça que estava numa caixa ao lado do fogão de lenha, Cassandra ataca Maria pelas costas com sete facadas no peito. Sem remorso, Cassandra ceifa a vida de Maria e assume o seu lugar, como sempre desejou e nunca ninguém havia percebido.

*

E perambulando, em lágrimas Maria ainda não se deu conta de que não se encontrava mais entre os vivos...

MARIANA CARVALHO

ÓRFÃOS

Ernesto arrombou a porta da casa da velha dos trinta e seis gatos; o cheiro de carne putrefata e as varejeiras formando uma espessa nuvem preta. Alguns bichanos já mortos, outros roíam os ossos do corpo humano estirado no chão da cozinha. A vizinha quem chamou os bombeiros. A porta foi isolada, mas as janelas com vidros quebrados permitiam ver o homem fazendo o seu serviço, chamando os companheiros, salvando os animais, retirando o corpo da velha. Quem mandou seguir a carreira do pai? Trabalho que dependia da desgraça alheia para acontecer. Ficava feliz quando a chamada era um trabalho de parto, ou até um bichinho que subiu numa árvore e não conseguiu voltar sozinho, mas o que pegava mesmo eram incêndios, tentativas de suicídios, afogamentos, pessoas desaparecidas.

O resto do corpo da velha se desfez com o esforço de colocar na maca-caixão; os gatos haviam sido evacuados, os vivos e os mortos; não tinha mais o que ser feito ali. Ernesto foi para casa, tomou o banho de sempre - deixando a pele quase em carne viva de tanto esfregar -, jantou uns restos de comida, ligou a TV, dormiu assistindo ao especial de Natal do Roberto Carlos.

Véspera de Natal costumava ter chamadas de suicídio. As pessoas sozinhas, aquele clima de família-presente-amor-oração, muita merda passa

DA AUTORIA



Mariana Carvalho é uma baiana que mora em Brasília e sente saudades do mar. Co-autora do livro de contos e fotografias *retratofalado - ensaios em estado de imagem*, selecionado para a Feira Literária de Pirenópolis (Flipiri). Publicou contos nas revistas Traços, Seca, Subtextos, Contos de Samsara; nas coletâneas Off-Flip 2022 e 2023; e no livro coletivo *Trans-Lúcidas*, sobre mulheres transexuais no sistema prisional. Faz parte do grupo de escritoras Coletivo Escrevientes.

pela cabeça. Ernesto acordou já antevendo como seria o seu dia (e noite). Costumava ficar de plantão em datas comemorativas - solteiro, sem filhos, pais falecidos. Não fazia mesmo questão e sabia que os colegas queriam muito ficar com as famílias. Colocou a farda, café preto e pão na chapa na padaria do lado de casa, trajeto a pé para o batalhão.

Para um vinte e quatro de dezembro, a jornada de trabalho seguiu tranquila. Final de ano é sempre assim, retrospectivas, balanços, um monte de lista do que conquistou, o que deixou para trás. Pensou em Sabrina, sua noiva. *Ex-noiva, Ernesto. Por onde ela andará?* Depois do final do relacionamento, Sabrina bloqueou o ex-noivo em todas as redes sociais, mudou de número de celular e se afastou dos amigos em comum.

Um namoro longo, daqueles que ninguém aposta que vai acabar. Almoços de domingo com as famílias reunidas, macarronada, lasanha, coca jumbo, pavê de ameixa, cafezinho da Dona Almeida. Viagens para Florianópolis no verão e para a serra no inverno. Um cachorrinho chamado Chico que dormia nos pés deles, entre as cobertas. Nos dois últimos anos, moravam juntos, escovas de dente, geladeira comprada a prestações, fogão dado pelo padrinho. Ernesto achava que tudo corria bem e que em um ano se casaria com Sabrina. Juntavam grana para uma festa grande, queriam convidar a parentada toda, fazer inveja às primas, ela ria falando isso. Lua-de-mel em Buenos Aires, passaportes tirados pela primeira vez, os dois se deleitavam na cama pensando em todos os detalhes.

O plantão acabou e Ernesto decidiu passar na casa dos pais de Sabrina para desejar um Feliz Natal. Eles seguiam em contato, trocando figurinhas no WhatsApp, se encontrando em ocasiões especiais, provendo refeições. Nunca cruzou com a ex-noiva, soube que ela não aparecia mais pelo bairro porque não queria de jeito nenhum encontrar com Ernesto depois de tudo. Uma gravidez, depois um sangramento. O aborto. A depressão. A separação. Para Ernesto, eles continuariam juntos, enfrentariam aquela barra toda de mãos dadas, sairiam mais fortalecidos do

caos.

Dona Almeida e Seu Fabrício abriram a porta de casa com um sorriso no rosto. Depois que os pais dele faleceram, os ex-sogros se aproximaram ainda mais; ligações para saber se estava bem, se precisava de alguma coisa; comidinha entregue no final de semana; abraços mais apertados. ***Entre, meu filho.*** Tudo igualzinho como era antes, os móveis de madeira escura, a poltrona de veludo verde, os porta-retratos em cima do piano.

Ernesto se aproximou daquelas fotos tão conhecidas e viu que algo parecia diferente. As fotos de Sabrina e seu irmão mais novo quando crianças ainda estavam por ali, Dona Almeida grávida, a família abraçada no pé do Cristo Redentor, o vira-lata falecido. Peraí, uma foto de Sabrina com um bebê no colo, um cara barbudo ao lado dela, abraçando a cintura agora mais grossa. Uma imagem encenada, coisa de fotógrafo, um lugar bonito, cheio de árvores. Ernesto segurou o porta-retrato com as duas mãos, passou o dedo em cada centímetro. Dona Almeida pegou bem devagar o objeto e colocou novamente em cima do piano. ***Ernesto, você precisa esquecer a minha filha.***

Ele se sentou na poltrona com a cabeça baixa. Sabrina refez a vida em menos de dois anos e ele continuava ali, vivendo para os outros, salvando vidas. ***Como é o nome do seu netinho, tia?*** Dona Almeida ficou em silêncio. ***Não posso nem saber o nome do bebê que podia ser meu?*** Seu Fabrício falou que ia abrir uma cerveja. A velha levantou a cabeça de Ernesto, ***é Melissa, o nome dela.*** Ernesto chorou igual criança. Era também uma menininha o bebê que morreu aos cinco meses na barriga de Sabrina. Má-formação cardíaca. ***E quem é esse cara do lado dela, marido, noivo, namorado?*** A velha ficou na dúvida se seria bom continuar com aquela conversa, talvez um choque de realidade poderia ajudar. ***O Armando é namorado, mas eles já moram juntos. Se conheceram no trabalho novo dela.***

Depois de alguns minutos de silêncio, as lágrimas ainda escorrendo pelas bochechas, Ernesto se levantou de um pulo e saiu pela porta principal sem se despedir. Correu como numa maratona, até perder o ar. Parou,

esbaforido, depois de uns quatro quilômetros a toda velocidade. Viu que havia várias chamadas perdidas no celular, Dona Almeida e Seu Fabrício deviam estar nervosos.

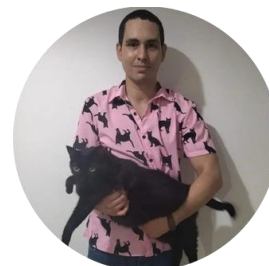
Ao olhar ao redor com as mãos apoiadas no joelho, tentando recuperar o fôlego, se deu conta de que estava parado na porta da casa da velha, as janelas quebradas, a porta isolada com faixas amarelas e pretas. Abriu o portãozinho enferrujado, rasgou as faixas, virou a maçaneta. O mal cheiro ainda persistia, além da escuridão abafada pelos tapetes, cortinas e sofás rasgados. Ouviu um miado fraco vindo da cozinha. Então sobrou um, órfão como ele, perdido no vão entre a geladeira e a pia. Ernesto chegou perto do bichinho, conseguiu alcançar as patas dianteiras e puxou para perto de si. O gato protestou, arranhou a mão do bombeiro, depois foi se acostumando com o intruso e se aconchegou nos seus braços. Pelo menos uma companhia para o almoço de Natal Ernesto teria; precisava comprar leite.

NICOLAS ROSA

Favela Venceu

Esse caso se deu entre 2005 e 2006, quando eu tinha entre 13 e 15 anos. Eu morava no eixo VI do paralela *Park*, um condomínio de prédios construído pela Caixa nos anos 90. Naquela época aquela região não era tão atraente, apesar de não ter grandes problemas. O metrô era algo que as pessoas achavam que ia ser feito em 2050, se sequer fosse até aquela localidade. E compartilhava com Brotas a maldição de, apesar de não ser muito longe de nada, não ter linha direta de ônibus para quase lugar nenhum, numa época que a integração era inexistente. O Paralela e outros condomínios da região também não tinham muitas amenidades; a tendência dos condomínios que eram quase Cidade-Estado com praticamente soberania própria ainda iria demorar alguns anos para aparecer. Até então as incorporadoras entregavam caixas de concreto com faixas de asfalto no meio, um centro de convivência para colocar a associação de moradores, um salão de eventos e alguns quiosques para pequenos comércios, e declaravam o resultado disso pronto para habitação humana. Cresci no Paralela acompanhando o trabalho que os moradores faziam para aprimorar aquilo que a Caixa e outras empresas fizeram na construção dos condomínios. Cada prédio colocava cercas e acabamentos melhores que os originais. Os condomínios colocavam guaritas e cercas externas para evitar

DA AUTORIA



Bombeiro Militar, vive num apartamento em Salvador com a noiva e um casal de gatos. Foi Conselheiro Municipal de Cultura e Diretor de DQA no Rotaract em Santo Antônio de Jesus, última cidade em que morou. Recentemente, formou-se Multiplicador no Politize e logrou aprovação em variadas antologias, de poesias, crônicas e contos. Sua aprovação mais recente foi como finalista no concurso Jornadas de Junho do Jornal Nova Democracia, com o poema *O Julgamento*.

que carros e pessoas desejados entrassem no seu espaço. Minha mãe, primeiro como síndica do prédio, e depois como síndica do nosso Eixo, ajudou muito nesse trabalho. O boom de construção que se seguiu anos depois valorizou muito aquele bairro; mas antes disso os esforços dos síndicos e parte dos moradores em melhorar seu entorno deram uma pequena valorizada naqueles apartamentos, garantindo que se desenvolvesse ali uma comunidade majoritariamente saudável e de boa convivência. Naquela época algo que faltava nos condomínios eram campos desportivos apropriados. Na maior parte do tempo o pessoal jogava na própria pista do condomínio, que por ser uma ladeira e ter passagem de carros não dava para jogos sérios. Para partidas mais importantes o pessoal andava até um campo de terra que ficava a meio caminho de um centro comercial, chamado por todos de “o shopinho”. Atrás desse campo um homem tinha começado uma plantação de hortaliças na qual minha mãe me mandava comprar cheiro verde vez em quando. Havia ainda outro campo também de terra, que era uma clareira no meio da mata próximo do colégio Papillon Nobre, próximo da escada que levava ao Vale dos Lagos. Aquele campo era usado mais raramente por ser mais longe e ter mais chances de já estar ocupado. Um dia eu e alguns amigos do eixo IV decidimos que íamos jogar naquele campo. Separamos uma bola, nos encaminhamos ao campo e começamos a jogar entre nós. Após algum tempo surgiu outro grupo. Não vinham de nosso condomínio nem de nenhum outro próximo. Pareciam ter vindo da Canabrava ou alguma outra comunidade próxima. A regra implícita dos babas de campo de terra é que quando um grupo novo chega, se já não estiver rolando um baba grande, se dissolve o baba original e se forma um novo. Demos entrada aos recém-chegados. Em pouco tempo ficou claro que eles não queriam dividir o campo. Quase todos os chutes que eles davam no que deveria ser a bola eram direcionadas com força às canelas dos nossos jogadores. Quando eles acertavam a bola, acertavam com força também, mas elas acabavam sempre indo parar na cara ou no peito de

nossos jogadores, e quase nenhuma em direção ao gol. Tendo percebido que eu era meio desajeitado, o capitão do time deles gritou por trás de mim:

— Tô livre, me passa!

E eu sem olhar, de fato chutei para ele, esquecendo que a voz dele era diferente dos meus colegas. Ele parou e riu:

— Está vindo aí parceiro! Esse aí é o mais inteligente do time! Hahahahahaha!

Os colegas dele riram também. O capitão de nosso time pediu uma pausa técnica e nos chamou.

— Gente, não dá reggae. Bora pegar nossa bola e deixar o campo.

Eu retruquei:

— Vamos jogar! Se a gente insistir talvez possa ganhar!

— Man, mesmo dando o nosso melhor, o que a gente vai ganhar aí é um coma induzido ou uma fratura exposta.

Não retruquei mais. Nosso capitão declarou ao outro que nosso time tinha preferido desmanchar o baba. Fomos embora de fininho enquanto outro lado comemorava efusivamente a vitória. A vitória: a posse temporária de uma terra devoluta, enquanto cada um de nós voltava para seus apartamentos com TV, computador, videogame, geladeira com alimentos geralmente saudáveis. Eles estragaram o dia dos “riquinhos” forçando-os a jogar *Winning Eleven* em casa ao invés de no “seu” campo. Aquele campo deve ter visto mais situações assim, quiçá mais violentas. Essa violência não tem mais lugar: quando passei lá recentemente, o espaço do campo e tudo mais ao redor tinha sido tomado por um Atacadão e seu estacionamento. A gente achava que aquele era nosso campo: mas vendo em retrospecto, é como se as linhas do campo fossem apenas uma demarcação para um dia jogarem ali uma caixa envidraçada de vender comida e produtos para o lar. O vazio triunfo daqueles meninos se tornou ainda mais triste: o lugar onde eles nos impuseram uma inconveniência se tornou uma loja de conveniências em grande escala, o tipo de lugar do qual eles são expulsos ao invés de expulsarem alguém. Outro fato irônico se deu quando eu estava

pegando Uber com minha noiva. O motorista me disse que os atacadões têm uma guerra entre si, ainda mais intensa do que os supermercados antigamente. É como se fosse uma disputa de Estrela da Morte contra Estrela da Morte, ou entre as Fortalezas Flutuantes que Orwell descreve em 1984. Assim, o megamercado que cobriu o terreno aonde eu e meus amigos fomos humilhados, existe basicamente para, além de suprir as casas locais de feijão carioquinha, vegetais relativamente frescos, detergente neutro e biscoito Maisena, acabar com a raça de qualquer outro mercado que queira aparecer no campinho dele. O que era basicamente o que aqueles meninos já tinham feito com a gente, e gastando muito menos. Acho que é porque o capitalismo avançado não entende as sutilezas do pequeno empreendedorismo. Precisa fazer grande, enorme, gigante, o que sempre coube num campo improvisado, num bairro de condomínios ainda por desenvolver. E seguirão assim até o dia que colosso-mercados do tamanho de planetas duelarem com titano-mercados do tamanho de sóis.

RAYRA RODRIGUES

Dois microcontos

Bem-vindo(a) à história real

Era alvorada do sentir, do trabalhar, do universalizar; pressionou a maçaneta e expôs a porta ao seu próprio ranger, cruzou os braços, esperou, relanceou os olhos... convidou a entrar; foi fascinante, duvidoso e, assim, repetiu o movimento pelo indeterminado (esse de abrir e fechar) até saber o quanto ela deveria ser aberta. Eis o caos: uma fresta, um escancarar ou um eterno trancar?

DA AUTORIA



Olá, me chamo **Rayra**, sou do sertão de Alagoas e, vez ou outra, tento ruminar palavras que me fazem sentido, agora espero que elas possam caminhar por outros lugares também.

Ode aos apaixonados

Subiram juntos num acariciar recíproco, era uma cena tão bela, andaram pelos corredores num abraço morno de dia frio; chegaram à porta do apartamento nº 104, entreolharam-se inquietos com o brotar de uma sedução que parecia ter surgido logo ali, mesmo que fossem dois medíocres num relacionamento duradouro; os beijos molhados nos ombros aconteciam e perduraram; alcançaram a maçaneta da porta juntos e vertiginosamente, pois não havia tempo a perder, os botões das camisas deixaram suas casas e os zíperes das calças deslizaram num súbito momento de fúria e desejo. Falar não fazia sentido, mas era uma quietude ensurdecadora, os olhos desorientaram, a pele? Para quê pele? As carnes foram arrancadas. Então, pousou o último dia de estadia das almas perdidas, era ela, a mais pura paixão pelo não existir.

ROBERTO SARMENTO LIMA

BRASA (*conto de natal*)

Ouvia falar do país. Evitei ir até lá várias vezes, porque, pela divulgação que tenho do lugar, a imagem que me chegava sempre era de um campo enorme de injustiças e maldizeres, apesar das belezas que disseram que tinha. Daqui de cima, agora, quando passo e olho para baixo, vejo terras largas a perder de vista e, entre elas, cidades que parecem estar precisando de remodelações permanentes. As montanhas e as matas, por seu lado, são, quase todas, deslumbrantes, vertendo otimismo pelas dobras dos galhos e ramos, como se ramos e galhos fossem pessoas paralisadas que não ousassem muito se destacar para não chamar a atenção dos seus eventuais infortúnios e, assim, afastar da fiscalização alheia raras felicidades (porque, ouço dizer também, a felicidade do outro acende a cobiça de alguns ao passo que infortúnios abrem ciladas para quedas mais vertiginosas ainda). É um país amável, como se vê, sereno e sombrio. Sonso, rebelde. As pessoas lá são assim.

Escolhi ao acaso uma cidade bordada por vegetação verde-ocre de alguns parques que cintilam na penumbra das alturas, mesmo quando o sol está a pino. Tal me levou a olhar detidamente para ela. Quando o sol ilumina bem e põe tudo em brasa, que, sendo sua cor natural, aquece e queima e destrói, aí é que se insinuem de fato, por trás dessa capa, maldades e enganos, onde a maioria só enxerga vivacidade e alegria estrídula. Baixei um

DA AUTORIA



Roberto Sarmento Lima é professor titular da Universidade Federal de Alagoas lotado na Faculdade de Letras (Fale), na área dos Estudos Literários. É autor premiado em crítica literária (com o ensaio *Manuel Bandeira: o mito revisitado*) e em produção literária (Concurso Biblioteca Municipal Mário de Andrade). É colaborador regular da revista mensal *Escrita Viva*, da Editora Escala, em São Paulo.

pouco da altura em que vinha. Diminuí meu ritmo. Quis descer. Meu olhar filtrou, então, o centro da aglomeração humana, em ruas de bastante bulício. Muitas pessoas para lá e para cá, sacolas recheadas de compras, fartas, volumosas... A fartura, quando não se vê razão, é desconsolo; e a antítese, nesse ocultamento de aparências, transparece na mola do seu braço, que desenha, no centro, uma boca fechada em arco — não que haja arcos e volutas em meio a tal arquitetura, não, de jeito nenhum —, mas um simples arco, enfim, voltado para baixo, num ar de pesarosa constatação. É clarividente esse sentimento, embora, no meu caso particular, acostumado que sou às alturas e a voos de avião que deixa o aeroporto, talvez nem chegue a aquilatar direito até onde se estendem os ânimos daquelas criaturas.

Num determinado ponto eu estanco. Paro e fico no meu canto, em suave levitação. De onde eu venho há qualidades inacreditáveis. Uma qualidade que prezo muito é nunca passar da medida exata do êxtase, seja qual for a situação, boa ou má. Outra qualidade é, quando estou fora do meu casulo, poder incorporar a língua do país aonde eu vá, mesmo em visita rápida e desinteressada. De modo que expressar-me na língua dessa gente — e, digo mais, com orgulho e satisfação, expresso-me em bom nível de língua, como se fosse nativo desse país (já ouvi que eu me esforçasse para falar um registro mais popular, menos tenso, porque aqueles pobres habitantes confundem a boa fala, correta e irrepreensível, com esnobismo e petulância) —, então falar bem, mesmo com essas advertências todas e apesar delas, não constitui para mim nenhum problema. A mim soa tudo natural.

E ouvi também, entre outras coisas inacreditáveis, que eles gostam de celebrar uma festa dita cristã, o aniversário de uma figura histórica para lá de ilustre, que teria, séculos e séculos atrás, nascido nesta época do ano e que teria espalhado pelo mundo todo muita mensagem de amor e paz. O engraçado é que, nessa festa, o que eles sabem fazer mesmo é encher o estômago e trocar presentes, enquanto a lembrança do aniversariante se es-

conde nas brumas dos tempos mais remotos, desde a morte trágica do herói. O coro não suavizou a melancolia eterna, mas pode ter dado origem a ódios mais intensos do que já houve. Jaz o corifeu. Nesse país cor de sol e brasa, a luz, aparentemente, afugenta tristezas. Ninguém quer ser melancólico, mas parece que o luto os cobre a todos, ainda que não percebam que estão de luto. Um luto que não passa e cuja origem é enigmática, porque, em geral, eles só veem até a ponta do nariz, com olhos fixos no buraquinho do umbigo, nada mais além. Vivem nesse clima eterno de desilusão, mas sabem fingir com requinte. Fingem que o mundo é dourado e que os rios, os risos e os ritos têm o mesmo curso e destino. Morrem exangues de tanta superficialidade...

Nessa terra, o demônio assume ares divinais, principalmente quando estão todos expostos à curiosidade alheia, misturando orações apressadas a conluios perigosos em cada esquina da cidade. E é por isso que dizem (ouço também, e vejo) que eles são muito religiosos, devotos, contritos, solidários, amantes da vida...

Desci. Parei numa encruzilhada movimentada. Não podiam me ver porque tenho o dom (divino, diriam) de sumir da vista das pessoas, desde, porém, que assim eu o queira. No meio da rua, uma figura humana driblava o trânsito alucinante dos carros. As vozes se multiplicavam sob o sol ardente de verão. A figura era um menino preto, bem menino ainda: naquela azáfama, tentava, já dotado de malícia e sugestividade, arrancar dos motoristas alguns trocados, fingindo ser um pobre órfão, coitado! Mas vi, mais adiante, na calçada, parados e atentos, pai e mãe, que controlavam com o olhar as ações do filho que assim exercia o seu humilde espírito empreendedor (porque é isso que os governos esperam desses miseráveis, no mínimo, sem que alguma entidade social pretenda mesmo, de coração, ampará-los e habilitá-los ao empreendedorismo). Sem roupa boa, sem escola, sem sapatos. O menino estendia a mão, falava com os gestos, as mãos espalmadas sobre o ventre simulando movimentos redondos, a sinalizar que tinha fome. De onde eu vim não há essa festa, nem esse cortejo de infelizes.

Ninguém passa fome na minha terra. Aqui, por seu turno, sem viço na pele ou nos olhos, sem rumo, sem esperança, até que se vive no desafio das cores e das vestimentas que iludem a vista, como se o país fosse um imenso *trompe-l'œil*. A paz é uma mercadoria barata e esfarrapada.

Um pouco mais adiante, uma loja exibia uma árvore verde, copada, espessa, com luzinhas trocando seguidamente de lugar, num balé doido. Acendiam num canto, apagavam no outro, numa intermitência grave. Parecia uma boca que, sem dentes, abria e fechava os lábios, por cujas reentrâncias não se viam nem língua nem véu palatino. A exuberância dessa festa chamada Natal materializava-se no escuro da boca desdentada, indo até o vácuo da garganta, pois, quando as luzinhas dispostas em cascatas na superfície inclinada da árvore se acendiam, nada se via; e, quando se apagavam, aí é que se iluminavam a sedução e o desejo da escuridão própria de quem chora por um prato de comida. A luz era só o desprezo da sorte — sorte que não chegava aos mais necessitados. O escuro era o esconderijo do estômago vazio e esquecido...

Eu vi, ninguém me disse. Ouvi, vi. O menino preto desejava aquela árvore, uma casa com uma árvore plantada no meio da sala, por onde perpassassem os perfumes das comidas saídas do forno na ocasião da celebração da festa de ignotas raízes. O momento presente era o que valia, deixando enterradas as lições de justiça e felicidade na terra para os que não tinham do que se valer. E são esses valores que o Natal prega...

Já no lusco-fusco do fim da tarde, com a invasão das desarmonias da noite, o menino preto — a esta altura, sem cor, sem formas, sem dedos, sem nenhuma visibilidade — esgueirava-se no tráfego indeciso e criminoso, e, zás!, feito brilho tímido de lampadinha de uma árvore de Natal, mal sentiu a brasa da tarde que se extinguia, porque, num descuido, foi jogado contra a calçada onde estavam seus pais e, no estouro da algaravia do dia de festa, verteu imediatamente um líquido espesso, de cor rubro-marrom. O menino decorava o cenário da noite da doce cristandade que baixava suas asas sobre a beira do asfalto. O rosto, sereno, cobria-se de luzes que vinham das

marquises das lojas. Parecia um tríptico, como o *La faiseuse d'anges*, de Weingärtner: o tráfego, a árvore de Natal e o menino no chão. A festa também fabrica seus anjos, aborta-os e os faz luminosos. E, uma vez expulsos do grande ventre que é a cidade, definitivamente tornados anjos, podem, enfim, habitar a esfera em que só há, presume-se, jardins frescos, azuis cintilantes e comidas apetitosas, quentes, temperadas, saídas do forno naquele exato momento, a partir dali.

Do meu observatório sutil, calculei que, dessa antítese, nascia o nome do país. Só podia ser, pensei, digamos assim, com os meus botões (que não tenho). Se ali, no chão, tudo parecia cor de brasa já se encolhendo em gravetos queimados, já escuros, imprestáveis para fornecer a luz, do alto, entretanto, para onde voltei agora, depois desse espetáculo do Natal, vejo, entre deslumbrado e perplexo, o tamanho monumental do país, cujo desenho evoca a imagem de um grande funil. Brasa e funil... Brasa. Funil. O eco, mero balbucio rouco, repetia nos céus: brasa... brasa... brasa, funil... funil... bras... bras... nil, nil, il... (o que, nessa minha perspicácia de alienígena, faria a delícia de certo teórico de um país de estepes geladas, comprovando a sua tese das formas linguísticas interesseiras e solidárias).

A noite fechou-se. Cai o pano. Quem estava na plateia não tinha palavras para conter o súbito pranto. O pranto do dia, claro! Amanhã ninguém se lembrará disso.

THIAGO BARROZO

O Ignorante

Mulher nenhuma presta. E nem adianta vir com esse papinho furado de feminicídico e Lei Maria da Penha que eu nunca levantei a mão pra ninguém, não. Nem pra Néia. E olha que a vagabunda me tirou do sério no domingo. Eu queria espremer o pescoço dela que nem galinha, tá ligado? Mas deixa pra lá. Depois eu dou a letra da Néia... O que eu quero dizer na real mesmo é que mulher é tudo burra. Outro dia mesmo o Bagulho me mandou um zap falando que a mulher tem quatro mil neurônio a menos que o homem. Quatro mil. Pensa na diferença que isso faz. Se perder o Tico e o Teco já dá ruim, imagina quatro mil duma vez só. Vishe... tem como viver assim não. É por isso que esse mimimi de mulher fazendo papel de chefe, jogando bola, dirigindo carro de aplicativo é tudo papo de otário. Na hora que o buraco aperta mesmo, quero ver se cê prefere a ajuda de quem tem quatro mil neurônio a menos. Vai lá, bonzão...

A única mulher que presta é minha mãe. Essa, sim. Por essa eu ponho a mão no fogo. Se precisar eu pulo com os dois pé na fogueira e ainda rolo em cima da brasa. A velha é danada. Criou cinco filhos trampando de faxineira na casa duma madame lá no Morumbi. Casa, não. Mansão mesmo. De cinema, tio. Coisa de outro mundo. Só na garagem tinha dois Porsche, uma Land Rover e uma Ducati vermelha com motor V4. Parecia a garagem do Batman. E cê acha que a patroa pegava leve com ela? Vai achando...

A velha saía de casa antes do sol raiar e só voltava depois que a dondo-

DA AUTORIA



Thiago Barrozo nasceu em São Paulo, em 1986. É autor do thriller policial *O Homem que Explodiu o Presidente*, vencedor do Prêmio Ecos da Literatura 2023 (Categoria Melhor Enredo) e finalista do Prêmio ABERST Rubem Fonseca 2023 (Narrativa Longa de Ficção de Crime). Jornalista, atua como editor para América Latina dos jornais ingleses *Mergermarket* e *Policy and Regulatory Report* (PaRR).

ca e os filhinho dela acabava de jantar. Não tinha boi, não. Pergunta agora se ela podia almoçar com eles, sentar junto na mesma mesa e comer a mesma comida. Ah, tá... nem usar a mesma colher ela podia. Tinha que levar uma de casa pra não espalhar bactéria nem micóbrio. Rico morre de medo de pegar doença, ainda mais se for de pobre. Às vezes têm até medo de encostar na gente. Prefere ver o diabo que um neguinho encardido passeando na calçada.

Mas como eu tava falando, minha mãe criou cinco filho sozinha e nenhum virou bandido, não. Até o Carlinhos que pagou seis anos em Presidente Venceslau só foi parar lá dentro porque é vacilão. Tava no rolê errado na hora errada. É o que dá querer pagar de malandro e sair de rolê com boyzinho. Tem coisa que não se mistura. É igual água e vinagre, tá ligado? Pergunta se os filhinho de papai que tava com ele na hora do assalto também rodaram. Rodaram nada. Saíram pela porta da delegacia com um sorriso no rosto. A corda sempre estoura do lado do mais fraco. É foda. O preto pobre da periferia sempre se fode no final das conta.

Minha velha quase morreu de desgosto. Ficou de coração partido. Deu dó de ver a bichinha. Todo dia de visita ela tava lá, chovendo ou debaixo de sol. Pode falar o que quiser, mas amor que nem o de mãe não tem não. A velha deixava de comer pra juntar o trocado do busão. Chegou a desmaiar duas vezes na fila da visita. Até os carcereiro tinha pena dela... é por isso que eu fico puto com esse mimimi da porra. Se toda mulher fosse que nem minha mãe, o mundo não ia ser esse puteiro aqui não.

Ouviu Néia? Essa daqui é pra você.

Ingrata da porra...

Bom, deixa eu dar logo a letra sobre a Néia. A gente se conheceu lá na caixa d'água do Aricanduva. Eu costumava baixar lá com o Bagulho e o Tranqueira pra andar de skate e trocar ideia na pracinha. A Néia estudava uns seis quarteirão pra frente, lá no Mendes Campos. Um dia ela colou com umas amiga e a gente começou a desenrolar. Foi instantâneo. Até o Tranqueira que é meio retardado percebeu. Daí pro namoro foi um pulo. Não sou de me gambar, não, mas a mulherada pira na minha. As novinha, então. Vishe...

melhor deixar pra lá. Nem o Dom Juan me acompanha, tio. Modesta à parte, eu sou tipo o Martinho da Vila. Já tive mulheres de todas as cores, de várias idades, de muitos amores... Vem comigo, tio...

O foda da Néia é que ela era diferente. Tem mina que se destaca. Ela tinha quinze anos quando a gente se trombou lá na pracinha. Eu tinha acabado de fazer dezoito e tava todo pimpão. Só queria ficar na boa e tirar um lazer com os moleque. A Néia pirou no começo, contou pra todo mundo que tava namorando um cara mais velho. Rapidão ela aprendeu a andar de stake, mandava um ollie, um frontside, até um kickflip meio torto ela sabia encaixar. A treta mesmo só foi pegar uns dois ano depois quando ela inventou de fazer faculdade. A mina era teimosa que nem uma porta. Não me escutava de jeito nenhum. Eu falando pra ela parar com isso, desencanar desse papo de estudar que ela ia ficar louca de tanto lixo que punha na cabeça, e ela lá: firmona na ideia de virar enfermeira.

“Enfermeira, Néia? Pra ficar limpando a bunda de doente? Pra trabalhar de fim de semana, de madrugada?”

Não foi por falta de esforço. Eu gastei uns mil litro de saliva pra tirar essa ideia fraca da cabeça dela. Mas não deu. A mina tava decidida. E mulher decidida é uma bosta. Não pensa direito. Deve ser por causa dos quatro mil neurônio a menos. Não tem outra explicação... Só sei que no fim das conta a Néia insistiu tanto que eu tive que pular fora. Eu que não ia ficar pagando de otário enquanto minha mina ia “estudar”. Já imaginou os moleque perguntando “e ae, tio, onde tá tua mina?” e eu tendo que jogar a real que ela tava na faculdade e tal? Já imaginou a reação deles? “Tô ligado, tio. Na faculdade, né? Hahahaha Pode crer...”

Foi foda pra mim. Fiquei o sabadão inteiro sem sair de casa. Só fui andar de skate com os moleque no domingo à tarde. Mas foi mais foda ainda pra Néia. Ela tava pirada na minha. Falei pra você, tio: o papai aqui tem mel. Nem o Ursinho Puff dá pra mim, não. Eu até segui a Néia no Facebook e no Instagram por um tempo, mas depois descolei outra mina e daí já viu. Puta ciúmes da porra. Tive que deletar todas. Só consegui salvar duas ou três

perversa que a falecida não sabia. Pra quê? Hoje nem sei mais por onde ela anda. Mina louca da porra. Perdi vários contatinho esquema...

Sei que eu segui meu caminho e a Néia o dela. Continuei trombando os moleque na caixa d'água, batendo rolê com o Bagulho, com o Tranqueira, tirando um lazer de skate... vivendo, tio. O cronômetro segue a mil por hora e a vida passa num segundo. Se vacilar, cê acorda com setenta anos vendo o Celso Russomano na tevê. Quero isso pra mim, não, tio. Cê é louco. Minha parada é curtir o momento, tá ligado? Por isso baixei com o Bagulho lá no Shopping Aricanduva no domingo. Comer no Méqui e ver as novinha desfilando na praça de alimentação. Tem cada uma lá que cê pira o cabeção, tio. Sérião mesmo. A parada é bruta. Até o Tranqueira já descolou umas mina lá no Méqui. Pra cê ver o que eu tô falando...

Daí que eu tava lá no shopping subindo a escada rolante com o Bagulho quando trombei a Néia toda pimpona andando com uma sacola da Triton e outra da Khelf no corredor. Triton e Khelf, tio. Não era Pakalolo, não. Eu só sei que meti o louco e virei o rosto pro outro lado. “Olha não, Bagulho, olha, não.” Mas é lógico que o Bagulho deu pala e acabou olhando. Daí fodeu. Tive que parar e cumprimentar a mina. Mó B.O... Mas também falei só o necessário. Ela que veio perguntando de mim e da minha mãe, perguntando se o Carlinhos já tinha saído da prisão, e tal. E eu lá, serião, só balançando a cabeça. O Bagulho que trocou ideia com ela. Eu não sou otário, né, tio? Fiquei só escutando de lado, olhando a vitrine pra não dar ibope. A Néia tinha terminado a faculdade e feito um curso em netro- não, nefro... uma parada lá dos rim. Puta coisa chata da porra. Agora tava trabalhando no Santa Marcelina e num hospital lá no centro. Acho que no Nove de Julho. Tinha até alugado uma kitnet pra morar sozinha. Grande bosta. O Bagulho que ficou babando ovo:

“Aí, sim! Arrebentou, Néia!” Fazendo aquela cara de mongol e me cutucando com o cotovelo: “Quem disse que na vila só dá ignorante que nem nós, hein?”

Ingnorante.

Ingnorante é o Bagulho que não sabe nem quanto é dois mais dois. Bicho burro da porra... Pior que a Néia deu um sorrisinho e me olhou igual na época da pracinha.

“Todo mundo pode começar agora e fazer um novo fim. Ninguém nasce sabendo.”

A filha da mãe foi direto na ferida. Pegou bem no meu calcanhar daquilo. Mas se cê acha que eu dei boi, tio, errou feio. Primeiro que não sou homem de baixar a cabeça pra mulher, segundo que eu já tava atravessado com o Bagulho. Fazia uns dias que ele zoou o rolamento do meu skate e ficou de trocar as peça e nada. Mó caô. Então que eu não dei mole. Meti a mão no peito dele, virei bem pra Néia e mandei os dois tomar no cu. Altão. Pra geral ouvir mesmo. Desci a escada rolante e deixei a praça de alimentação em choque.

Tá achando o quê? Que eu sou ingnorante?

CRÔNICA



ANA P. AZEVEDO

Mecanismo de Defesa

Estava na cozinha fazendo o almoço e ouvindo a música Dom de Iludir, do Caetano Veloso, quando comecei a filosofar sobre como antigamente se referiam ao homem como o chefe da casa. Me juntei ao Caetano na ideia de que a mulher no fundo nunca aceitou muito bem essa posição submissa.

Lembrei da mãe de um ex-namorado meu. Certa vez ela falou com o marido de uma forma muito meiga na minha frente e na do meu namorado:

“Amor, não pode pagar a faxineira essa semana? É que é uma semana cada um e já faz duas semanas que eu pago.”

Ele deu a única resposta possível de ser dada na nossa frente:

“Tudo bem, amor.”

No seu lugar eu o teria chamado em particular e falado:

“Já faz duas semanas que eu pago a faxineira. O combinado não era uma semana eu e na outra você? Por que não cumpre o combinado?”

Provavelmente, ganharia uma briga e não conseguiria o que queria.

Confesso que, ao longo da vida, encontrei muitas mulheres que faziam o mesmo. Essa atitude é normalizada em nossa sociedade, como podemos ver na música Mulher Sexo Frágil, do Erasmo Carlos, quando diz:

“Satisfaz meu ego se fingindo submissa
Mas no fundo me enfeitiça”

DA AUTORIA



Nascida e criada em São Paulo capital, **Ana P. Azevedo** escreve mini-contos, contos e crônicas. Abriu a 10ª Edição do Livro **Contos e Crônicas** da editora Palavra é Arte, projeto poesia na escola. Os exemplares físicos foram distribuídos para escolas de Torres – RS e Luziania – GO. Sua crônica “O Sapato” foi classificada em 5º lugar no concurso Emídio de Souza.

Eu já não aprendi a agir dessa forma, por isso muitas vezes não me dei bem com os homens. Mas uma vez que a mulher tem sua opinião, se sente desrespeitada de alguma forma, por que ela não pode expor isso? De uma maneira respeitosa, claro, não estou falando aqui de agressividade. Mas, por que ela precisa manipular?

A impressão que tenho é que no decorrer dos séculos a opinião da mulher nunca foi validada e por isso ela precisou desenvolver esse mecanismo de defesa. Mas o Caetano também concordava comigo nesse trecho que agora tocava:

“..

Você sabe explicar

Você sabe entender, tudo bem

Você está, você é, você faz

Você quer, você tem

Você diz a verdade e a verdade é o seu dom de iludir

Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir”

As relações passaram a ser um jogo de poder e manipulação quando, na verdade, deveriam ser uma troca. Acredito que hoje estamos mudando essa situação. Porém, é difícil mudar uma cultura machista que existe há séculos.

Ah, acabei de lembrar de um ditado popular. Esse a minha avó falou para a mãe da namorada de um dos meus tios. A mulher estava procurando a filha. Imaginava que estivesse com meu tio na casa da minha avó, mas ela não estava. A resposta da minha avó foi: “Prende suas cabras que meus bodes estão soltos.”

Bom, isso já é assunto para outra crônica...

CLÁUDIO PEDRO

Casa Assombrada

Há alguns meses, costumava buscar refúgio debaixo das cobertas, tentando escapar dos horrores que assombram minha mente. Eram entidades terríveis, perversas em sua essência, capazes de me atingir mesmo sob a segurança das cobertas. Rasgavam meu peito, insinuavam-se em minha mente e me torturavam por horas a fio, mergulhando-me em um abismo de desespero e angústia.

Tudo começou quando a vontade de saborear a plenitude da vida desapareceu repentinamente. Meus dias ensolarados e coloridos foram tragados por uma névoa sombria, um véu de tormento que se estendeu implacavelmente sobre mim. A cidade, outrora vibrante e cheia de vida, tornou-se um cenário sombrio e decadente, onde o medo permeava cada esquina. Em casa, usava máscaras para ocultar minha verdadeira face, mas quando a solidão me envolvia, me tornava uma presa vulnerável para essas abominações.

Esses horrores espreitavam ocultos pelos corredores de minha morada, movendo-se furtivamente como sombras sinistras. Por vezes, questionava a própria existência dessas criaturas, pois pareciam desvanecer e ressurgir quando menos esperava, alimentando-se de minha energia vital. Adotavam formas terríveis, cada uma mais horrenda do que a anterior. Às vezes, manifestavam-se como espectros invisíveis, me perseguindo desapiadadamente, roubando minha alegria e corroendo minha motivação.

DA AUTORIA



Olá, sou **Pedro Neves**, estudante no 4º período do curso de licenciatura em Letras - Inglês na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Além de me aprofundar nos estudos acadêmicos, percorro em mundos diversos através da leitura, explorando desde obras românticas até narrativas macabras. A escrita é minha paixão, sendo para mim um meio claro e envolvente de expressar meus sentimentos.

Em outros momentos, assumiam a forma de sombras grotescas, que se espalhavam por todos os cantos de minha vida, obscurecendo a visão de um futuro esperançoso e minando a minha fé.

Lidar com esses horrores tornou-se uma jornada tenebrosa e desafiadora. Era como enfrentar uma batalha contra o próprio inferno, exigindo uma coragem além do imaginável para qualquer ser humano. Precisava desvendar suas origens macabras e confrontar seus poderes sombrios. Porém, muitos caem perante essas abominações, sucumbindo à insanidade ou perecendo em um destino trágico, uma realidade mais comum do que se poderia conceber.

No entanto, a vida não é apenas uma sucessão de derrotas. Aos poucos, aprendi a erguer a cabeça diante desses horrores, a emergir da escuridão que me envolvia. Descobri que há uma chama ardente dentro de mim, um fogo que pode iluminar até as trevas mais densas. Ao compartilhar minha história, encontrei apoio e fortaleza nas histórias de outros corações corajosos que lutavam contra suas próprias batalhas sombrias.

A jornada contra esses terrores, que agora possuem nomes sinistros, — os quais chamo de depressão e ansiedade — é uma trilha longa e incerta. Contudo, mantenho-me firme na convicção de que não estou mais sozinho. Unidos, nós, as almas destemidas, enfrentaremos essas aberrações. Aos poucos, dissipamos as sombras que nos assolam, ressurgindo com força renovada a cada batalha travada. Não aceito mais viver em uma casa assombrada pela agonia e pelo desespero.

Confesso que os horrores ainda me visitam, emergindo nos momentos mais inesperados, trazendo consigo um turbilhão de emoções obscuras repletas de dúvidas cruéis. Mas recuso-me a ceder ao seu domínio. Estou em constante crescimento, deixando para trás o medo paralisante e a angústia que vivia em meu peito, para abraçar a coragem que agora pulsa em minhas veias.

Estou vivo, enfrentando esses monstros ocultos com determinação incessante. Aprendo, tento e descubro, com um passo de cada vez,

enquanto trilho o caminho tortuoso da superação. O destino reserva surpresas sombrias, mas também promete uma luz no fim do túnel, uma redenção tão aguardada por muitos. Que o mundo saiba que não somos vítimas indefesas, mas sobreviventes audazes, cujas cicatrizes são testemunhas de nossa força interior. Não mais seremos reféns desses contos de terror pessoais. Pois, no final de contas, é na escuridão mais profunda que encontramos a verdadeira luz, e é com essa luz que enfrentaremos os horrores da vida e emergiremos vencedores.

Recuso-me a ser apenas um personagem qualquer em um conto de Clive Barker, o qual se deixa levar pelas sombras. Sou o protagonista de minha própria narrativa, moldado pelas provações e guiado pela determinação de transformar o horror em resiliência. E assim avanço, escrevendo um novo capítulo da minha vida a cada passo que dou, desafiando o destino e construindo um desfecho arrebatador, que fará até mesmo o mestre do terror se curvar diante de minha coragem inabalável, pronto para deixar uma marca permanente nas páginas da eternidade.

FLÁVIO BRAGA

O TSC

Ele é, talvez, o barulho mais negativo da nossa língua. Mesmo composto só por consoantes, é perfeitamente entendível, e talvez assim o seja porque sempre o acompanha alguma expressão de negação, insatisfação ou resignação.

“Tsc”.

Uma palavra napoleônica, romária, principesca, maradônica como o sim ou não: pequena no tamanho, enorme nas complexidades. Porém, se o sim pode ser não e o não pode ser sim, o “tsc” não se fantasia. É o que é e que se aceite ela assim. É o recado que os maiores baixinhos da História nos dão e ela segue o bonde. “tsc” é “tsc” e ponto final. É um barulho baixinho que parece um esporro de uma equipe de som num baile feito de domingo para segunda, contigo precisando acordar cedo.

Mas não é só isso, ela por vezes é o tocar no fundo do poço para voltar à superfície, é o momento em que ficamos prestes a largar um sonho, um trabalho, um amor e — *dou-lhe um, dou-lhe dois, dou-lhe três* — pegamos impulso onde parece não ter. Ele nos coloca no eixo. Inclusive, talvez seja uma das pouquíssimas energias negativas capaz disso, pois age como um anjo caído que perdeu suas asas e, através do seu mau humor, nos ajuda a continuar nossas caminhadas cheias de desafios. Ou você nunca teve vontade de largar tudo e, depois de um “tsc”, você soltou um palavrão e voltou a sobreviver diante do seu caos particular? Duvido que não o tenha feito ao menos uma vez na sua vida.

(E se você tá entre seus 30 e poucos e 40 e tantos, aposto você fez isso umas cinco ou seis vezes. Só hoje)

DA AUTORIA



Flavio Braga é escritor, músico e professor de História. Mantém, desde 2007, o Um Blog de Nada (atualmente na plataforma Medium), com textos semanais. É vocalista e baixista da banda Outros Caras. Milita em prol da literatura, história e cultura suburbanas do Rio de Janeiro, fazendo parte dos coletivos Mutirão Cultural Rolé Literário e Engenhos de Histórias. É autor do livro de crônicas *Lá de Onde Venho* (2022, Caminhos Editora).

Ela se coloca também como válvula de escape do peso das obrigações, pois parece tirar o ar necessário para que as coisas não explodam. E vamos em frente. Até que ponto? Não sei. Pergunte isso a um coletivo de palavras que possa te responder. O “tsc” trabalha sozinho. É o Batman, Príncipe das Onomatopeias, é o médico e o monstro, é Robinson Crusóé sem o Sexta-Feira, mas vivendo numa eterna segunda-feira.

Quando se pergunta “o que houve?” após escutarem um “tsc”, a resposta é sempre um “nada”. Mas é tanta coisa, mas tanta coisa que talvez a atenção daquele que se propõe a ser o ouvinte não vai aguentar escutar. E nem é porque ele seja o causador das insatisfações, quase sempre é a vida e suas frustrações e seus cansaços. É a vida. O “tsc”, portanto, em tempos em 2x e falta de atenção, é o passarinho que tenta apagar um incêndio florestal com a pouca água que cabe em seu biquinho. “Tsc” se gasta, não há palavras para evitar esse incêndio. O que arde o coração e torna as noites mais pesadas vai lamber tudo de ponta a ponta, como o incêndio mais cruel que já se viu. Mas o “tsc” tá ali ó, cumprindo genialmente seu papel paliativo.

Vivendo sob um mundo cada vez mais caminhando para seu fim como o conhecemos, bem como as relações sociais parecendo cada vez mais antissociais, sobreviver sem o barulhinho dessas três letras parece impossível. Só assim para colocar por um momento as coisas que nos deixam de coração pequenininho de lado. Enquanto elas estão ali, nos ameaçando, ganhamos força para ao menos falar “tsc, agora não, pô. Me deixa”. E assim caminhamos.

FRANCISCO NEVES

Manual de como se fazer as malas

DA AUTORIA

Se por acaso, em um dia de verão, você notar que as paredes de sua casa estão apresentando ranhuras em formato de veias humanas ou rachaduras, ou se por acaso você perceber que o chão abaixo dos seus pés vibra ou treme, por favor, não entre em pânico. Você pode acabar pensando “meu deus minha casa está viva!” e acabar acreditando que poderá continuar morando nela, afinal você deve ter cuidado muito bem dela, mas lembre que as casas são criaturas selvagens e podem engolir você e toda sua mobília, por isso não faça movimentos bruscos, elas podem se sentir ameaçadas e podem acabar chamando a atenção das outras casas. Comece calmamente a fazer suas malas, caso não tenha malas é melhor que não saia de casa para comprar, afinal as ruas também são selvagens e poderão lhe engolir enquanto vai até o centro da cidade e volta. Tudo o que você precisa é de uma caixa de papelão.

Sugerimos que deixe para trás itens que podem se quebrar na viagem, como copos de vidro, pratos, os espelhos onde você costumava se ver, suas memórias, seus sentimentos e seu coração. Leve apenas o necessário para o incrível alojamento improvisado para onde você irá, de tal modo que lá será sua casa por um tempo. Se for preciso, se separe dos seus vizinhos, amigos e até mesmo familiares, talvez eles não consigam ir para o mesmo alojamento que você. Eventualmente você perceberá que o seu alojamento é o mesmo local onde você costuma levar seus filhos para passar a manhã



Francisco Neves é ator, diretor teatral, graduando em Teatro – Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), desenvolve pesquisas sobre processos criativos em teatro político e em dramaturgias, explorando também a pedagogia do gesto e da palavra.

toda, ou a tarde toda, etc. Então pense o seguinte: “oba, não irei precisar caminhar para levar meus filhos para a escola”.

Com o que sobrou da sua energia, se dirija com quem puder carregar com uma das suas mãos até uma das principais vias da cidade. Espalhe na rua coisas inflamáveis, como pneus, madeiras e etc. Será sua nova praça de eventos, os carros que passam irão assumir isso e irão parar ou tentarão desviar, rapidamente convide todos para a festa. Com o tempo irão aparecer pessoas com microfones e câmeras grandes e irão entrevistar você, é aqui que você vai falar que sua casa tremia como se fosse um gato ronronando e tinha veia como se fosse a qualquer momento estourar e liberar delas muito e muito sangue. Antes que eles vão procurar uma história mais interessante, os convide para a festa, e, lembre-se, a festa só termina quando o céu cair e voltar a ser barro.

LUIZ FERNANDO

Fala, amendoeira, aqui falam os coqueiros

Ao meu amigo
Roberto Samuel Sanches

Meu caro amigo Roberto, há dias venho pensando em escrever essa pequena crônica para você e hoje, finalmente, consegui um tempinho. Nós, que vimos há tempos conversando e trocando mensagens sobre nosso interesse por árvores, arbustos, frutos, flores e seus perfumes; trocamos fotografias e falamos dos nomes latinos da feliz família do reino vegetal. O seu jardim é quase parte da sua família e as minhas árvores e vasos de flores também têm um quê de Gomes, de Irene, como se fossem da nossa família: irmão, irmã, cunhado: todos têm uma raiz vegetal nas sandálias e um perfume floral a rescender.

Pois bem, há um livro de crônicas do Carlos Drummond de Andrade publicado em 1951, intitulado *Fala, Amendoeira*, do qual li algumas delas nos tempos do ginásio no Júlio Prestes de Albuquerque, mas para cujo título da obra só atinei há poucos dias. É que aqui em Maceió há muitas amendoeiras na orla dividindo suas sombras com os coqueiros, que preferem as areias. As amendoeiras não; elas ficam nas calçadas e deixam cair folhas grandes e largas avermelhadas, depois em tons de amarelo-laranja e, logo depois, ressecam e ficam marrons. Há nas amendoeiras uma espécie de fruto, ou um caroço (amêndoa?), não sei bem,

DA AUTORIA



Luiz Fernando Gomes é Dr. e Pós-doutor em Linguística, área Linguagem e Tecnologia (Unicamp). Mestre em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem (PUC-SP). Presidiu a ABEHTE; autor de vários livros sobre escrita no mundo digital. Estuda cultura visual contemporânea e relações inter-semióticas entre texto e imagem. Autor de livros de poesia, de contos e de livros infantis ilustrados por ele mesmo. Foi sócio correspondente da Academia Sorocabana de Letras. Desenhista/ilustrador, com trabalhos nas capas da Revista Linguagem em Foco (UECE). Menção honrosa Concurso de Artes de Luxemburgo (2023).

mas sei que não é comestível. Essas árvores emprestam um ar agradável logo cedo aos que caminham, correm e pedalam pelas calçadas da Ponta Verde e da Jatiúca. Debaixo delas, os vendedores de água de coco estacionam seus carrinhos. À tarde, uma sombra ampla regada a um ventinho básico faz um bom cenário para fotos e mais água de coco.

Creio que um caroço caiu em minha cabeça e me fez juntar o livro do CDA e as caminhadas do sábio cronista lá pelo Arpoador ou Copacabana com meu pedal aqui na Ponta. Disposto a falar com você sobre as duas amendoeiras, a dele e a minha, encomendei o livro na 17ª edição e reli tentando relembrar as emoções que senti na época de escola. Não preciso dizer, Roberto, que foram outras emoções, mais profundas e maduras, afinal o outono está brotando em mim silenciosa, porém incontinentemente.

Aqui, num texto de abertura, apresentação ou introdução, sem autoria revelada, está escrito: “*Fala, Amendoeira* é o diálogo de um homem com a árvore postada em frente de sua casa — representação simbólica da fraternidade entre o ser humano e a natureza...” Mas é o próprio Carlos quem nos revela, numa frase já antológica, de que trata esse diálogo, num breve texto inicial que contextualiza o livro: “esse ofício de rabiscar sobre as coisas do tempo exige que prestemos alguma atenção à natureza — essa natureza que não presta atenção em nós.”

E qual é a pergunta completa que o poeta faz à amendoeira, uma árvore que, segundo ele, já está incorporada aos seus bens pessoais? Literalmente é “— fala, amendoeira — por que fugia ao rito de suas irmãs, adotando vestes assim particulares? — e a árvore parece explicar-lhe:

— Não vê? Começo a outonear. É 21 de março, data em que as folhinhas assinalam o equinócio do outono. Cumpro meu dever de árvore, embora minhas irmãs não respeitem as estações.”

Mais no final dessa introdução, Carlos pergunta: “— e vais outoneando sozinha?”. Para depois filosofar: “o outono é mais estação da alma que da natureza.” E o diálogo prossegue numa beleza que peço a você, meu amigo, que releia esse livro. Ouça o que a amendoeira lhe diz: “sou tua árvore-

-da-guarda e simbolizo teu outono pessoal. Quero apenas que outonizes com paciência e doçura” e logo mais finaliza: “outoniza-te com dignidade, meu velho.”

A prosa de Carlos Drummond de Andrade é tão sensível, poética e filosófica quanto sua poesia, não é? Eu, meu caro, que não luto com as palavras porque perco sempre e sou mais dado a dialogar com os peixes, como Vieira no Sermão de Santo António, em que o pregador se dirige a esses seres das profundezas que não escutam nem falam, mas ensinam o silêncio e a sabedoria de se afastar do homem o mais que podem. As amendoeiras e os coqueiros, coitados, não podem correr ou fugir; ficam ali submissos assistindo à passagem do tempo, das gentes e de tudo o que se passa. Outonizam sozinhos como nós. Já os peixes não envelhecem, não conhecem o outono e nem o inverno. Morrem de repente, num anzol, numa rede, e não filosofam, borbulham no silêncio e nas profundezas.

Meu amigo, as crônicas e poemas do Carlos são também, dizem os entendidos, um tanto críticas, secas e amargas, apesar do humor sutil no canto da boca; eu, insignificante que sou, tenho cá minha carga de pessimismo, de fatalismo e de rabugice, como alguns me acusam já. Por isso, insisto, leia Carlos Drummond de Andrade e continue conversando com as árvores.

Um forte abraço.

preth

Garoba

Furtou uma lembrança minha um recente périplo de meu professor ao interior, que alegre ou não, registrou cenários que também me fizeram evadir ao meu interior de criação. Poderia ser qualquer paisagem genérica. Mas porque ele tinha que registrar justamente uma árvore. E não é qualquer árvore. É também a minha.

Morava eu, antes de me transpor a capital e aqui crescer, numa cidade sertaneja de Alagoas. Cidade não. Município, e mais especificamente logradouro desse. Um quase nada. Zona rural. Éramos todos da Zona, numa paisagem sofrível proporcionada pela Caatinga, e numa sensação de felicidade de 43 °C.

Até eu chegar na garoba, exigirá de mim um tempo. Sempre me exigiu. A flora presente neste bioma não é nada sofisticado.¹ — Juremas, angícos, mandacarus, xique-xiques, umbujazias, caatingueiras... e garobas. Garobas. Principalmente garobas. Não nos referíamos a elas como “avres”, ou “árvores”; mas como pés de pau. Ora, se não havia fruta, era só pau. E era para qualquer pé de pau imenso que nos desse de subir nele.

E dêsse, nos ajuntávamos em bolo a nos atrepar na garoba. Em dela puxarrancávamos os galhos folheados. Tinha umas flores vermelho-carmíneas bem vicejantes. Não sei se é essa a pigmentação no *chromo*, mas era assim como digo. O cheiro era peculiar. E tinha como se lhes fosse uns frutos. O gosto era amaro, com certeza venenosos.

Era belo. A paisagem. A garoba. Com os amigos.

DA AUTORIA

**Igôr dos Santos Ribeiro.**

Nascido em Pão de Açúcar, aos 11 anos se mudou para a capital com a família, onde cresceu e terminou os estudos. Sempre se dedicou à escrita e aos estudos linguísticos; sempre objetivou ingressar no curso de Letras, tendo conseguido em 2023. Encontra na escrita uma outra forma de viver.

E essas garobas eram duas no povoado. E a em que ficávamos era a única segura, a outra ostentava tamanho mas pouco copuda e esgalhada, e extremamente troncuda. Que descrição.

Sobreficávamos na outra, e da copa víamos, eu e meus primos, todo o povoado.

Até que um dia o pé de pau, a outra garoba, havia sido podada. Jazia apenas seu tronco cerce ao chão. Sabíamos duma serra elétrica que fizera aquilo. Mas isto era muito agressivo. E para mitigar um pouco a ideia de que um homem tinha intervindo, atribuímos aquela poda a um inseto também característico da Caatinga, o serra-pau. Foi ele. Ele fez isso. É mais natural. Ingênuos acreditávamos nessa mentira, ou pretensa imaginação. Não foi uma serra elétrica. Não poderia ser. O besouro estava bem ali no cepo. Impossível. E contávamos agora com a outra garoba, para onde fomos em direção. Explico. A garoba segura. A que se derribara só os maiores conseguiam nela se atrepar.

¹ D'ANDRÉS, Ramon. Emplegu del neutru n'asturianu. *Lletres Asturianas*, Astúrias, v. XLIX, n. 4, p. 50-84, marz/och. 1992. Disponível em: <https://lletresasturianas.alladixital.org/> Acesso em: 10 jan. 2024.

TOM TORRES

O ECLIPSE, SEGUNDO MINHAS RECORDAÇÕES

DA AUTORIA

Eu não vi por que nasci dezesseis anos depois. Mas quem me contou o fez com tanta perícia que tive a sensação de ter vivido o momento. O eclipse total do Sol, em 1940, causou o maior bafafá no simplório povo do arraial do Junco e seria cômico se a ignorância da época não fosse trágica. Era uma manhã de intenso sol e de um céu anil sem nuvens, como é o céu de lá em todos os tempos, independente de ser dia de eclipse ou não. Comunicação precária, as notícias chegavam a passo de pangaré. Quando chegavam. Era impossível saber em tempo real o que acontecia além de suas divisas.

A economia local era voltada para a agricultura de subsistência. No instante do grande fenômeno, a maioria do povo se encontrava na labuta, no meio da roça, chapéu de palha na cabeça e corpo moído pelo calor. De repente, o apagão do Sol. O dia mergulhou nas trevas e o céu se enfeitou de estrelas; o ciciar das cigarras cedeu lugar ao vagalumear. Os pássaros, em revoada, corriam para seus ninhos.

Quem apagou o Sol? Seria o Apocalipse, conforme as Sagradas Escrituras? Alguns correram para casa e se esconderam debaixo da cama, chorando como crianças assustadas. A maioria, no entanto, correu para a cidade, invadiu a igreja, e começou a rezar, pedindo misericórdia e perdão a Deus. Ninguém queria provar a Danação Eterna. O padre, também pego pela desinformação e sem um superior hierárquico para se confessar,



Tom Torres, poeta, escritor, roteirista, diretor teatral, nascido no Junco (Bahia) e criado em Alagoinhas. Foi um dos ativistas na criação da Casa da Cultura de Alagoinhas em meado dos anos 1980. Mora em Maceió desde 1987. Um dos organizadores da Festa Literária de Marechal Deodoro (FLIMAR), em 2022 foi agraciado com o 20º Prêmio Notáveis da Cultura Alagoana, pelo livro de contos, *O Homem que pensou ser Deus*.

pediu perdão ao povo pela sua fraqueza: enquanto os fiéis cumpriam fielmente as duras penitências da vida, o representante de Deus fornicava na sacristia com uma beatinha, filha de um pacato fazendeiro.


– Perdão, meus irmãos! – implorou, chorando.

A multidão teve vontade de esgoelar o padre, mas o fim do mundo se aproximava e ninguém queria correr o risco de levar esse peso para a balança das más ações. Ele que se acertasse diretamente com a Providência Divina. Afinal, todos embarcariam juntos no Trem da Eternidade e cada um que prestasse contas dos seus atos.

Como todos nós sabemos, o mundo não se acabou, o Sol voltou a brilhar, as cigarras cantaram com mais intensidade, os pirilampos apagaram as luzes sem entender o porquê de a noite durar tão pouco, e o povo voltou pra casa sem atinar com o acontecido.

Para sorte do padre, o pai da moça desonrada não se encontrava na igreja quando ele abriu o bico em confidências de arrependimento. Correndo mais rápido do que as más notícias, passou na casa paroquial, arrumou a mala e picou esporas, sem deixar rastro nem notícias de seu destino, nem mesmo um recado para o bispo, seu chefe imediato, ao qual devia cega obediência eclesial.

Sabe-se apenas que levou na garupa a sua fiel beata e todo o dinheiro do dízimo, ofertório e doações para reforma da igreja.



FOTOGRAFIA / DESENHO

ALLYS

Maceió é massa. Stencil/graffite. 10 dez. 2023.



A obra da artista alagoana [@Lysllane](#), moradora da zona leste de São Paulo, foi realizada na mesma data em que, às 13:15h, a mina 18 da Braskem sofreu um rompimento no trecho da Lagoa Mundaú. A arte faz uma releitura do brasão da cidade de Maceió, impactada pelo desastre ambiental que degrada a rica fauna da lagoa do Mutange e o território em torno, antes fonte de renda para os pescadores do Sururu e outras iguarias típicas da região.



DA AUTORIA

Allys, mãe solo, estuda Psicologia e é migrante nordestina de Chã Preta/AL. É pesquisadora bolsista na UNIFESP, focando na Saúde da Mulher Negra. É fotógrafa, educadora sociocultural e agente social no Consultório na Rua, região central de SP. Foi membro do comitê de prevenção e combate à tortura a nível federal, tendo atuado como articuladora territorial na região da Zona Leste de SP.

FOTOGRAFIA / DESENHO

BLUE

Sem título



DA AUTORIA

Meu nome é **Daniel**, tenho 22 anos e sou artista alagoano. Desenho desde a minha infância, e o meu desejo com o desenho e a arte como um todo, é viver dela. Nos meus quadros tenho um foco em animes, porém pretendo publicar trabalhos autorais futuramente.

FOTOGRAFIA / DESENHO

CELESTICA

Sem título



DA AUTORIA

Alagoana, graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), escritora e entusiasta de cinema e audiovisual.

FOTOGRAFIA / DESENHO

DANIEL RIBEIRO

Sem título



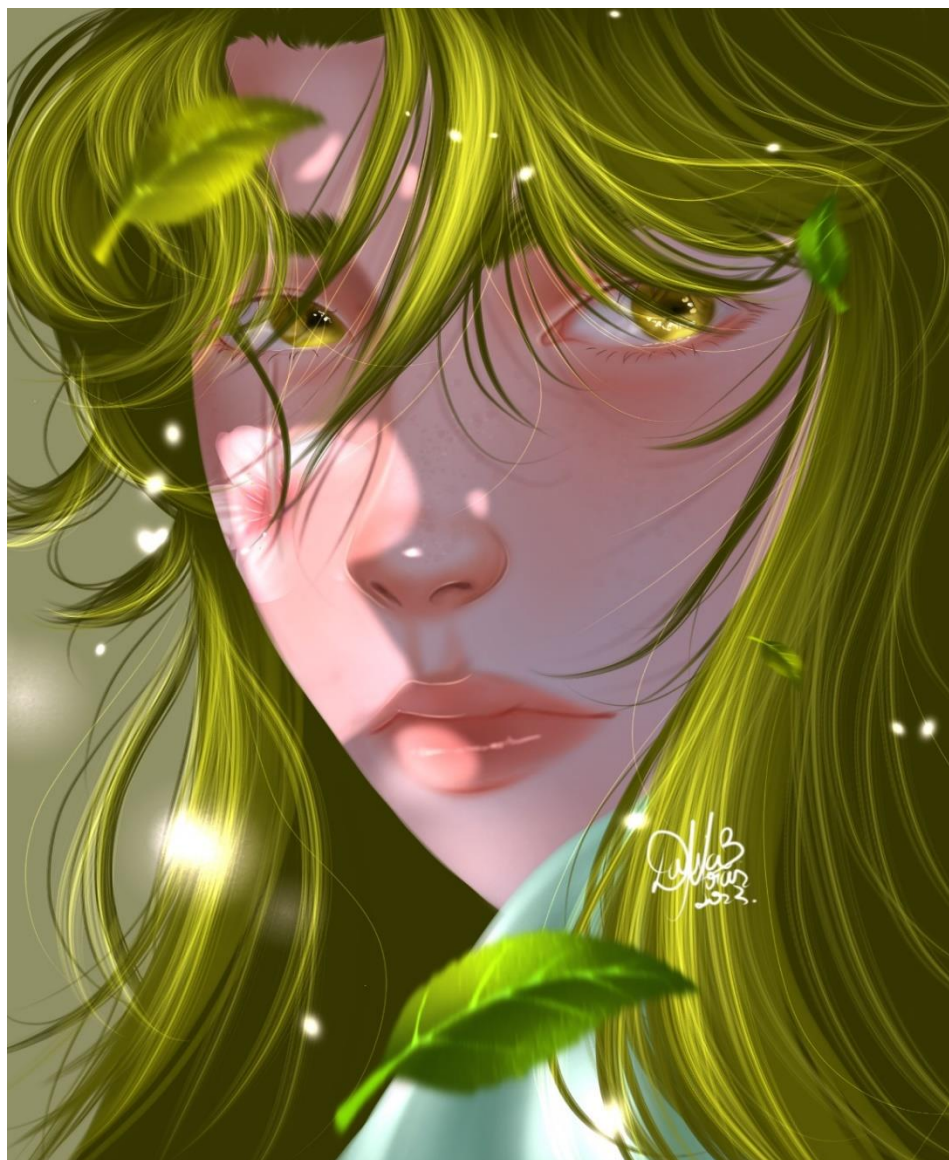
DA AUTORIA

Daniel Mendes, analista de sistemas, 34 anos, de Fortaleza/CE. Estudante de fotografia analógica por influência do meu avô, aprendi a amar esta arte para poder compartilhar com ele deste hobby.

FOTOGRAFIA / DESENHO

DARIA MORAIS

Sem título



DA AUTORIA



Meu nome é **Daria Morais**, tenho 24 anos e nasci e cresci em Maceió. Desde pequena adorava desenhar e colocar as ideias da minha cabeça no papel, ao decorrer dos anos fui crescendo e essa paixão só cresceu. Atualmente estudo e melho gradativamente minhas técnicas e espero futuramente viver da minha arte e mostrar ao mundo toda minha paixão. Posto no Instagram [@daria_arts99](https://www.instagram.com/daria_arts99).

FOTOGRAFIA / DESENHO

DONALD SILVA

Sem título



DA AUTORIA

Quase sempre tento simplificar a descrição de minhas criações dizendo que são bonequinhas de papel, e no geral isso abrange muitas das obras. Vez ou outra é algum transtorno, mas as bonequinhas predominam mesmo.

FOTOGRAFIA / DESENHO

DRUWCAPA

Bandido Corazón



DA AUTORIA

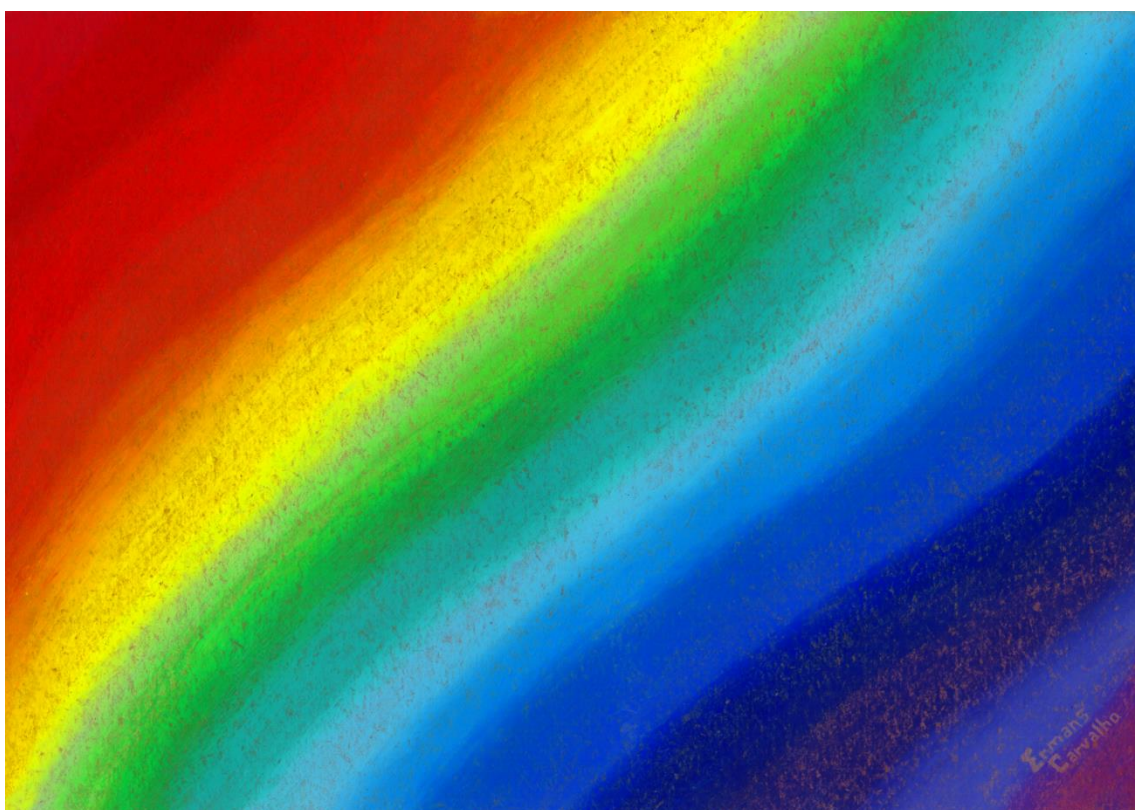


Meu nome é Cauã Vinícius, ou **Druwcapa** dentro da internet, tenho 20 anos e sou estudante de Letras na UFAL. Sou Ilustrador e Designer Gráfico, crio designs para personagens e no momento estou criando meu próprio jogo! Minhas ilustrações são em um estilo mais **cartoon**, e foco bastante em desenhar personagens do programa *The Masked Singer Brasil*.

FOTOGRAFIA / DESENHO

ERMANS CARVALHO

Diversidade em construção. Aquarela e nanquim sobre papel. 29,7cm x42cm.
2021.



DA AUTORIA



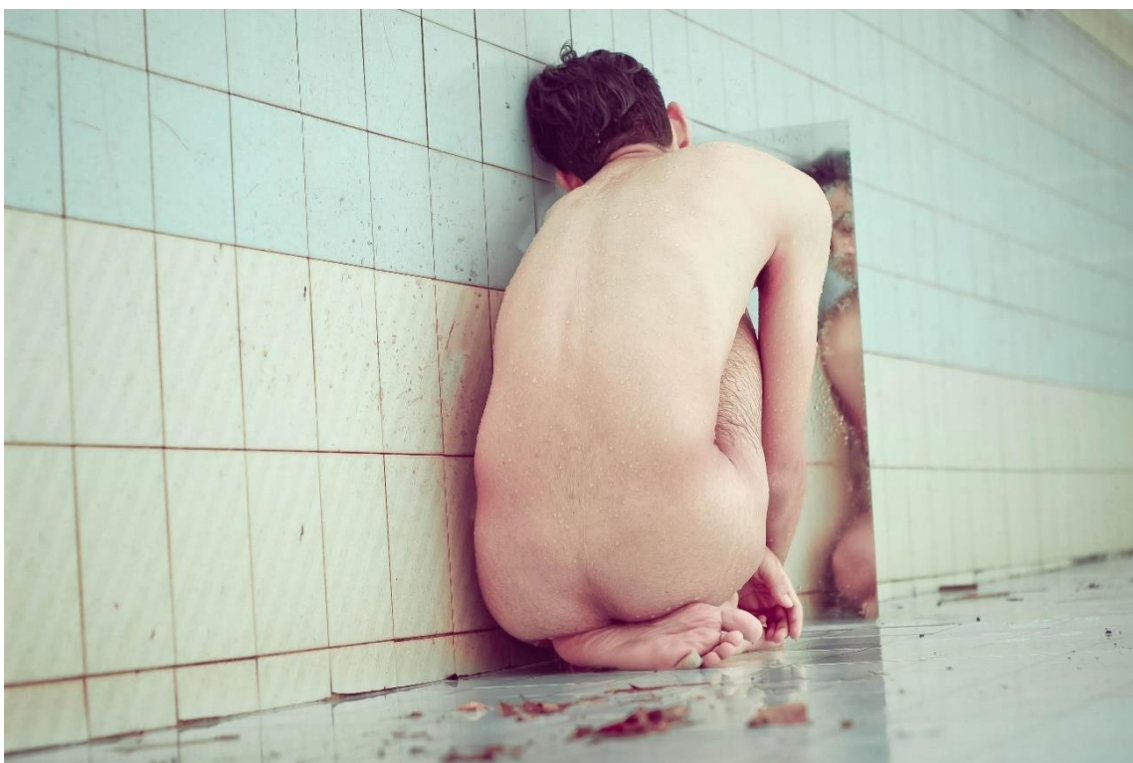
Artista visual, pesquisador e arte-educador alagoano. É mestre em Educação Profissional e Tecnológica, possui uma formação interdisciplinar e suas obras são constituídas em técnica mista de desenho e pintura. Vive e atua em Maceió-AL e expôs suas obras em instituições como o SEBRAE e a Universidade Federal de Alagoas. Acredita na arte e na educação como transformação.

FOTOGRAFIA / DESENHO

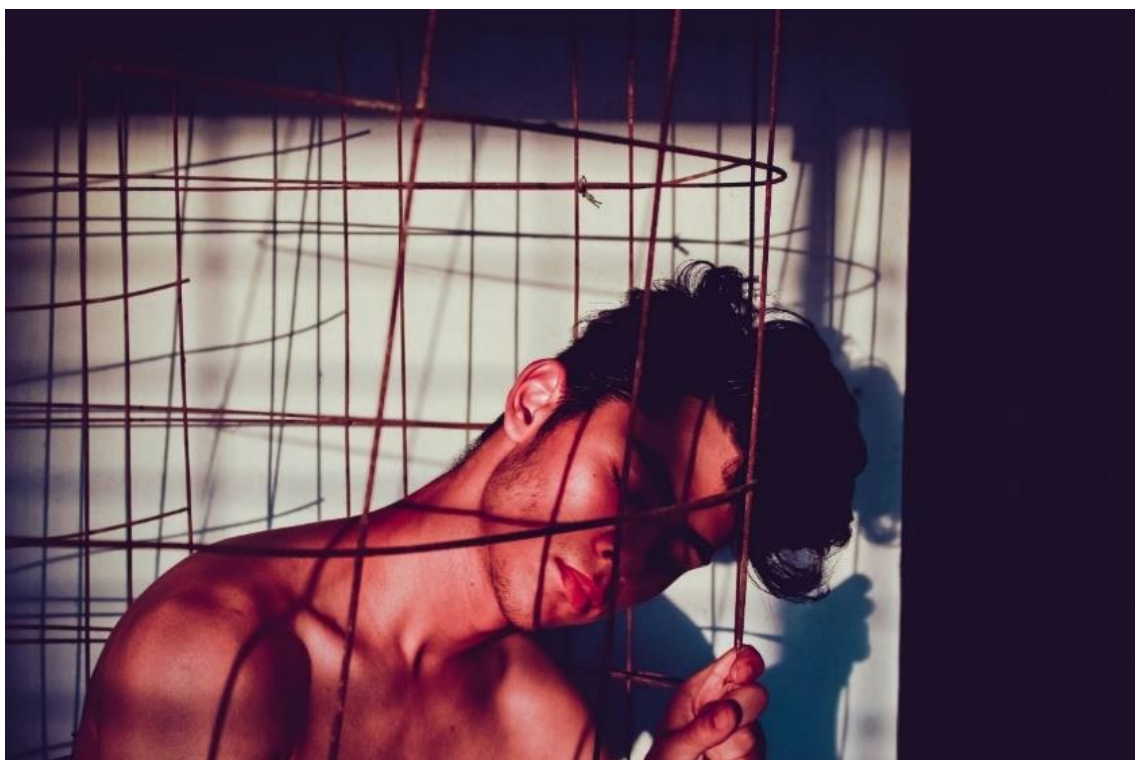
fernando cabral

Ensaio sem título









DA AUTORIA

Fernando Cabral é artista multidisciplinar e designer gráfico de formação pela Unibratec (2017), iniciou sua jornada na fotografia e cinema em 2013, ao descobrir através das lentes uma paixão com contar histórias e captar sentimentos.

FOTOGRAFIA / DESENHO

GABRIEL DE ARRUDA

São Paulo - SP



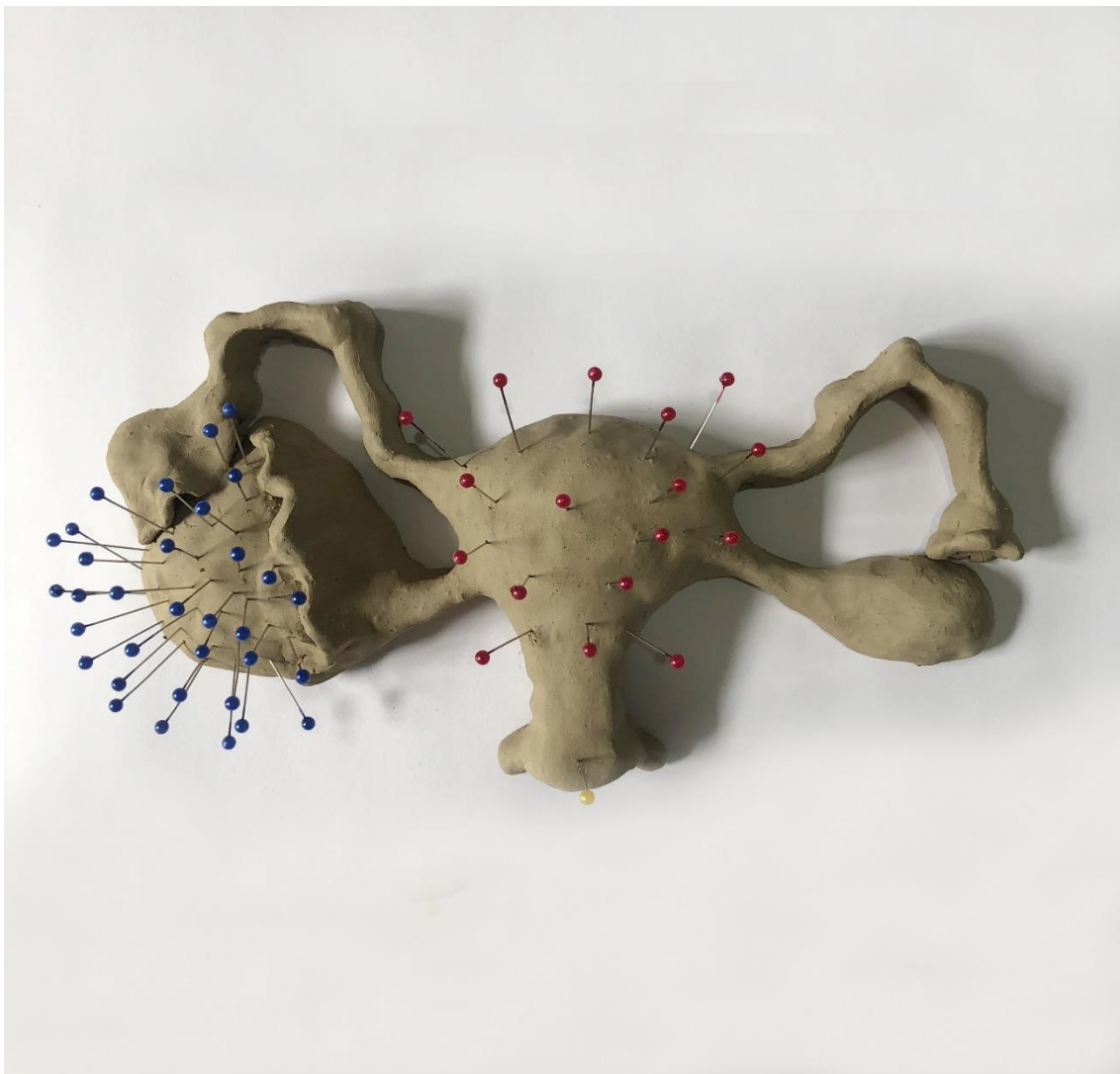
DA AUTORIA

Gabriel de Arruda nasceu em 5 de agosto de 2000, é um jornalista e escritor brasileiro, residente em São Paulo Capital. É neto de um pracinha brasileiro. Ele é conhecido pelo seu trabalho no TRE-SP e CETSP, em comunicação e marketing, seu interesse pelo teatro e pelas artes complementa sua paixão por contar histórias de forma impactante e inovadora.

FOTOGRAFIA / DESENHO

HYAGO MARQUES

Dorso. Escultura em argila e metal. 2024.



DA AUTORIA



Hyago Marques escreve, revisa e edita. Publicou *anjos tocam lira nas molas do colchão* (2021, independente) e atualmente trabalha em seu segundo livro de poemas. Incursiona pelas artes plásticas.

hyago.marques@fale.ufal.br
hyagomarques.com.br

FOTOGRAFIA / DESENHO

JONAS MANOEL

Olhar-se, ensaio. Fotografia e texto: Jonas Manoel. Modelos: Ana Rebeca e Bruna Silva. E.T.: Jeremias Ezequiel. Locação: Pilar / Chã do Pilar.



“Às vezes, ao andar na rua, basta apenas um olhar para que possa me sentir novamente violentado.”



Esse trabalho fotográfico teve início com a intenção de provocar um pensamento na sociedade para que as pessoas possam “se olhar”. Não somos pessoas simples, mas pessoas com um grande peso ancestral, o qual remete aos muitos que foram mortos, presos e até mesmo violentados pelos olhares dos que menosprezavam sua cor.





DA AUTORIA

Jonas Manoel, 21, homem preto de dupla nacionalidade nascido e vivido em quilombo. Acadêmico em teatro – UFAL e cursando último módulo do curso de teatro – ETA, sua linha de estudo é o audiovisual envolvendo pessoas pretas tendo como principal meio de execução a fotografia.

FOTOGRAFIA / DESENHO

LUIZ FERNANDO

Quatro obras



Lavagem de barco, colagem



(Guache)



(Colagem)



(Desenho em caneta marcadora)

DA AUTORIA



Luiz Fernando Gomes é Dr. e Pós-doutor em Linguística, área Linguagem e Tecnologia (Unicamp). Mestre em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem (PUC-SP). Presidiu a ABEHTE; autor de vários livros sobre escrita no mundo digital. Estuda cultura visual contemporânea e relações intersemióticas entre texto e imagem. Autor de livros de poesia, de contos e de livros infantis ilustrados por ele mesmo. Foi sócio correspondente da Academia Sorocabana de Letras. Desenhista/ilustrador, com trabalhos nas capas da Revista Linguagem em Foco (UECE). Menção honrosa Concurso de Artes de Luxemburgo (2023). fernandodesenhista1.blogspot.com

FOTOGRAFIA / DESENHO

PANTALEÃO

Retiro, ensaio. Fotografado por [Cristal Luz](#).







DA AUTORIA



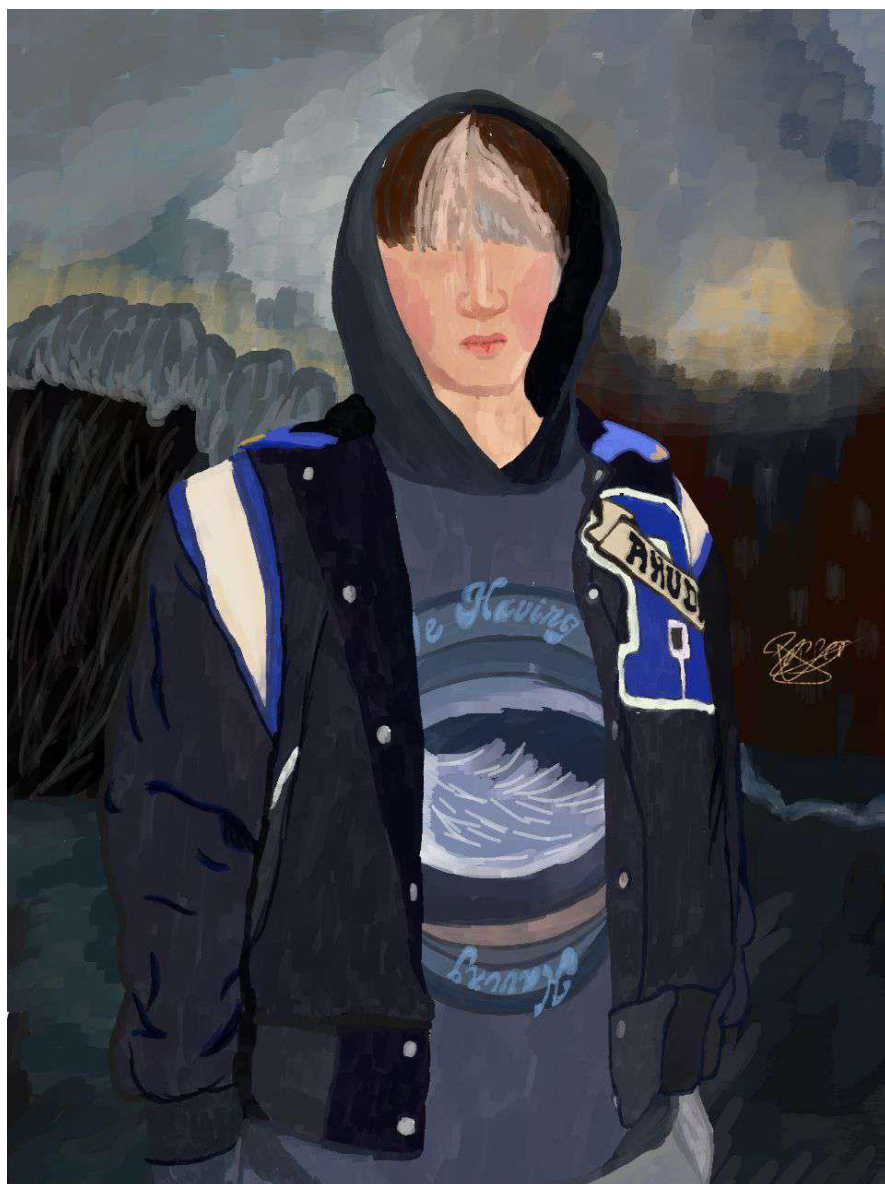
Sou **Elton Pantaleão**, 33 anos, alagoano, brasileiro, design de interiores, artista visual, pesquisador e ceramista. Com vasta experiência, com estudos e referências com a Bauhaus e o design escandinavo. Reside em Santana do Mundaú/AL. Atualmente monta seu atelier de cerâmica e pesquisa o resgate das técnicas de cerâmica primitiva e suas respectivas queimas. Como vídeo e fotoperformance, bebe da fonte da arte popular brasileira e arte contemporânea, trazendo como elemento principal da cena o barro, esculturas e objetos cerâmicos de sua autoria.

FOTOGRAFIA / DESENHO

PEDRO NEVES

Três pinturas







DA AUTORIA



Olá, sou **Pedro Neves**, estudante no 4º período do curso de licenciatura em Letras - Inglês na UFAL. Além de me aprofundar nos estudos acadêmicos, perco-me em mundos diversos através da leitura, explorando desde obras românticas até narrativas macabras. A escrita é minha paixão, sendo para mim um meio claro e envolvente de expressar meus sentimentos.

FOTOGRAFIA / DESENHO

RAFAEL TORRES

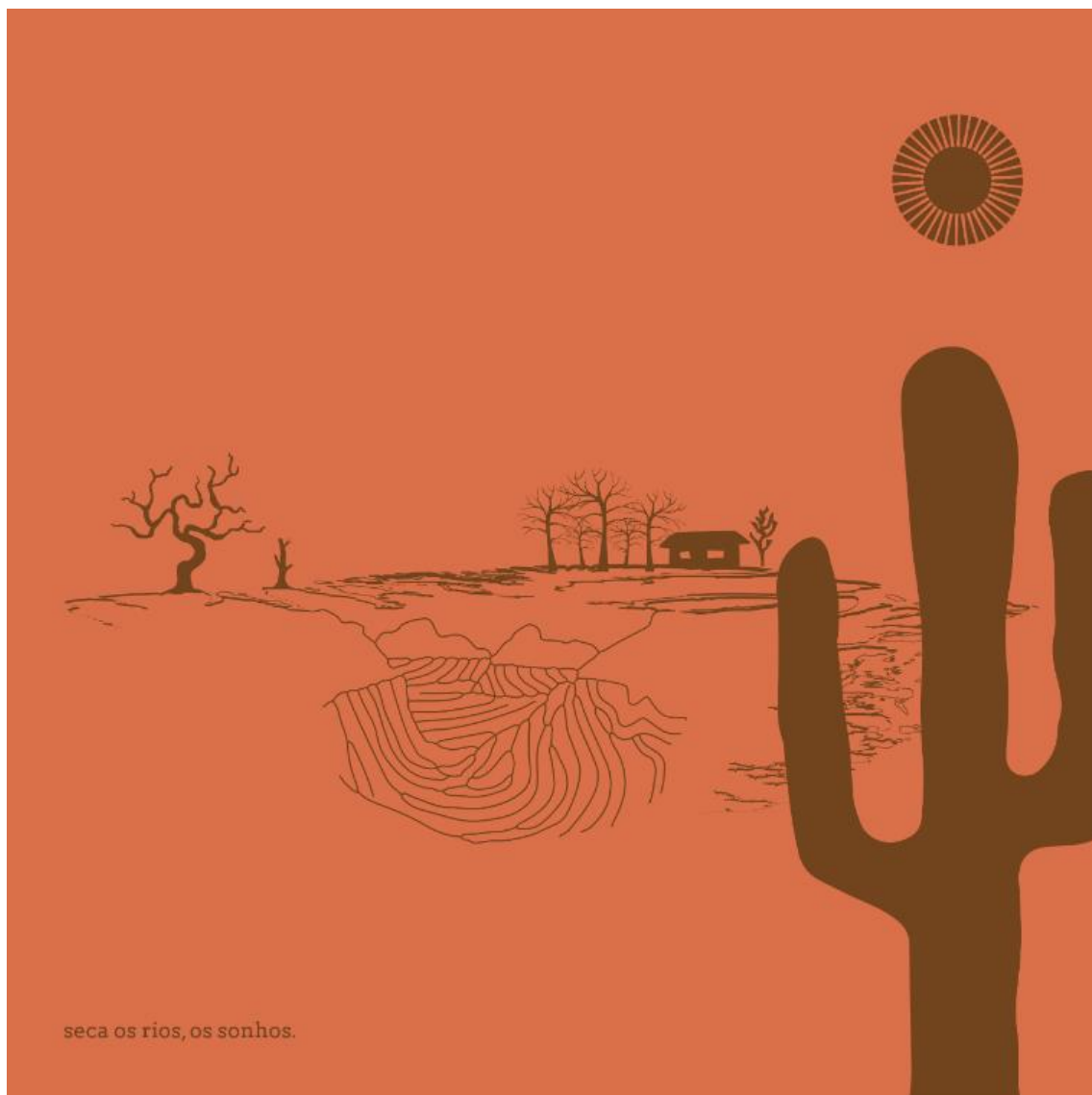
Quatro desenhos



American Way of Death







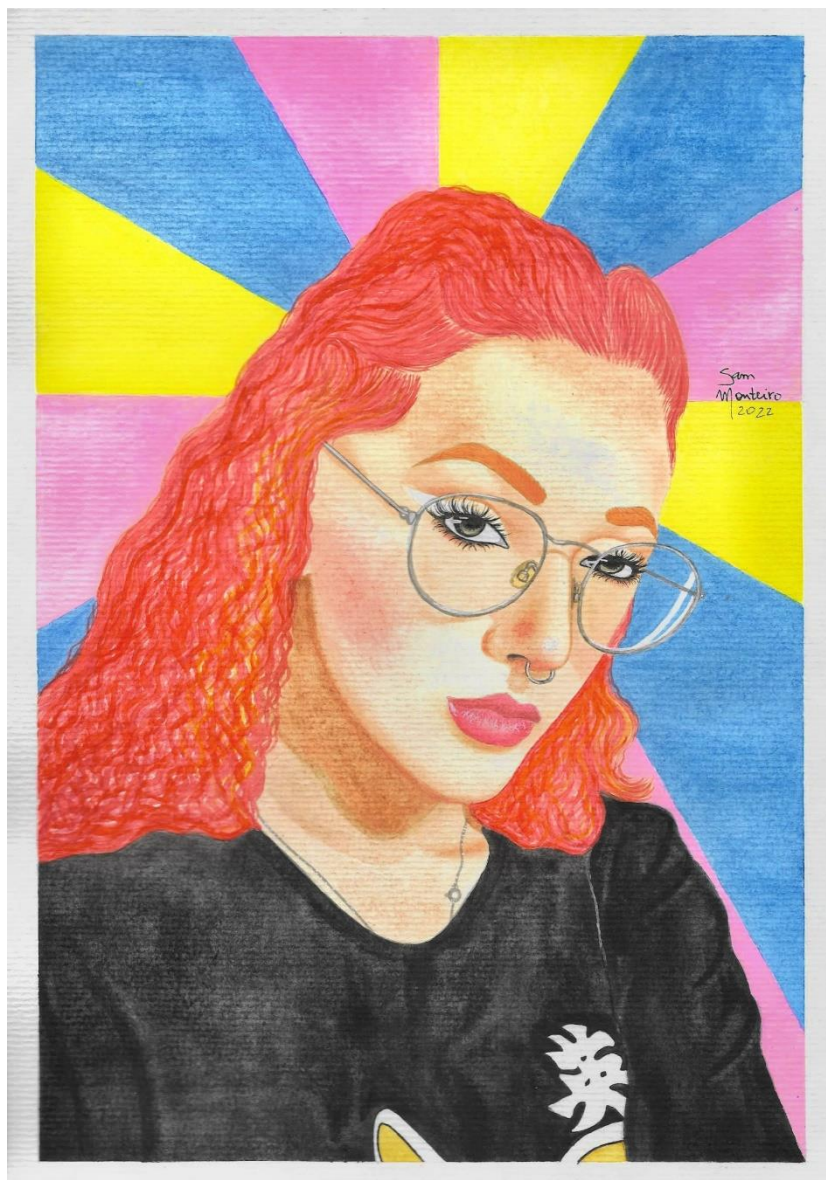
DA AUTORIA

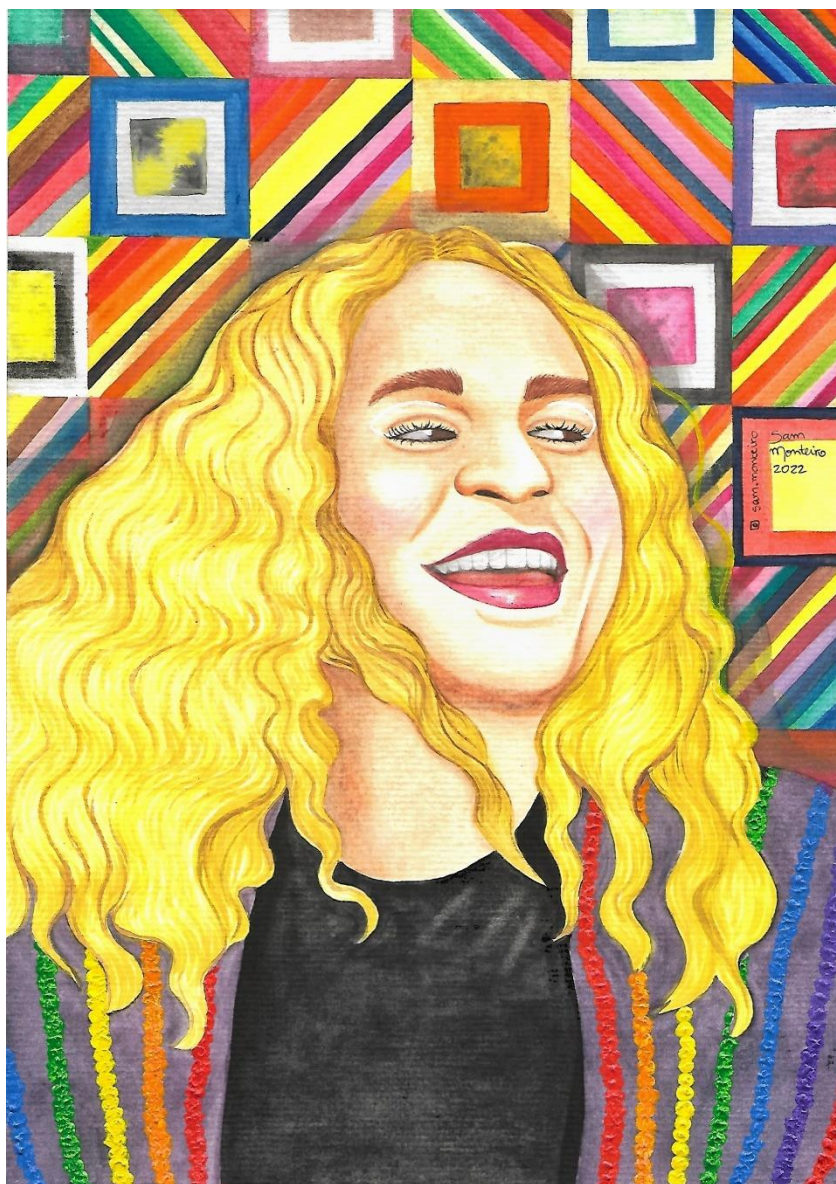
Natural de Mar Vermelho, Alagoas, **Rafael** é estudante em formação no curso de Licenciatura em História da UFAL. Além do trabalho como designer gráfico, possui produções musicais publicadas pelo netlabel alemão Spheredelic.

FOTOGRAFIA / DESENHO

SAM

Dois desenhos





DA AUTORIA

Sam Monteiro, 28 anos, mestranda em Física, sempre gostou de desenhar, de experimentar estilos e técnicas de maneira intuitiva e autodidata, passando pelo desenho a lápis, pintura em tecido, pontilhismo, aquarela, digital e, mais recentemente, graffiti.

FOTOGRAFIA / DESENHO

TONY ADMOND

Quatro fotografias



Ensaio com Ivana Iza



Fotografia do espetáculo *Treze Umbigos*, com Ane Oliva, texto e concepção de Ivana Iza.





BAIÃO integra o acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro –
Coleção Gilberto Chateaubriand, desde 2014.

DA AUTORIA

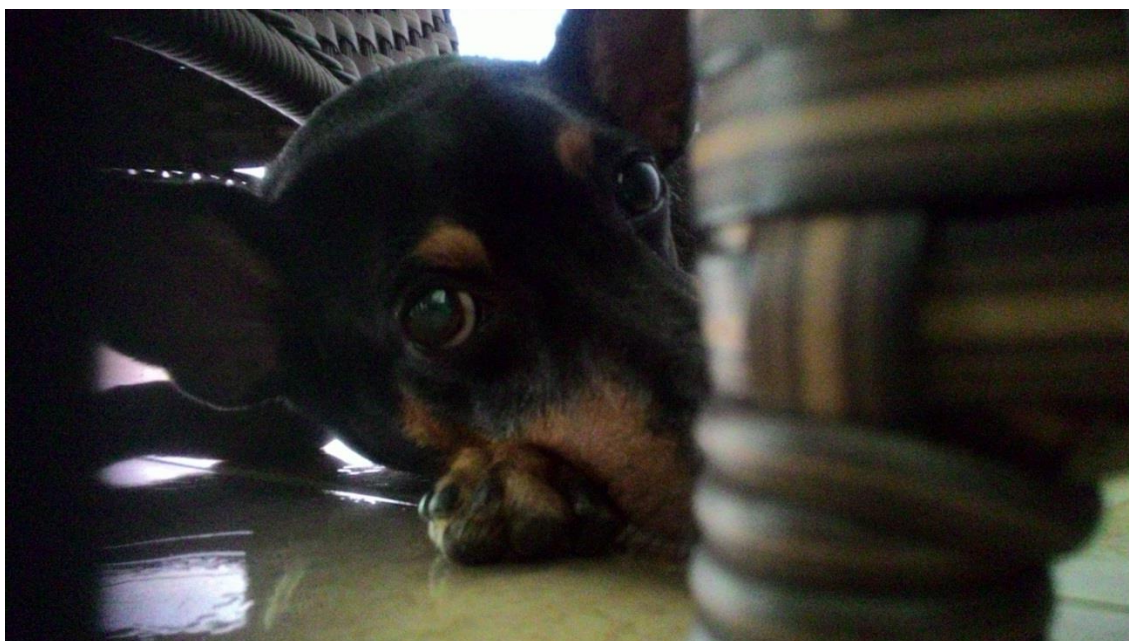
Tony Admond, alagoano de Maceió, fotógrafo autodidata que tateia por trajetos e conceitos bem definidos na produção de imagens que transbordam sentimentos. Ao flertar com o documental e o estético, suas produções imagéticas compõem narrativas visuais poéticas — concretas e abstratas — que vão muito além do que é visível na fotografia. Retratista convicto em tempos de *selfies*, expressa através de seus retratos imagens que os autorretratos contemporâneos são incapazes de captar, já que as essências humanas vão muito além das máscaras que usamos cotidianamente. Autor da mostra fotográfica ATEMPORAL e do ensaio visual QUEBRA XANGÔ, acumula produções imagéticas nacional e regionalmente reconhecidas e premiadas.

FOTOGRAFIA / DESENHO

YANA BRÁSQUES

Viver a paz






Mobydick Brásques



DA AUTORIA

Yana Brásques é enfermeira em Saúde Mental, Mestra em Psicologia da Saúde e apaixonada por letras. Através de seus escritos, consegue acessar seu mundo criativo e transpor em palavras seu imaginário vasto, dinâmico e pulsante.



POEMA

POEMA

ANNY LOPES

Cinco poemas

acostamentos

existo: mamãe sempre disse que era para comer pelas beiradas.

Dados (não) oficiais

Vovó morreu e eu não terminei aquele poema.

A estrofe

poderia ter se satisfeito

algumas teclas

atrás

as linhas

poderiam se sentir cheias

algumas gotas de tinta

antes

as palavras

poderiam ter finalizado por completo

anteriormente

Porque vovó morreu e eu não terminei o poema.

O que tenho

é aquela foto.

Braços finos

moendo milho

nascido

de um solo

e de um céu

secos.

Um sorriso

na pele enrugada

numa paisagem árida.

Sim, vovó morreu e eu não terminei o poema.

Também tenho ainda
a memória do abraço e do cheiro dela
naquela foto.
E um poema,
inacabado,
mal escrito
e brega.

É, vovó se foi, mas eu ainda tenho aquele poema.

Claraboia

quando eu disse *sim*,
e vi um quadro tão bonito
que me fez parar,
ou correr, observando
cores de pôr-do-sol,
e tive aquele sonho
com o mar,
e nadei nesse e no outro mar,
e noutra água
quando me apaixonei uma
ou cinquenta e sete vezes,
fiz ligações, mensagens,
telefax e cartas,
e fiz um furo
no cano, no muro,
no mundo,
e rastejei,
ou movi o corpo
centímetros
para o sol passar,
quando abracei
os amigos, as amigas e
as sombras conhecidas
e desconhecidas
que me capturaram
de um modo particular e visceral
e eu deixei
e eu fui
quando bati o corpo contra a curva
o desencaminho,
o atalho,
a não estrada,
corajosamente bonita,
quando ajustei o pedal
e os posicionamentos,
abri os olhos,
abri rachaduras
e eu estava ali

e estou aqui
agora
quando fiz uma aposta
e não paguei pra ver,
apenas vi,
cortei o escuro
com língua,
dentes e papilas
abastecendo os sentidos
quando respiro
ar e palavras
e esperança
a se alastrar
como a faísca
que queima e queima
pequena pólvora-brilhante-ardente:

Para Matilde I

O amor
é uma manta
que faz sombra.

(e quem é do sertão
e sabe
que a luz também arde
entende)

Para Matilde II

São frágeis
as máquinas
respiratórias
do corpo humano
e ar demais
ou
ar de menos
mata.

Mesmo assim, cubro tudo de amor.

E isso, Matilde, *diz muito sobre a minha caixa torácica.*

Boia

é só assim
que tenho vontade
de chamar teu nome

Mesmo neste apocalipse
climático,

amor,

cataclísmico,
místico,
bíblico,
imprevisível,
avassalador;
grandiloquente,

ainda tenho te amado

Li mil dias de jornal e estou farta de beber café
risquei os nomes, os telefones, as datas
disfarce mal feito de uma presença
vivo com fantasmas vivos
imaginando costurar rasgos
sem saber
(o pano ainda está aqui?)

Mal sabe o fantasma
e eu e você e o apocalipse
que o fim do mundo não é nada

amor é essa pedra que trago no peito
afundando tudo
enquanto eu
nado.

DA AUTORIA



Anny Lopes é graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia e professora de Língua Portuguesa no estado de Alagoas. Fez especialização em Literatura Contemporânea e atualmente está no programa de mestrado em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Pesquisadora de poesia e de políticas contemporâneas de vida, interessa-se pelo *lirismo que é libertação*.

antonio carlos sobrinho

Dois poemas

diz-me tu, fortuna querida

fortuna, companheira minha
de vastos acidentes
ao longo da vida,
veja com que elegância
eu me vingo de ti:

desde a beira
do abismo onde
tudo é vertigem
queda
e dor,
à tua revelia
nasço-me
e sou nascido
outra vez

não importa
quais esforços não meças
para tolher-me o escândalo
irisado
de viver,
terás, amiga minha,
de lidar com a afronta
diária de um corpo
irredutivelmente aberto
à alegria

e se mesmo
o teu clichê inescapável
de séculos a fio
– a tua cartada última
e desesperada –

não me rouba
uma angústia sequer,
diz-me tu, fortuna querida,
que podes contra mim?

revolução

surpresa

eis o termo
de um trabalho de tempo
e silêncio

uma a uma
esquadrinhei todas as tuas fraquezas

ocê sequer desconfiou
da herança de família
que trago quente sob o peito
não é?

uma guerrilha se faz assim,
de recuos estratégicos
e avanços subterrâneos

pois veja: os muros
que protegem o teu reino
tristeza
são porosos

corpos estranhos
habitam os vãos de teu concreto
e aos poucos
contaminam o teu não
de uma irresistível
festa estrangeira

teus sistemas de segurança
não resistem ao sopro
de uma alegria

é hora do contra-ataque

adeus

DA AUTORIA



antonio carlos sobrinho:
logun bi ayó. poeta: *pequeno laboratório das coisas da vida* (patuá, 2021), *quase um manifesto* (patuá, 2023). professor itinerante. antes: unijorge, salvador; uneb, irecê. hoje: fale/ufal, maceió. amanhã: onde vagalumes acenderem uma convocação. acredita: na arte. aposta: na alegria. vive: de encontrar belezas.

acsobrinho83@outlook.com

POEMA

CELESTICA

Dois poemas

(Ó)

A cidade sofre de uma febre,

Quase não enxerga-se os mistérios do céu

O reflexo prateado acima das ondas noturnas se tornou artificial.

É o século da ressaca.

A nostalgia surge mórbida e anuncia:

Esse mar que nos cerca ainda vai te engolir

E devorar toda a recusa do sentir.

Desaparece cada vez mais a consciência,

Triunfa cada vez mais o delírio.

Para cada amor que se perde em Maceió

É plantado um pedaço de mar.

~ ~ ~

E os Ramos dessa Angústia não poderiam ser menos alagoanos.

Estilhaços de Março

No limiar da incompreensão e da tormenta-consciência, toda carne
trêmula anseia pela epifania ideal
Que é divina & mulheril
Desconhecida & incerta

Repousa na solidude e nos permite viver da histeria, jurar obediência a
um mundo ordinário. É a redenção pela ternura. Um instante remoto
que faz do tempo impresso e imutável. A colisão de pensamentos
desordenados que divaga pela vastidão hostil do inexplicável e ascende
a vontade de escapar por entre as linhas clandestinas das minhas
contradições.

Prometo não retornar às cinzas desse fogo morto. Desejo um dia
recusar a água rasa que me oferecem, pois a benevolência da
minh'alma te ensoberbece

E só me resta afogar em repreensão.



DA AUTORIA

Alagoana, graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), escritora e entusiasta de cinema e audiovisual.

POEMA

DAVI ASSUNÇÃO

Três poemas

há uma nova arte do uso

ela sabe mais e me ensina

estamos a goles de vinho
e o corpo cansa já roxo

de tantos olhares nossos
imorais
ela podia só ir de vez em quando
mas às vezes também é bom

ela se entrega
enquanto pensativo
te olho baby
te olho

é difícil saber fazer o que ela faz
uma palavra acompanha o gole

ranger
a boca no copo

eu preciso escrever
enquanto ela elabora seus gestos

para continuar
só assim

pondo em ação outros
órgãos de escuta

estou perto de querer um pouco mais
uma ribanceira logo abaixo
aprendi quando criança
a descer terreno baldio à deslizes

lá embaixo
veremos

chego inteiro
e mais vivo

olho pro começo
lá está ela
digo
continuou querendo
e mais

subo com o escorrego
debaixo do braço

a boca no último gole.

Só agora as palavras.

Depois de ter descido os graus do sono.
Depois de tê-la visto, em sonho, pedir por um gesto.
Um que descascasse da vida o acontecimento.
Como se descasca laranja,
Movimentos contornos, numa espiral.

Só agora as palavras,
Depois da experiência do sétimo dia. Expressão que, por diversas vezes, o
ofício me pôs a escrever,
Mas, distantes de mim, as palavras não ardiam tanto.

Depois ainda do inseto a pousar no único móvel incerto da sala,
A lembrança dos mínimos saltos do bicho até agora na parede, e do seu
voo para longe.

O inseto, sinto eu, era mais que ele mesmo,
Em sua cor verde radiante, a saber do que no espectro de luz visível mais
me agrada.

As palavras, que agora vieram, trazem o consolo da senhora, com seus
retalhos de tecidos antigos.
De onde arranco sua presença, mesmo depois do não estar-mais.
De onde ela faz vir o algo novo: um manto, um colo, uma presença em
cores; ela, portanto, testemunha estas e outras redes de palavras que, só
agora, vieram.

As palavras, como uma boa senhora, tecem fios com pontos quase soltos.
Em partes, a aproximar-se como querem.
Nada fixo. Ela desobriga até seus filhos de se amarem.
Quem quiser que queira.

As palavras vão indo e vindo por madrugadas silenciosas, deste modo, em
pousos e impulsos. Me espera. Vou.
No toque delicado de suas miudezas, em uma e outra superfície, ela me
joga uma sensação diferente, a palavra que fica e me vê escrevendo o
poema leve.

Algo foi mudando, ao ritmo do que foi aparecendo, as palavras o bicho ela.
Em acolhimentos.

Transformando seu peso, seu toque.

E eu que adoro verde, sou tocado.

Sua vida neste toque.

A tudo carícias.

Há tempos estou tentando entender o que
é aceitar o trânsito
Transitar
Com os mecanismos de aceleração e freio
Em funcionamento
Apoiado em experiências anteriores
De fluxos que tive que sair quando
Senti que não dava mais para continuar
Fluxos forte demais inclusive
E mesmo assim
Mesmo parecendo
Ter uma total atenção
Mesmo estando de algum modo
Acelerando junto
E que agora, me parece,
Que eu
Estava só acelerando
Uma aceleração
Com todas as reações naturais previstas:
Ventos fortes
Frio na barriga
Curvas abertas
Ultra passagens
E mesmo quase sem piscar
Parecendo estar mesmo confiante
Mesmo não estando
Mas mostrando
Pois, numa viagem
Nem tudo é o que parece
Mas é preciso parecer também
Pessoas que passam ao nosso lado
Olham pela janela
E notam
A confiança nos olhos
Por isso melhor é
Mostrar o que pedem que mostre
Ou lhe jogam pro canto
Ou ignoram qualquer sinal que se dá
Por isso finjo estar confiante
Ou isso

Ou vidros escuros demais
Em que nada se vê
Nem mesmo a cor dos olhos
Nem os cabelos
Meio ruivos
A diferença de idade
Nem a confiança.
No entanto
Ainda não tinha como impor
Uma não visão de mim
Então
Estive o tempo todo
À mostra
E nesta de
Ir aparecendo
Fui
De algum modo
Visto demais
Arrastado
Estou sob os escombros
De uma viagem
Talvez
Mais intensa do que
Eu esperasse que fosse.

DA AUTORIA



Davi Assunção, homem negro, soteropolitano, poeta e artista-pesquisador, integra o Grupo de Capoeira Angola Mourão - GCAM. Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Feira de Santana (UEFS), licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Jorge Amado, Bahia. É autor dos livros *Aparato de Artista - Iluminuras Indestináveis* (independente, 2019) e *Envelope-de-Artista* (Arroyo, 2021).

POEMA

DENIS WILLYAM

Um poema

Salgada Saldade

Gosto
Do som dos meus pés tocando
O chão de paralelepípedo
Cheio de areia
Como areia do Mar
Salgado
Sinto
Cada grão ao pisar

O vento...
Traz um cheiro úmido
Abraça
Meu rosto

Faz
Falta



DA AUTORIA

Denis Willyam de Jesus Balbino, nascido na cidade de Caruaru-PE, é graduado em história pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) e graduando em letras - Português pela UFAL.

OEMA

F. VERLAINE

Um poema

ESTRELAS

Brilhos sob os meus olhos
Noites mal dormidas
Me fazem pensar...
Me fazem esquecer...

Veja! Flores crescendo no asfalto
Tire uma foto e guarde com carinho
O que dizer sobre hoje
Sobre o que acontece conosco e o mundo.

Estrelas...
Estrelas...
Estrelas não passam de sonhos
Antes esquecidos
Mas que subconsciente insiste em fazer brilhar.

Pablo Picasso distorceu minha vida
Em um de seus quadros
Sonhos concretos
De realidades abstratas

Me diga
Se o brilho sob meus olhos
São somente estrelas
Ou isso é somente fruto da minha imaginação.



DA AUTORIA

Felipe Leonardo Barros Farias, nascido em 07 de março de 1988 em Taguatinga - DF, mas radicado alagoano, mora no estado há mais de 23 anos. Utiliza o pseudônimo **F. Verlaine**, possui forte influência dos escritores beatniks, assim como de diversos músicos como Bob Dylan, Lou Reed. Os temas existencialistas, obscuros e cotidianos são os que mais o atraem em sua escrita.

POEMA

FELIPE A. LUCENA

Um poema

AÇÕES

Compra.
Vende.
Analisa os gráficos.
Compra na baixa.
Vende na alta.

Na vida, tudo segue a lei da oferta e demanda.
O amor ofertado nas esquinas escuras
O amor demandado pela esposa carente
O lenço unguido ofertado pelo pastor
O milagre demandado pelo crente fiel

Ações negociadas por agentes desse
Mercado chamado vida. O preço da ação
depende do lucro que ela pode proporcionar.
Pequenas ações grandes consequências

Foi um negócio ter prazer com você.



DA AUTORIA

Meu nome é **Felipe**. Tenho 30 anos e sou graduando do curso de Letras-Ingês na UFAL. Em 2022, durante as aulas de Literatura em Língua Inglesa, me aproximei do gênero lírico e passei a me aventurar na escrita em versos. E cá estou eu, no processo de escrita do meu primeiro livro de poesias e cada vez mais apaixonado por literatura.

POEMA

INGRID TORRES

Um poema

Vertentes

todas canções que te dei
as músicas que você me mostrou
quantas palavras usei
e ao fim tudo se dissipou

todos os sorrisos se vão
as memórias ao léu
uma dor tão profunda ficou
vejo o índigo que permeia o céu

eu quis segurar seu coração
por vezes o vi quase parar
e no final o que ficou?
só restou tudo o que queria lhe dar

do mar ao léu
do céu ao chão
do horizonte, ao mais profundo vão

do sim ao não
das estrelas a escuridão
e no final tudo só foi um longo clarão



DA AUTORIA

Sou **Ingrid Torres**, nascida e criada na cidade alagoana de Maceió, mas atualmente resido no interior do estado. Escrevo desde muito nova como uma forma de expressar os meus sentimentos e, por meio da escrita, ajudar outros a entenderem a si mesmos. Espero que, futuramente, minhas palavras cheguem muito além dos lugares que minha presença física chegue.

POEMA

JACQUES DID

Um poema

Trago Em Mim A Fome Do Mundo

Tenho toda fome do mundo aqui dentro, gritos em silêncio profundos, dores agudas de vida. Acho que necessito de algumas migalhas de proteínas, carboidratos, gorduras. Não, não, longe disto, doces leitores, o amargo do acaso, excessos de formalismos, estruturas vazias, malditos descasos humanos. Tenho somente fome, feridas estomacais, tremores abissais, dolorosos calafrios, uma cruz vazia pegada em minha alma, que continuamente sangra quando eles dizem como agulhão, vai daqui, hoje não tem lanche, nem contato, nem olhares, nem poesia moderna.



DA AUTORIA

De mim, do que sou e/ou do que fui, salve algo, nem que seja minha escrita. Sei pouco, as vezes penso, sei nada. É, não sei do que sei, nem sei o que sou. Caminho pelas esquinas frias da vida em busca de algo. Se sei, minto, se escondo, ressinto, apenas prossigo. Cheguei? Não sei. A vida que me leve. Agora estou cômico de algo, desconheço para onde vou!

POEMA

JOSÉ DA GUIA

Um poema

Blue Eyes

Pelos teus olhos azuis
Passam carinho,
Amor e ternura.
Pelos teus olhos azuis
Também vejo uma
Vontade de ficar comigo.
Ao mesmo tempo,
Pelos teus olhos azuis
Há sinais de desconfiança, ironia
E medo.
Dê tempo ao tempo
E pelo menos acredite
Em alguém que
Pode lhe amar.
O que os teus olhos
Azuis revelam
Neste momento
É só você quem
Pode traduzir.



DA AUTORIA

José da Guia – Jornalista formado pela UFAL. É autor do livro de poesias *Absoluto obsoleto* (1994).

POEMA

JOSÉ VITOR

Dois poemas

De onde eu vejo caos

De onde eu vejo caos
A lareira acesa queima
As fotos da lembrança
Que insiste e teima
De onde eu vejo caos

O amargo passado resiste
No fundo o amor tão triste
Deixou errante o lutador
Nada há como o dia em que
O amargo passado resiste

Me acalentava o sono
Era como música boa no ouvir
Passados esses suplícios
Corria e voltava alegremente
Me acalentava o sono

Não tinha hora nem dia
A qualquer tempo surgia
Como quem não queria nada
Forasteiro meu sossego
Não tinha hora nem dia

Sou

Os brancos clarões nas brechas do mundo
E grilos que cantam ao endoidecer do dia
As muitas vozes que balançam o vento e
Escravizam o tempo com mãos gigantes

Lendas contadas há milhares de anos
Olhares infaustos nos quadros antigos
Quem estava dormindo e jamais acordou
Aquele que estava ébrio e ridículo

O que espera sentado e desatento
Que fica sozinho a todo momento
O que escreve poemas para a morte

As chuvas que molham o acaso
O clamor dos esquecidos
O fogo abrasando a madeira

**DA AUTORIA**

Graduando em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), locutor profissional, poeta e Técnico em Multimídias.

POEMA

KAKA (KARINE VALESKA)

Três poemas

diariamente

preocupada
desperto
incomodo-me
diariamente
com a alteração
da voz que ouço

a Tristeza e a Raiva
disputam
meu peito dói
olho para a porta aberta

fujo

outra realidade me espera
palavras como estas
diariamente
salvam-me

poema para as perfeitas imperfeições [como eu, como você]

quanto mais
eu cresço
menos entendo
este mundo
mais sinto
uma pressão
indesejável
e não ignoro

tenho um punhado de
pensamentos
desagradáveis
por isso fecho
os olhos e
tento não
me afetar
por ora

[mais um ano]

às vezes
bem às vezes
ou nem tanto assim
sinto que não estou
indo também
como os outros
porque não aprendi
o que é isso
crescer
desse jeito aí
que tanto falam
e exigem

estou mais perto
do inevitável fim?

num sei não
só sei que continuarei
errando, mudando
mudando, errando
e mudando
de novo e de novo

perfeitamente imperfeita]

[como a vida

Oh, foi mal aí
Mas eu não
Me encaixo nisso
Não
Sou alguém fora daquilo
Que é estabelecido

Luminescências que sobrevivem

está acabando.....

aos pouquinhos

cada segundo

parece uma

e t e r n i d a d e

eu sei

mas acredite em mim:

[não]

está acabando

evidentemente

não há um fim

os resquícios

os estragos

prevalecem

é inevitável

mas se você

se *nós*

buscarmos

lá atrás

e trazermos pra cá

aquelas imagens

pequenas

saberemos algo

o amanhã

não é um horizonte

isso é bom

porque ele

nos cega

nos ofusca

e ela

a comunidade

nos toca

e nos faz enxergá-las

as Luminescências

cujos lampejos
dizem que
possamos
quem sabe]

pensar num amanhã
um pouquinho diferente
de hoje, de ontem

sobretudo:
pensar no agora
no aqui
no estar aqui
que

apesar de tudo
sobrevivemos
[não é?



DA AUTORIA

Chamo-me **Karine Valeska (Kaka)**, sou alagoana e estudo Letras - Português na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Apreciando a literatura da maneira que mais me agrada, costumo ler obras contemporâneas e, quando a vontade de expressar artisticamente reverbera neste mundo em que vivemos, amo me aventurar escrevendo poemas e contos.

POEMA

LAURA LETÍCIA

Um poema

Te quero por muito tempo ainda

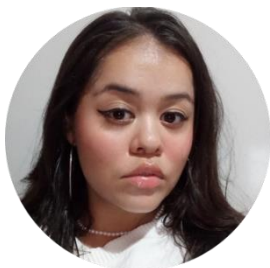
me prometi que não ia dedicar minhas palavras a amores outra vez
mas acontece que você me arranca os sorrisos mais genuínos possíveis
[nessa
realidade agitada e caótica das ruas de Maceió

às vezes é tudo bagunçado aqui dentro, amor
mas você faz da minha existência um lugar seguro e é uma honra poder
[fazer parte
de algo tão bonito como nós dois

me promete que esses dias vão continuar existindo mesmo quando parar
[de
fazer sentido, porque às vezes as coisas só param de significar

me promete que vou poder acordar com um sorriso gigantesco e te dar
[um bom dia
caloroso, regado a
um beijo sincero e olhar mais sincero ainda

eu te quero no meu futuro, amor
eu te quero por muito tempo ainda.



DA AUTORIA

Laura Letícia cursa o 4º período de Letras - Português na UFAL. Escreve desde os 12 anos e publica histórias autorais no [Wattpad](#), plataforma para autores independentes. É apaixonada por literatura, tendo lido e emergido em autoras como Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, dentre outras ilustres mulheres da literatura brasileira.

POEMA

LENA NOVAES

Um poema

Beleza&Tragédia

Olhava para o alto,
Sonhando acordada,
Teus olhos castanhos são
Reflexos de contos de fada.
Bela moça, sorridente,
Fios escarlates escondidos,
Maranhados de castanhos vividos.
Ela era a graça da boa gente contente.

O céu era sua morada,
Lar da imaginação,
Tão enamorada,
Pela ideia de pôr vida a própria criação,
Oh, pobre moça solitária,
Não colocas dentro da realidade o seu coração.

E o azul se tornou um verde oculto,
A melodia sombria aqui a conduziu,
Cordas de violoncelo (sentença),
Tua alma em seu sepulcro...
Ela se feriu,
No âmago, na psique desvirtuada,
Moça de cabelos loiros,
Tão calada,
Desmotivada
Fria era, a embriagava

Louise, Louise.
Controle-se.

Amor, amada,
Paixão.

Toques mortais,
Seus, eram canais,
Para pureza do seu ser,
E o não ter?
O que faria?

Ela não a corresponderia.

Ela virou os sonhos mais lindos,
O pesadelo, a dor suave,
Aqueles que disse: "bem-vindos"

Sorri e
No espelho, morreria.
Louise, insana, Louise,
O que ela lhe disse?
Louise?

Caminha,
 Longo caminho,
 Mãos portando seu pincel,
Prata e cor de vinho.

A vê, mata fechada,
Não sentia nada.

E o nada a transformou

"Culpe-a."
E a culpou.

Seu lindo vestido sujou,
O verde opaco ficou.

A amada então se tornou,
Gélida, portadora de matéria
Sem respiração.
Não havia mais movimentação
Na sua artéria.

Louise, Louise.

Tuas lágrimas eram tardias.
No sentir da dor, tu urrarias.
Tu apenas estática permaneceu,
Tua alegria, como os verdes opacos,
Desapareceu...

Infeliz para sempre.

DA AUTORIA



Lena Novaes é o pseudônimo de Sabrina Helena Gonzaga Novaes, moradora de Cunha, cidade que faz divisa entre dois estados (Rio de Janeiro e São Paulo). Na sua poesia, descreve uma garota chamada Louise, uma jovem que na maior parte do tempo permanecia no próprio pensamento, até a chegada de uma desconhecida à cidade, o que a fez perder a noção do que era realidade ou invenção de si própria. A história é inspirada nas tragédias gregas, com uma pitada de horror, narrando o trágico declínio de Louise.

[@spectrumn](#)
sabrinahelena48@gmail.com

POEMA

MARIA LUIZA

Um poema

Tela

Nessa tela em branco
(que chamo de página)
Pinto com palavras:
Amores, dores, cores
Pinto com palavras:
Histórias, memórias, sons

Nessa tela em branco
Crio um novo mundo
Um lugar de aconchego
Um lugar fora da norma
Faço das palavras metáforas, imagens, ação

Aqui, sou pintora da escrita
E pinto como quero
Nesta tela que antes era o nada
Pintei mais que palavras
Pintei emoções, sensações, representação
Fiz poesia, a arte de quem usa das palavras
para transformar a vida.

DA AUTORIA



Costumo me apresentar como **Luiza**, nas redes acrescento o “Valencio” como sobrenome, tenho 21 anos e sou estudante de Letras pela UFAL. Sou apaixonada por ler desde que aprendi a fazê-lo. Na minha adolescência, os livros foram meus melhores amigos, porém apenas na faculdade descobri de fato a literatura. Meu mundo se abriu para um mar de possibilidades, obras fora da minha zona de conforto, a história da literatura, suas teorias, poemas — aos quais eu não era chegada. Enfim, esse pequeno texto não resume quem sou ou meus gostos, que vão além da literatura, mas, de certa forma, estão todos entrelaçados pela arte.

POEMA

MIGUEL ARCANJO

Um poema

ALICE DA MINHA INFÂNCIA

Eu tive uma tia
Que muito amor me tinha
Tia de minha bisavó
Portanto, tia minha.

Filha amada e fiel
Que de Deus se valia
Valeu-se até o fim
E amou em demasia.

Sinal de respeito
E de lição cristã
Fez da cristandade
Sua mais pura louçã.

Espelho de humildade
E caridade fiel
Levou Cristo a toda criatura
Cumpru grande papel.

Na catequização
Foi mestra professora
E até mesmo nas escolas
Lecionou como educadora.

Do bem que muito fez
Muitos frutos deixou
Foi morar junto com Deus
E com todos que amou...

DA AUTORIA



Meu nome é **Miguel**, sou um jovem alagoano de 16 anos, discente do Instituto Federal de Alagoas Campus São Miguel dos Campos/AL, além de ser apaixonado pelas letras e pela poesia, sem elas o mundo não tem cor, não tem vida, elas são meus instrumentos. “A palavra é o meu domínio sobre o mundo”, como já dizia Clarice Lispector.

POEMA

MISSY

Um poema

Quase nada

Se tudo que penso não fosse sonhar alto
Mas altura nem é o meu forte
Se essa terra girasse diferente
Se o ritmo fosse inventado pela gente
Se a gente não fosse fruto do imaginar
É que minha imaginação é tão fértil que não consigo nem parar
Se eu realmente soubesse o que é amar
E se eu soubesse que o que sinto é isso
É que eu não sei muito da vida mas você diz que eu sei demais
Você diz que eu sou demais que tudo que falo é demais que eu sou incrível
Você não sabe que eu estou lentamente me despindo
Que eu tô tirando toda amarra
Que eu tô derrubando cada parede
Que mulher você é o único motivo pelo qual eu ainda acho que talvez a
esperança funcione
Que é meio bonito isso de trocar de sobrenome
Que é justo mudar um pouco a rota por amar
Que amor é coisa palpável, que acordar no meio da noite é bom
Me convenço que ter só um pouco é sempre melhor que ter nada
Que tudo que você pode me dar é mais que suficiente para quem sabe amar
E eu nem sei se é amor
Talvez seja você a me ensinar
Coisas que você nem sabe
Como você não sabe cozinhar
Mas todo quase é um nada
Eu até quase te conto sobre isso
E aposto que você nem se lembra que te disse que adoro poemas
Porque tudo em você é um quase
Você quase percebe
Você quase entende

Você quase é minha
Mas todo quase é um nada



DA AUTORIA

Missy - Maria Alice, 21 anos, alagoana, graduanda em história - licenciatura, escreve desde seus 12 anos, contos e poesias, mas encontrou seu amor no último.

POEMA

MISTY LUMIÈRE

Dois poemas

Poente humano

Cheiro de nuvens é o que ela é
Esbranquiçada suavidade de um riso
O ar soprado como a brisa de outono
Quando se atinge o alaranjado do céu
Solares são seus fios dourados em véu
Véu em seus olhos oceânicos
Às vezes florestais
Na selvageria feminina dos amores essenciais

A musa

Num sussurro aos teus ouvidos e aos teus olhos
Te comparo com uma lira
Minha lira tocada não só pelos grandes poetas
Mas pelos antigos deuses
Feita diretamente pelos anjos
E as cordas douradas são seus cabelos
Sua voz é um som sacro
Trazem a poesia cantada que é o teu tom sonolento
A proximidade da sensação onírica me faz tocar tua alma vocálica
E na tua sonoridade divina
Encontro a beleza do mundo que vale a pena ser dividida



DA AUTORIA

Sob a perspectiva da luz prateada, Giordanna Brito, de pseudônimo **Misty Lumière**, escreve o que se faz as entranhas da literatura gótica e dos mistérios femininos. Introspectiva, etérea e mística, transcreve uma mente onírica em poesias, contos e romances.

[@misty.lumiere](https://www.instagram.com/misty.lumiere)

NICOLAS ROSA

Dois poemas

Quatro estações

Vi um violinista sendo abordado no metrô.
A norma proíbe qualquer tipo de negócio no meio das linhas.
Tocar violino e sair pedindo contribuições é um negócio.
O violonista altercava e tocava notas de música clássica em protesto.
Veio um guarda. Veio outro guarda.
O violinista argumentou com os guardas e o público.
Os guardas argumentavam com o violinista e o público.
Após três, quatro estações, vieram mais guardas, levaram o violinista, seu violino, sua caixa de som
Para fora do trem.
Ganhar a vida é difícil.
Manter as normas do trânsito e das linhas de trem é difícil.
A vida do público é difícil.
Em algum momento aquele, ou outro violinista, ou um trompetista, ou um saxofonista, ou um tocador de bongô, ou um beatboxer
Vai tentar entrar nos trens de novo com música não permitida.
A vida está difícil.
A vida do público, dos guardas, dos tocadores de todo tipo de coisa está difícil.
Não é fácil.

Apópis

O revolucionário escreve apressado
Artigos sobre uma revolução que nunca vem,
Sobre uma ameaça fascista que está eternamente há centímetro
De engolir todas praças e mercados.
O empreendedor fala esbaforidamente
Sobre a importância de sempre não ser mais um,
Sobre uma inovação que vai mudar os players de lugar,
Ainda que quem seja rico com satélites e fibras óticas hoje
Seja exatamente quem foi rico com ferrovias e salsicha enlatada no século
passado.
O mundo muda rapidamente,
Mas já não há muito
Que um Thomas Edison,
Um Jesse Owens,
Um Bruce Lee
Possam fazer de diferente.
A era de Gilgamesh,
Sansão e
Siegfried já passou.
Taylor,
Toyota,
E Stakhanov pouco podem fazer
Para mudar esse curso.
Cada um de nós
Não está vivendo mais,
Está se exercitando mais
Pelo puro prazer do exercício.
Diante disso,
Nos cabe algo nessa selva
De plástico e silício?
Cabe sim:
Aproveitar aos poucos,
Candidamente,
Tudo que não for mágoa nem suplício.

DA AUTORIA



Bombeiro Militar, vive num apartamento em Salvador com a noiva e um casal de gatos. Foi Conselheiro Municipal de Cultura e Diretor de DQA no Rotaract em Santo Antônio de Jesus, última cidade em que morou. Recentemente, formou-se Multiplicador no Politize, e logrou aprovação em variadas antologias, de poesias, crônicas e contos. Sua aprovação mais recente foi como finalista no concurso Jornadas de Junho do Jornal Nova Democracia, com o poema *O Julgamento*.

POEMA

PAMIN

Um poema

Remendo

sou remendo de memórias
costuradas por nostalgia
o relógio gira seus ponteiros
e estou vivendo os dias
fazendo momentos
tecendo passados
nem sinto o presente
o futuro é acaso



DA AUTORIA

Meu nome é **Pâmella**, mas pode me chamar de Pamin, tenho 20 anos, natural do estado de Alagoas e atualmente estou cursando o 6º período de Letras - Português na UFAL. Sou apaixonada por todas as facetas da arte e quero compartilhar com vocês uma das minhas favoritas: poesia.

POEMA

PEDRO FEITOSA

Um poema

My LGBTQIAP+ poem

Let's talk

Guess what?

Butterfly comes to mind?

That's right!

Question number one. Is she a woman?

A man?

Perhaps, it's a human.

+

Please,

A woman, a man, just a title

It is what it is, after all, we are humans

Queer, we are here, we are free, doing revolution

Trans rights evolution, not just prostitution

Brave, we are brave, no control behaves, no more...

Graves... This isn't a war, we just want to be who we are,

Liberty to be who we are, stars.



DA AUTORIA

The author of this contributed poem is a talented and passionate writer with a deep appreciation for the power of words to convey emotion and meaning. Drawing from his own experiences and observations of the world around him, he crafts verse that is both powerful and insightful.

POEMA

PETRUCIANE

Um poema

MATERNO

está chovendo
e eu sinto algo crescendo
dia após dia, mês após mês
durante mais de dez anos.
que me fez ter vontade de estourar a cabeça com uma 38 em qualquer
noite de lua cheia,
desejo de entrar no mar e nunca mais voltar.
mas está chovendo e enquanto olho a chuva cair,
eu sinto sua mão
minúscula
procurando algum vestígio de que estou perto,
e por irreal que pareça, os clichês afetivos pros quais revirei os olhos,
parecem certos,
sua boca minúscula sorri
e
não há noite tão longa
não há choro tão certo
tu simplesmente existe e não há nada mais incrível,
há simplesmente vontade de estar aqui.



DA AUTORIA

Nayane, 30 anos, fã de tudo que faz lembrar que o mundo não é cem por cento belo.

POEMA

RODRYGO PIRES (BIRDY) E LEONAM FELIPE

Obra em coautoria feita por dois amigos que compartilham a arte. Poema e desenho se completam como uma única obra.



Dessa vez vai ser diferente

Toda noite antes de dormir,
Me pego pensando algo muito engraçado:
Como é que seria minha vida
Se eu pudesse voltar ao passado?...

Então mergulho no mar da incerteza,
Que navego desde a minha infância,
E analiso toda a minha existência
Em busca de algo que faça a mudança.

É que estou sempre em modo de ataque,
No anseio brutal de achar uma resposta.

Algo que me faça saber o motivo
De eu estar vivendo essa vida de bos...

Será que foi quando o amor apareceu
E o mundo então passou a ter sentido?
Ou foi quando ele se tornou dor
E eu já não sabia qual era o antídoto?

Será que é o medo que eu tinha mais novo
De crescer e ter responsabilidade?
Ou a expectativa que sempre colocaram
Me fez ser maduro antes mesmo da idade?

Será que é o receio sufocante que existe
Na esperança de eu ser um pouco feliz?
Ou eu que já me decepcionei tanto,
Que já não acredito que isso seja pra mim.

E foi na busca desse tal motivo,
Que me deparei com meu eu do passado.
Seus olhos castanhos vidrados em mim
Refletiam a angústia que é ser julgado.

Me olhando no espelho já não me conheço,
Tudo que eu sabia, um dia partiu.
Foi embora com todas as dores
E aquele sentimento que um dia surgiu.

Quero outra vez abraçar quem eu amo
E me abraçar pra sentir meu amor
Pois preciso entender que a vida
É aquilo que vem, e não o que já passou.

Me sinto como Rick and Morty,
Tentando viver tudo isso novamente.
Mas se eu encontrar o meu eu do passado
Dessa vez tem que ser diferente.

Quando olhar os seus olhos castanhos,
O que refletirá será a emoção.

Pois eu já não busco uma resposta,
Eu busco um singelo e sincero perdão.

E então quando o portal fechar,
E eu me pegar de novo acordado,
Não pensarei mais em voltar,
Pois fiz as pazes com meu eu do passado.

DA AUTORIA



Rodrygo (19, natural de Penedo/AL, apaixonado por tudo que envolva tecnologia e poesia, onde já ganhou alguns prêmios) e **Leonam** (20, União dos Palmares/AL, gosta de desenhar como um hobby, mas essa arte já virou característica em sua vida), jovens de cidades do interior do estado que no Curso de Administração na UFAL - Maceió se uniram na amizade e agora na arte para expressar ideias e sentimentos. Respondem, respectivamente, pela autoria do poema e do desenho.

POEMA

RONIEL

Um poema

ROTAS CONTRACOLONIAIS E (R)EXISTÊNCIAS

Olha que lindo,
Um belo rio e a mata verde
A nascente que ali tinha
Secou, secou, secou
Com os homens brancos,
os "senhores de engenho",
com suas armas de fogo atira para o alto. PÁ, PÁ, PÁ.
Mais um indígena morto na mata pela ganância do homem.
Será que é difícil entender que sem a mata
Não podemos sobreviver?
Será que é difícil entender
Que a vida vai além do lucro
E isso é importante saber.
Podíamos viver em paz, mas, quiseram e querem nos matar...

Devido às lutas, saíram muitos do seu território,
esconderam sua cultura,
suas vivências, saíram da sua terra para trabalhar.

Mãe: Meu filho, aqui é a Cidade,
Vai ser diferente sua vivência da minha vivência.

Lembro do meu vô dizendo: "Ali era mata e água limpa, hoje é somente
[dor e exploração].
A exploração da nossa mata com a cana,
matou e expulsou muitos do nosso povo.

(ASSOBIO DO PÁSSARO)
Cantam os pássaros
Nova vida chegando
Folhas caem,
Árvores crescem,
Cidades são criadas entre muros
Mas a pergunta continua...

Será que é difícil entender
Que sem a mata não podemos sobreviver?



DA AUTORIA

Sou o **Roniel Antônio Rodrigues Conceição**, indígena, homossexual, 21 anos, graduando de Licenciatura em Pedagogia pela UFAL, formado em Técnico de Administração pelo SENAC, faço pesquisa de extensão voltado para uma educação Afro-Brasileira e Indígena e sou membro da Coordenação Política do Centro Acadêmico de Pedagogia Paulo Freire (CAPED/UFAL).

POEMA

SYLVIA EOS

Dois poemas

I

Não há bombas limpas
- Mário Faustino

Eles dizem que há honra,
Tu sorris e eu também.
Trancados em nossos quartos, esperamos
é chegada nossa hora?
Nossos sonhos à mercê dos atos deles, homens políticos.
Vão juntos, decidir o destino do povo,
Enquanto bebem um uísque do mais fino.
Trancados em gabinetes,
Decretam o nosso desaparecimento,
Despedem-se apertando as mãos,
Ambas sujas de sangue.
Espalham o decesso em tudo que tocam,
E nos dizem que são homens honrados.

II

O mundo está rubro
Vê-se, também, cinzas.
Tons cinzas e rubros
misturam-se, em um mundo
Que vai tornando-se
Ruínas.

A aurora não mais
representa um novo dia
Nem mais existe o dia
Tudo parece noite
Uma noite de derrelição, dor e morte.
Uma noite feita de angústias
Uma noite que nunca acaba.

III

Quantas auroras até que as feridas se fechem...

Até que o pranto cesse
Até que o mundo perca o cinza.
Há cura para todas as dores do mundo?
Que caminho se percorre
quando a luz não mais encanta?

Cartas a Ulysses

Primeira carta

Querido, escrevo-te em grande aflição; há algo de errado comigo. Não sei onde deixei minha sanidade. Tenho bebido muito, tenho andado em estado de pura agonia. Lembras das noites em que nos reuníamos e bebíamos, olhávamos o céu noturno, pensávamos nas vidas que existem em outras dimensões? Eram tempos tão bons; o que houve? O que há com o mundo não é mais o mesmo, o que há comigo, não sou mais a mesma.

Querido, não te sentes só? Tens medo da morte assim como eu?

Eu achei que o tempo não me derrubaria tão facilmente, mas estou me esvaindo... e ainda falta tanto.

Quando falo na velhice, não penses que me refiro ao exterior. Não, não. Se pensares assim, estás enganado. Eu falo das coisas de dentro, falo da alma. Lembras de quando éramos jovens e fazíamos planos prevendo uma linha de chegada? Sinto que estou me aproximando dela cada vez mais, e não acho que tenha valido a pena.

Mas se eu voltasse no tempo, não sei o que mudaria, não sei que erros cometi para chegar a tanto. Não queria escrever-te algo tão confuso e triste; queria estar alegre, queria dar-te boas notícias... E, eu sei, estou falando muito sobre mim, não me aches egoísta. Mas, Ulysses, querido, é uma guerra perdida lutar contra si mesma.

Escreve-me de volta, manda-me uma carta de amor.

De tua amiga, Elena.

Segunda carta

Ulysses, escrevo-te novamente; nem sei se já recebeste a primeira carta. Preciso falar-te mais, coisas que não consegui escrever na última carta. Hoje, peguei-me pensando; às vezes, sinto-me tão vazia, é como se nunca tivesse feito algo, nunca tivesse amado, nunca tivesse escrito... Constantemente tive medo de enlouquecer. O que quero é sombrio; nunca me senti genuinamente feliz.

Meu querido amigo, o que resta de nós quando todos se levantam e saem? Sinto saudades de tudo. Havia pedido que me escrevesse de volta e que fosse uma carta de amor. Mas o que seria o amor? Estou chegando ao fim da vida, e parece que nunca o conheci. Hoje, pensei em quão vazio e triste o mundo é; há tanta gente sofrendo, tantas crianças ao relento. Como podemos continuar? Como podemos ser felizes com o mundo em pereci-

mento?

Sabes, Ulysses, já pensaste na morte? Tenho medo; não quero morrer, não quero bichos comendo minha carne e entrando nas minhas entranhas. Também não quero terra sobre meu corpo.

Já pensaste nisso da terra?



DA AUTORIA

A autora não disponibilizou informações.

POEMA

THALIA VITÓRIA

Um poema

Do rito à lâmina

A cultura que nos envolve
É a mesma cultura que nos fere
Desfiguram nossa pele
Eternizando uma pureza cega
[que não existe]
E que são eles os pecadores
Nos silenciam para quem?
Só porque vivem numa utopia religiosa
Em que nos arrancar nossa carne
É ritualizado para os satisfazer
[o tal de fanadu di mindjer]
Uma liberdade enganosa
Que favorece somente a eles
Nosso corpo é um tabu
E não nos pertence
[se não somos donas de nós, então de quem?]
De uma cultura nos mutila
Com o toque gélido da lâmina.



DA AUTORIA

Thalia Vitória, 22 anos, nascida em Maceió/AL. Sou estudante universitária, graduanda em Letras - Português pela Faculdade de Letras - FAL/UFAL. Meu primeiro texto publicado foi através do Concurso Novos Poetas - Sarau Brasil 2022. Costumo escrever fanfics na internet e ler, principalmente, livros de romance policial como os da Agatha Christie.

POEMA

TOM TORRES

Um poema

Era uma vez...

Era uma vez uma bruxinha
brincando de era uma vez
(essas histórias dos sonhos
que embalam os dilúvios noturnos).

Às vezes ela não sabia
se era uma bruxinha na Terra do Nunca
à qual só fora uma única vez,
brincar com Peter Pan e Sininho,
ou se era uma indiazinha
andando de canoa pelos igarapés
da Amazônia devastada.

Era uma bruxinha brincando de índia,
ou uma indiazinha brincando de bruxinha?

Mirou-se no espelho d'água
do seu caldeirão de cozinhar sonhos,
viu o rosto da indiazinha a lhe sorrir
E foi a última coisa que ela viu.

Montou na sua vassoura voadora
(ou será que foi em um pônei alado?)
E saiu pelo céu a acender estrelas
e a domar cometas rebeldes
fingidos de auroras boreais.

DA AUTORIA



Tom Torres, poeta, escritor, roteirista, diretor teatral, nascido no Junco (Bahia) e criado em Alagoinhas. Foi um dos ativistas na criação da Casa da Cultura de Alagoinhas em meado dos anos 1980. Mora em Maceió desde 1987. Um dos organizadores da Festa Literária de Marechal Deodoro (FLIMAR), em 2022 foi agraciado com o 20º Prêmio Notáveis da Cultura Alagoana, pelo livro de contos, *O Homem que pensou ser Deus*.

POEMA

VALDECK ALMEIDA DE JESUS

Um poema

Antipoema / Guerra Santa

Santíssima Trindade
me ajude a eliminar
da face da terra
todos aqueles
que não têm a proteção
dos nossos santos:
capitalismo,
colonialismo,
imperialismo.
Amém

DA AUTORIA



Valdeck Almeida de Jesus é pesquisador convidado do Grupo de Pesquisa Rede ao Redor, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

poeta.baiano@gmail.com

VANESSA GUIMARÃES

Milhares de pensamentos

Milhares de pensamentos e sentimentos coexistindo dentro de mim
A maioria deles consiste de uma mistura de revolta e escuridão total

Setas de ódio atirando para todas as direções, inclusive autodirigidas
Queimam quando me atingem mas já não me causam nenhum tipo de dor
Ao mesmo tempo que sinto tudo, não sinto nada!

Atordoada e totalmente anestesiada
Agonizando e completamente dopada
Me afogando e ao mesmo tempo paralisada
Completamente congelada por fora e queimando por dentro por inteira

Sou um ser forjado em quatro partes:

Uma parte de mim já foi sepultada

Enquanto outra parcela deseja desesperadamente deixar de existir.

A terceira está sendo gestada, um novo ser está sendo formado com o
passar do tempo.

Enquanto a última deseja ressurgir das cinzas e engolir tudo e todos que
me transformaram nesta criatura amorfa.

Esse é um carma que me acompanha desde o dia 1 nesta existência,

É um ciclo que já repeti inúmeras vezes.

Fogo e gelo coexistindo dentro do meu coração

Já me vi totalmente soterrada e asfixiada incontáveis vezes,

Ascendi e enchi plenamente meus pulmões com oxigênio para gritar: EU AINDA ESTOU AQUI!

Agora queimo como fogo gelado, até que um dos dois tome controle completo de mim.



DA AUTORIA

Escritora amadora, aspirante a veterinária, defensora dos animais e completamente apaixonada por esses anjos de quatro patas. Escrever se tornou uma fração intrínseca de mim. Iniciei como parte de um processo terapêutico aos 15 anos e desde então nunca mais parei. Hoje tenho 32 anos e cresci em Maceió, que desde os 3 anos de idade se tornou meu lar e meu aconchego.

VERÔNICA MALI

Dois poemas

MEDO/CORAGEM

Uma boa porcentagem de Harry Potter faz parte da minha personalidade. Eu sei, você, trouxe, imediatamente julgou a adulta de 26 anos fissurada numa saga dos anos 90 destinada ao público infantil. Desculpa te decepcionar, mas me recuso esconder a criança que habita em mim — é minha melhor parte como ser humano. Agora que já me defendi de pré-julgamentos mais meus do que seus, leitor, voltemos para Harry Potter. Eu sempre volto, não tem jeito! E é sobre isso que quero falar, porém, está ficando cada vez mais difícil, nesse momento eu me sinto numa composição da Clarice Falcão, tão confusa expressando quanto sentindo, e não tem como externar organização de um receptáculo preenchido por uma miscelânea de pensamentos. Mas o que eu queria mesmo dizer é que no terceiro livro de Harry Potter tem uma parte da história em que os alunos da disciplina de Defesa Contra as Artes das Trevas aprendem, com o professor Lupin, a se defender do bicho-papão. No mundo dos bruxos da J. K., o bicho-papão se apresenta no formato do seu maior medo — por exemplo, se isso existisse no mundo real, meu bicho-papão seria uma barata. Para derrotar o bicho-papão é preciso se concentrar em meio ao terror, imaginá-lo da forma mais ridícula possível e lançar o feitiço “*riddikulus*”. Carrego esse ensinamento até hoje como forma de proteção, meu escudo do mundo é baseado na movimentação dos meus lábios, que contorcem os músculos do meu rosto; pressiona meu diafragma, faz meus olhos lacrimejarem e minha bexiga decidir que seria a hora perfeita para esvaziá-la. Se você prestar bem atenção no exato momento que me armo, prometo que consegue ver minhas obturações e minha úvula dançando forçada pela minha garganta. Mas se você estiver de olhos fechados, assim como eu, ainda é possível ouvir a mistura dos sons mais aleatórios que minha boca é capaz de produzir. É assim que disfarço minha ansiedade, é assim que escondo o quanto estou assustada por situações que fogem do meu controle, é assim que derroto meu bicho-papão. Quando minhas bochechas forçam minhas pálpebras com tanta força, eu imagino meu bicho-papão da forma mais idiota e “rio na cara do perigo”.

DIA DE FAXINA

Quase todas as pessoas costumam manter um hábito de organização da casa — algumas usam um aspirador, outros ainda preferem a velha vassoura e o espanador desgrenhado. E todos os dias limpamos a casa, tiramos o pó, batemos os tapetes, tiramos e colocamos a mesa. Cada casa tem um costume só dela, cada pessoa separa os itens de uma forma na geladeira. Mas não adianta, por mais que façamos todas essas atividades todos os dias, é necessário que tiremos um dia em específico para nos dedicarmos a uma grande faxina, porque às vezes passamos o pano de qualquer jeito na estante, esquecendo daquele porta-retratos; às vezes não guardamos o pote de nescau ou esquecemos uma xícara na mesa, não devolvemos a garrafa de água para a geladeira naquela madrugada em que acordamos com sede e, quando você se dá conta, já tem três garrafas vazias na mesa de cabeceira. São esses comportamentos involuntários que nos levam ao dia de faxina, um dia cansativo, mas necessário. Você precisa focar apenas nele, em colocar tudo de volta no seu devido lugar. Eu sinto que também costumo deixar algumas ações passarem despercebidas na minha rotina fora de casa/dentro de mim. E temo pelo dia da minha faxina mental, porque, por mais que já tenha esfregado a ferrugem do fogão, ela insiste em permanecer. Às vezes a gente só precisa aceitar que a ferrugem não vai sair nunca, ou simplesmente comprar um fogão novo, mas são tantos problemas dentro dessa casa: o copo do liquidificador trincou, o pé da mesa está um pouco torto, a lâmpada da geladeira queimou. Talvez eu precise sair um pouco de casa e visitar algumas lojas...

DA AUTORIA



Verônica Mali é atriz, escritora, estudante e pesquisadora das suas raízes, pratica arte popular, incluindo o estudo da oralidade de cordel. Sua primeira subida ao palco foi como coralista com o grupo CantIFAL, do IFAL. Licenciada em Teatro e mestranda em Psicologia pela UFAL. Seus últimos trabalhos foram exposições de videoperformance no Evento Nacional de Arte (ENEARTE), realizado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em Belo Horizonte - MG.

YANA BRÁSQUES

Um poema

Carta para Beto de Louvré

Beto quero falar contigo
Sobre o que tenho visto.
Há tanta Vida nas ruas,
Cores, Falas, Andares.
Dizem que há preconceito
Que não há respeito.
É difícil de acreditar que em meio a tanta cultura
A diversidade tão rica e vasta
É classificada, maltratada e estigmatizada.
A etnia, a orientação sexual, a nacionalidade e religião,
Há ainda o gênero e o portador de deficiência
Por que? Me diz,
Por que há tanta rotulação?
Se sou negra, branca, parda, indígena ou amarela
O meu querer, o meu gostar,
É meu, só meu
Deve ser respeitado
E, não, me taxar.
Acreditando em Deus,
Jesus, Maomé ou Orixá,
Minha Fé existe,
Eu vivo e professo, Mojubá!
Deficiências, eu tenho.
Mas, não as escolhi ter,
Se as possuo deve haver um porquê.
Não sou coitadinha,
Nem reduzida,
Tenho potencial,
Apesar de hoje estar entristecida.
Se eu lutar como menina,
Posso ser acolhida ou rebatida.
Se eu lutar como menino,
Serei rude, machista e metido.
E as orientações?

Ah! Há muita diversidade!
São várias letras que definem o arco-íris
Comunidade LGBTQIAP+
Porém, há violência,
Perante a diferença.
Até quando será assim?
A diversidade é cor,
É Vida,
Deve ser sentida,
Ouvida e Vivida!
Chega de Violência,
De dor, de medo, de sufoco!
É preciso respeito,
Abraço, Sorriso,
Aconchego.
Beto, te encontrarei em alguns dias,
Na pousada ou na quermesse,
Vamos mobilizar
Lutar, Agir,
Fazer valer o direito de todos
Juntos, vamos conseguir!



DA AUTORIA

Yana Brásques é enfermeira em Saúde Mental, Mestra em Psicologia da Saúde e apaixonada por letras. Através de seus escritos, consegue acessar seu mundo criativo e transpor em palavras seu imaginário vasto, dinâmico e pulsante.

ENTREVISTA



CLAUDEMIR CALIXTO

Por Natielle Lima

Natielle Lima: Olá, Claudemir! É uma honra tê-lo aqui. Bom, sabemos que você tem uma linda trajetória no mundo literário e estamos ansiosos para mergulharmos nela junto com você. Para começar, poderia nos oferecer uma visão geral do seu próximo livro que está prestes a ser lançado?

Claudemir Calixto: Eu que agradeço o carinho e o interesse da revista no meu texto. *O Livro de Maio* é sobre a saudade. Eu acho que achei o tema do livro no primeiro texto que escrevi, e não escrevi, para o livro. Foi um texto que me veio sobre a infância, sobre os amigos da infância. O título é Vermelho: *Pegávamos o sol com as mãos/ E as manhãs no bocejar// Como nada tinha métrica/ Mertiolate era um elixir/ Para as pernas que abusavam/ Do seu tamanho// Porque correr/ Era São Silvestre todo dia/ Pódio de chegada era mesa de jantar.* Esse

vermelho do título é o mertiolate evocado no corpo do texto, que me lembra a minha avó se referindo à cor vermelha *como encarnado*. Minha avó aparece o tempo todo nas imagens dos dois livros. Não só ela, minha mãe também, entre outras pessoas que aparecem nas imagens dos textos. Então, infância não é saudade? Interessante que os infantes não sabem o que estão vivendo, o que é esse período, seja para o bem ou para o mal, a meu ver: se for bonita, doce, haverá imagens magníficas, se não for doce, haverá imagens traumáticas. E tudo pode ser transformado em poesia. No meu caso, dá para colocar a saudade como um pano de fundo. Assim, eu encontrei um tema e busquei criar um projeto que exprimisse tudo isso: imagens da infância, da juventude, da vida – tudo aquilo que fica na caixinha da saudade. E fui escrever todos os textos para o livro. É assim que tem funcionado o meu processo

criativo com a poesia. Com a prosa não, é um caos total. E veja: os amigos, escritores que me acompanham desde o início dos anos 2000, sempre acharam que eu estrearia em prosa, nunca colocaram fé na poesia, eu que insistia. E eles tinham razão, o texto era ruim. Hoje, pelo menos sei o que estou fazendo, ou tentando fazer. Outra coisa é como o tema é um e parece outro. Minha apresentação de *O Livro de Maio* não anuncia um trabalho que vai mergulhar no tema da saudade: “*O tempo, eterno em si mesmo, pode só; é desatino do homem. Entidade tão avassaladora não se detém a coisa alguma, senão o próprio curso: único rio a desaguar em mar algum. É senhor a perder-se de si mesmo gerúndio incansável. Passa por tudo e todos; humildade impõe a beleza; silêncio à arrogância – tira a cor entusiasmo à novidade*”. Percebe? acho que lá, no final da apresentação, há algo que explicita o tema da saudade, mas, é sobre a saudade, e acaba sendo também sobre o tempo. Um livro fala sobre o tempo, *A Tarde Caindo*, e o outro

sobre a saudade, *O Livro de Maio*. Por isso, existe uma linha muito tênue que, talvez, faça do *Livro de Maio* um trabalho que bebe em *A Tarde Caindo* pra fechar esse ciclo que junta o tempo e a saudade porque, no final, um não existe sem o outro, a meu ver.

NL: Conta-nos um pouco sobre o seu livro *A Tarde Caindo*. Qual foi a inspiração por trás dessa obra?

CC: Então, eu acho que *A Tarde Caindo* nasceu da procura da minha voz para a poesia. Falo sobre o modo como se diz em poesia, uma espécie de *fonética para a poesia* – as partes que formam esse todo em relação ao modo de dizer em poesia. Mas eu só sei falar sobre isso hoje. Eu nem sabia o que estava procurando e não existia uma recepção muito boa daquilo que eu escrevia, então, comecei ler mais sobre o escrever poesia. Me arrependo de não ter feito isso, quando tarde, aos 15 anos, mas eu não vim de um lar de leitores, certamente eu sou o primeiro da casa, de um grupo de 7 irmãos e irmãs (cinco meninos e

duas meninas), a se interessar pela leitura. E passei a me relacionar de uma maneira diferente com o texto, passei a ouvi-lo. E isso é interessante porque esses dias, assistindo aulas de criação literária de um escritor bem conhecido, Tiago Novaes, ouvi algo que sempre tive comigo: “o texto também te faz, sabe?”. Eu sempre me questiono como um texto teria se dado se ele não tivesse recebido a atenção naquele momento que recebeu, se eu tivesse deixado pra depois. Ouvir o texto nos traz a imagem de que ele não é de todos seu, ele está ali em cima, pairando, atizando o seu autor de alguma maneira. Porque, sendo bem sincero, eu me sinto alguém escolhido por esta coisa mágica. Não é se sentir especial, é outra coisa. Nesse ponto, lembro também do que diz Bachelard no seu livro *A Terra e os Devaneios do Repouso* – ensaios sobre as imagens da intimidade: “Os poetas também são seduzidos, como os alquimistas, pelas inversões profundas, e quando esses ‘reviramentos’ são feitos com

discernimento produzem imagens literárias que nos encantam”. Obviamente eu não me sinto esse poeta, mas essa descrição dos processos me interessa muito. E durante o processo, falo por mim, você não sabe se vai conseguir, do modo como quer dizer, criar as imagens. Por isso, há muito de diferente em relação ao primeiro e ao último poema de *A Tarde Caindo*. Acredito que era o modo como eu escrevia os textos, esporadicamente. Muitos temas e propósito algum como obra. A poesia precisa de devoção, seja para criar ou ler; ela precisa ser reverenciada, assim como os seres e as coisas, e os pássaros e os signos: e assim, chegamos à *Gramática expositiva do chão*, de Manoel de Barros! Olha o título desse livro! Eis o que diz o Tiago Novaes: o texto meio que nos escolhe; os mestres nos encontram. Então, tem essa influência do Manoel de Barros bem visível no livro, mas tem outras também. Ru juntei os sentimentos dos quais o tempo me acometeu: as dores da perda,

o distanciamento da infância. Eu percebi que o alpendre da casa da minha avó tinha diminuído e que mesmo o terreiro da Passagem (casa de tia) tinha ficado menor. Isso porque eles estavam no lugar da infância: aquilo era saudade. Essa observação é desde muito criança, lá eu já havia percebido que o tempo passava rápido, só não tinha conseguido o estancar, tirar a sua pressa, por mais que a necessidade de novas sensações se impusessem para ele e para a vida: era preciso mais que apenas observar. Penso que nasce daí, dessa percepção do transcorrer do tempo. E sim, destacando a busca por uma voz para a poesia.

NL: Em comparação com *A Tarde Caindo*, esse novo trabalho continua explorando temas similares ou há uma mudança temática significativa?

CC: Sim, há um tema central similar, porque acho que o tempo é o senhor da saudade. Diria que *A Tarde Caindo* é sobre o tempo; mas não apenas. Eu penso isso como um olhar sobre o curso do

tempo; é uma imagem de observação minuciosa do lugar do qual viemos, dessa coisa intangível, e nela, ou dela, esse milagre que é o existir e tudo que constela. Nisso, a meu ver, dá para colocar todo e qualquer sentimento, do ponto de vista da construção da poesia; é de onde podemos retirar sentimentos e perguntas. O livro é sobre esse transcorrer do tempo: acho que o título vem daí *A Tarde Caindo*. Já *O Livro de Maio* aborda outros temas, que se aproximam em alguns momentos e se afastam em outros em relação ao *A tarde caindo*. Tempo e saudade podem dizer de perdas, mas, ainda de sentimentos, de nostalgia, que, a meu sentir, é uma variante da saudade. Acho que saudade é lembrar sem necessariamente sofrer; já a nostalgia é um estado de enfermidade instalado pela falta. Além disso, em *O Livro de Maio*, para além das temáticas semelhantes ou que se completam, há a utilização do *tempo de maio* para dizer sobre diversas sensações. Maio é mês que homenageia a deusa Maya.

Conforme a mitologia grega, ela era uma das setes irmãs por quem Zeus se apaixonou. Maya é considerada a deusa da fecundidade e simboliza o tempo da primavera – o livro é composto por textos que exprimem essas imagens da primavera, um mundo mais florido, também as primeiras sensações da vida, encantamento. Destaco ainda outras imagens: a infância, relação com a maternidade, o amor, o curso do rio. Tudo isso evocado a partir dessa relação com maio e a deusa Maya. Ou você pode se referir a ela como deusa romana, porque todo deus romano tem o seu correlato grego. Há um texto no livro em que o eu lírico fala de várias mães, dotadas de amor e sobre os filhos e a comunhão com a terra. Mas, o título do livro e tudo o que o constrói, é um pouco mais amplo. A primavera é um subtema muito subjacente na obra que, na verdade, me parece que fica mais visível quando as pétalas das folhas da estação caem ou esvoaçam. No hemisfério norte, maio é o tempo da primavera,

enquanto no hemisfério sul é a estação de outono. Enquanto na primeira estamos vivendo a floração, ou o florescer, no outono se dá a queda das flores. Eu nasci em maio, no dia 21, mas, no meu registro tem dia primeiro. Penso que houve aí uma pressa de nascer. No dia 18 de maio de 2013, meu pai faleceu, vítima de acidente de carro – tem um texto que fala sobre isso em *A Tarde Caindo*. Em *O Livro de Maio* também tem texto sobre ele, mas já numa outra pegada, um texto com a estrutura de *O Livro de Maio*. Então, indo pro final dessa resposta, tudo o que está dentro da primavera me interessa, mas essa não é a primavera do nosso hemisfério e nem a primavera de modo genérico. Falo da primavera como sensação, acima de tudo, e de toda beleza que há dentro dela. As imagens são criadas a partir da natureza e daqueles que a habitam: os seres, as pessoas, tudo isso é mais atrativo no mês da deusa da terra e das flores. A saudade é o tema central e, pra fechar, tem um texto que fiz pra

minha vó. Na época, eu estava lendo muito a Adélia Prado, que é uma poeta espetacular e deve lançar novo livro este ano – nem tenho roupa pra isso. O título desse texto que escrevi é “Asilo”: *Morreu o filho querido/ Depois o primogênito/ O caçula caiu de AVC// O do meio já não vê o florir da primavera// Nos quadros silenciados/ Ela ruma as fotografias// Sofre de ausência crônica// E vai partir de solidão*. É isso, nada ilustra mais a saudade do que esse olhar para fotografia em uma casa que um dia foi muito cheia. Eu sei que é triste, mas é bonito; tão bonito quanto as mãos dela engelhadas. Como não consegui ainda exprimir a beleza dessa imagem, eu fotografei.

NL: Além de suas realizações como escritor, você é um dos fundadores do projeto Paiol. Como essas iniciativas influenciaram sua abordagem literária, especialmente neste novo projeto?

CC: Eu acredito que o Paiol trouxe um amadurecimento para o meu

texto como um todo. No sentido de me dedicar mais ao estudo do texto, porque há essa exigência em função da responsabilidade que você assume como editor. Depois há os ganhos em relação a conhecer mais sobre o mercado editorial – e, claro, que há ainda muito por aprender, porque isso foi meio que teoria e prática ao mesmo tempo. O livro do Pedro da Rocha Oliveira, *Um Quarto nos Fundos e Outras Histórias do Junqueiro* (Editora Paiol, 2021) é um marco importante nesse sentido. Ali, houve a necessidade de assumir mesmo a figura do editor, embora tenha sido o Pedro quem dirigiu tudo. Eu fiquei com a parte da correção. Existia um receio em relação a fazer apontamentos mais ousados sobre a obra e eu assumi esse risco. Ele recebeu bem as observações; nada que sugerisse mudanças bruscas, foi uma coisa mais detida em relação à abordagem, uma troca de ideia franca sobre o texto. E o que nos ligou ao Pedro foi muito importante porque ele podia publicar o livro dele por qualquer outra editora,

afinal, estamos falando de uma das figuras mais importantes da história recente do cinema alagoano, mas ele escolheu a Editora Paiol. Então, eu acho que – porque depois vieram os outros livros, do Gordivaldo Vilela, da Vera Lira e, mais recentemente, o do Lauro Firmino, que está para sair – foi um momento de crescimento muito grande, o que acabou contribuindo para o amadurecimento do profissional que trabalha com o texto do outro e também como autor, ao criar e lapidar o próprio texto; a visão sobre as diversas abordagens possíveis, ser inquieto. Em relação à abordagem em *O Livro de Maio*, acho que sou a criança na imagem de um verso do texto da Orides Fontela (1949-1998) que está no poema Ludismo, “Quebrar o brinquedo ainda é mais brincar”. É uma maneira de olhar para a poesia e suas possibilidades. Por exemplo, eu gosto do dizer em sentido completo que pode fazer os versos: “A ladeira da passagem, casa de tia, disparava meu coração”. É um texto de verso

único. Nos dois livros você vai ver isso. É uma influência de Manoel de Barros. “O regaço do vale entre/ as Passagens me auroram” – esse já está num texto mais amplo, mas, gosto dele assim, isolado também. E são todos do *Livro de Maio*. Há outros poemas. Ainda sobre a abordagem, separados por barras são poucos, e tem ainda os que interagem com o espaço do papel, como se o texto caminhasse para dizer e assim fizesse os olhos do leitor o acompanharem. Na terceira parte, há textos em prosa poética, sendo intercalados por outros na estrutura de poesia, seguindo padrão do livro inteiro. E há versos dispostos que vão aparecendo entre as poesias mais longas.

NL: Como escritor e editor, como você vê a intersecção entre autenticidade artística e a resposta do público? Existe uma tensão percebida ao equilibrar sua visão criativa com as expectativas dos leitores?

CC: Aqui, no nosso contexto, até por produzirmos literatura

independente, a gente não tem a pressão de uma grande editora para escrever aquilo que vai ter uma maior aceitação do público. É uma exigência que existe para alguns segmentos ou escritores, mas não estamos sujeitos a isso. Mesmo com um autor consagrado não acontece assim, em muitos casos. E há aqueles que seguem as tendências. Na poesia, eu posso citar duas autoras e um autor dos que li com essa pegada de um gênero de bolha. Nos dois primeiros casos, não furam a bolha; no último, eu já acho que fura. Os primeiros respondem a um gênero engajado e específico; o último é engajado, mas bebe na poesia clássica. E isso não é juízo de valor, é como eu analiso a partir daquilo que leio e gosto e o que a poesia precisa ter para me conquistar. Estou falando da Amanda Lovelace – acho que o mais conhecido dela é *A bruxa não vai para a fogueira neste livro*, que li e gostei, mas não é a minha literatura essencial – e de Rupi Kaur, de quem li *Outros jeitos de usar a boca* e folheei *O que o sol*

faz com as flores. Gosto mais da Rupi do que da Amanda. Mas, gosto mais ainda do *Lucas Litrento*, porque eu estou falando desse texto engajado, que é uma característica da poesia tanto de Amanda Lovelace quanto de Rupi Kaur, mas que, no caso do Lucas, aparecem metáforas e imagens que eu gosto mais. As escritoras são muito lidas, já o Lucas, infelizmente, não. A Amanda é Americana e a Rupi é indiana e canadense; o Lucas é alagoano, de Maceió, e escreveu *Os meninos iam pretos porque iam* (Graciliano, 2019). Usei esses exemplos para esclarecer essa coisa da expectativa dos leitores. Como tudo é bolha, penso que se você consegue espaço para se mostrar para um público considerável, você vai conseguir ser lido, mas, o seu texto já vai ser recepcionado por este público em relação ao que o público busca. No nosso caso, essa preocupação não existe, ao menos por enquanto. Mesmo porque o nosso público é pequeno, o que fica claro a partir das tiragens, que variam de 100 a 300 exemplares

para cada livro publicado. E há ainda um aspecto em relação ao texto em prosa e ao texto em poesia. O público da prosa é muito maior em todo lugar. E veja, o público não é grande, a leitura na nossa realidade precisa ser incentivada diuturnamente, ou seja, as pessoas não têm o hábito de ler. Ainda assim, existem, nesse público resumido, as reações conservadoras. Se o texto tiver uma pegada que se aproxime do erótico, nem precisa ser notadamente erótico, aí o mundo acaba. Nesse caso, a tensão existe, mas não chega a se impor por conta do público leitor que é resumido. Acaba sendo uma reação natimorta: o autor não precisa pensar em moldar seu texto. Acontece/aconteceu com os canônicos também. A Hilda Hilst foi muito injustiçada por isso. Nosso público é composto daquelas pessoas que apoiam e incentivam. Já chegamos a vender o livro no intuito apenas de arrecadar para produzir o próximo. Em relação ao meu texto, à minha obra, já não me proponho à venda

no corpo a corpo. Agora, com os livros que a Editora trabalha, acho importante que se considerem essas possibilidades. Por exemplo, o livro do Lauro Firmino, *Estradas Para Feira Nova*, a gente quer colocar em todas as escolas. O intuito é que o livro tenha presença nas bibliotecas, então, uma hora ele vai encontrar o seu leitor. Uma das maiores lástimas nisso tudo é a ausência de leitura por parte de educadores. Muitos deles nos convidam para ir lá nas escolas e salas de aula se mostrar como seres de *mermo* para incentivar os alunos a ler e a escrever, mas poucos leram ou conhecem as obras dos escritores locais e dos autores já consagrados; obras que muitas vezes fazem com que o aluno se reconheça ali, como *O Fantástico de Todo Dia*, do Felipe Verçosa (Editora Paiol, 2021), entre outros títulos. A leitura desses profissionais se resume à leitura teórica sobre os aspectos do texto e, muitas vezes, os exemplos são retirados dos livros de autores que não são da realidade na qual estão inseridos os alunos. Mas, há uns

poucos que fazem diferente. Então, essa tensão quase não existe e, quando existe, que é em relação à patrulha conservadora, não surte efeito. Eu não ligo. Eu mudo se eu achar que o texto pode ficar mais acessível no geral mesmo: as imagens que ele cria, o modo como os personagens dizem, no caso da prosa, ou a abordagem, no caso da poesia.

NL: Com o sucesso de *A Tarde Caindo* e suas atividades editoriais, qual impacto você espera alcançar tanto como escritor quanto como figura central no cenário literário local?

CC: George Orwell, no livro *A literatura, os Escritores e o Leviatã* (Nova Fronteira, 2021), diz que existem quatro motivações para escrever, além da necessidade de ganhar a vida. Ele destaca: “1. Puro egoísmo (...) ser o alvo das atenções, ser lembrado depois da morte, se vingar dos adultos que o esnobavam na infância”; “2. Entusiasmo estético, percepção da beleza do mundo externo ou, principalmente, das palavras e sua

correta harmonização”; “3. Impulso histórico, vontade de ver as coisas como elas são, de descobrir fatos reais e armazená-los para a posteridade” e “4. Objetivo político (...) vontade de empurrar o mundo em uma certa direção, para alterar a ideia que outras pessoas têm do tipo de sociedade pelo qual elas querem lutar”. Eu me identifico com muitas das observações dele, e aqui estão bem resumidas. Dito isto, minha intenção é ser lido, isso depois de todo o processo da criação, depois do livro pronto. Antes, me interessa a *Alquimia da linguagem*, quero bulir nessa coisa que é a forma de dizer e suas possibilidades. Isso como escritor. Acho que quero ir, mas quero ficar. E como figura do cenário literário local, quero ser ouvido, contar histórias, promovendo a leitura, antes de tudo, e a escrita, que não deixa de ser a promoção de educação. Inspirar pessoas por meio da linguagem a buscar as maravilhas que ela pode oferecer. E se der para ganhar dinheiro e se manter fazendo isso, tanto mais perfeito.

NL: E para concluir, o que os leitores da Revista *Luminescências* e os seguidores do projeto Paiol podem esperar do futuro? Algum projeto empolgante ou direção que você antecipa explorar?

CC: Sim. Eu tenho algumas prosas que pretendo terminar. Coisa antigas. Depois de *A Tarde Caindo*, eu joguei fora muitos escritos que nada tinham a ver com essa nova fase, em relação à poesia. Do que eu quase não me desfiz, nada foi da prosa. Tem um romance curto ou uma novela que chama *O conto das palavras*, que tem uma pegada meio fantástica, e eu gosto da fluidez desse texto, acho que ele tem potencial. Claro, vai passar por um tratamento intenso, mas penso que ele é algo importante. *Janelas* é outro conto longo, que tem uma pegada engajada e crítica social que também gosto. E posso destacar ainda um texto que estou trabalhando de modo concomitante com a finalização de *O Livro de Maio*, do qual estou gostando, não tem título, mas é um texto sobre um casal no qual o

narrador vai contando a história deles desde o dia que se conheceram até depois de não estarem mais juntos. E o texto tem um desafio que gosto: não há gênero no texto, em nenhum aspecto, não apenas em relação às personagens. Em relação aos projetos da editora Paiol, há o novo livro do Alessandro Alves, *Baixio dos Cravos*, contemplado pela LPG do estado, um texto que tive o privilégio de acompanhar a sua criação e é uma das coisas mais lindas que já se produziu nos Tabuleiros do Sul de Alagoas. Uma prosa que bebe de modo sublime em Guimarães Rosa, em Poe, e Cortázar, entre outros. O livro do Felipe Verçosa, também de contos, mais precisamente de contos-pílula, *O outro Lado da Bola do Olho*, e o Felipe faz isso de modo extraordinário. O livro do Lauro Firmino, *Estradas Para Feira Nova, Um relato sobre a origem do município de Teotônio Vilela*, livro muito bonito que conta a história da nossa cidade a partir das memórias do seu Luro. Há uma obra do Vinícius Pereira, que vai

ENTREVISTA

estrear pela Balada Literária com o livro *Bibócas*, mas a gente deve lançar o primeiro livro dele, pronto há algum tempo, *Vão*. É um texto em poesia que eu gosto muito e que me influenciou. E tem os projetos do Paiol Cinematográfico, que é a nossa atuação no cinema vilelense alagoano: um documentário sobre a literatura do nosso município e outro material sobre a

nossa cidade a partir do trabalho feito com Lauro Firmino no seu livro. Espero que tudo dê certo e esses intentos se concretizem.



Claudemir Calixto da Silva é um comunicador e escritor brasileiro formado em letras pela Universidade Federal de Alagoas. Co-fundador do Projeto e Editora Paiol, ele também deixou sua marca no cinema, participando dos curtas-metragens *Trem Baiano* (2017), *Meu Eterno Retorno* (2016) e *Anima* (2018) da Cana Filmes.

PROF. DR. LUIZ FERNANDO GOMES

Por Maria Gisele

Maria Gisele: Tanto no seu Instagram quanto no seu blog, há uma predominância de desenhos referentes aos trabalhadores no geral, mas principalmente aos trabalhadores da orla de Maceió, como os pescadores. Como você considera que lança seu olhar sobre esse aspecto para que o mundo veja?

Luiz Fernando Gomes: Procuo fazer uma etnografia visual, observar e desenhar os diversos cotidianos que nos cercam. Numa paisagem, a figura humana, quando presente, é sempre o foco e o centro e, na nossa orla, eu observo tanto os trabalhadores quanto os turistas e a nossa gente em geral. Meu foco etnográfico procura sempre ver, ouvir e sentir a vida que grande parte das pessoas – desde os pescadores e vendedores

ambulantes até as pessoas que caminham, correm ou pedalam pela orla com fones de ouvido – não percebem. O cotidiano está escondido no dia a dia das pessoas. Ao final, o que faço são crônicas visuais (algumas são verbo-visuais) de Maceió.

MG: Quais suas inspirações artísticas?

LFG: Artisticamente, há muitos artistas e técnicas que não apenas me inspiram, mas que me ensinam muito sobre outros olhares e outros modos de expressão. A arte é uma questão de técnica e de olhar. Procuo me inspirar, quero dizer, aprender, estudar tanto as técnicas quanto os olhares de outros artistas. E isso me leva à história da arte, desde as pinturas nas cavernas de Lascaux, com as primeiras pinturas rupestres de que se tem notícia,

Luiz Fernando Gomes é professor da UFAL, pós-doutor em Linguística Aplicada com foco na área de Linguagem e Tecnologia, mas não só isso: há, também, o Fernando multiartista, aquele que é poeta, desenhista e que nos dá a honra de discorrer acerca do seu trabalho nesta entrevista.
fernandodesenhista1.blogspot.com

até a arte contemporânea. Nas pinturas ditas primitivas, não se desenhavam rostos, mas corpos, pessoas, porque o coletivo era mais importante do que o individual. Isso eu procuro fazer aqui: olhar os coletivos sociais e, dentro deles, a vida do Homem alagoano – embora eu também me dedique a retratos de indivíduos, como a Dina Úrsula, que viveu numa cadeira na calçada por mais de onze anos e nela morreu, numa manhã. Ou como o cego que caminha pela orla pedindo esmola e, em certo momento, senta na calçada e urina nas calças, passando o resto do dia molhado e cheirando a urina. Bom, mas voltando: na arte contemporânea, me impressiona muito a xilogravura e seu expressionismo forte e cru que, à minha maneira, correlaciono com a escola expressionista alemã, que fala muito alto para mim. Prefiro não citar nomes de artistas, pois a lista seria enorme.

MG: Qual o papel do artista diante do mundo, em sua concepção?

LFG: O artista vê o mundo e diz sobre ele de uma forma tão particular quanto um cientista. Todas as ciências, ao fim e ao cabo, pretendem entender e explicar o mundo em que vivemos. Ambos, arte e ciência, lidam tanto com o real quanto com o fantástico; com problemas imediatos e com o devir. O surrealismo encontra-se também na ciência, assim como a geometria está presente na arte. A dicotomia talvez seja mais em seus produtos. Ambos sonham, planejam e se angustiam em seus percursos, suas buscas pela expressão. A sociedade precisa do olhar da ciência tanto quanto do olhar artístico. Estamos juntos, por exemplo, nas ilustrações feitas por George Roux, Leon Bennet e Edouard Rioux, que traduziram em imagens as *Viagens Maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos*, de Júlio Verne (1828-1905). O físico e astrônomo brasileiro Marcelo Gleiser, autor de

vários livros, possui um canal no YouTube chamado *Física para Poetas!* O papel que desempenhamos com trabalhos está no que os leitores quiserem ou puderem fazer. No caso na arte, costuma-se dizer que ela é inútil, no sentido de, em geral, buscar primeiramente sensibilizar o leitor, embora, ela possa desempenhar também uma função conativa, como nos cartazes políticos. Por exemplo, as pinturas murais mexicanas de Diego Rivera, Siqueiros e Orozco são emblemáticas; cartazes para eventos artísticos, em que eu destacaria os de Toulouse-Lautrec (1864-1901), design da cultura pop, as capas de disco dos Sex Pistols, de estética punk e por aí vai.

MG: Há alguns desenhos teus feitos sobre folhas de livros já escritos. Há algum tipo de mensagem a ser passada nessa faceta de tua arte?

LFG: Sim, o reaproveitamento de livros ou páginas de livros, além da ideia da reciclagem, que nas artes chamamos de *altered books*, eu

uso para acrescentar camadas de mensagens. Por exemplo: fiz colagens, desenhos meus a grafite de vendedoras de amendoim que os carregam em bacias equilibradas na cabeça, e coleí sobre um mapa do rio São Francisco, simbolizando a longa caminhada, o sertão etc. e, de ponta-cabeça em relação ao texto da matéria, simbolizando o analfabetismo de quem não reconhece as letras. Fiz uma outra com a mesma proposta intitulada *Colagem no caminho das letras*.

MG: Maceió é observada e suas particularidades transformadas em arte a partir dos seus desenhos. Qual a principal diferença da capital de Alagoas para todas as outras cidades pelas quais você passou?

LFG: Eu sou um *sketchbooker*, um desenhista de rua. Existem muitos grupos de desenhistas de rua no mundo todo e a ideia geral é levar nossos cadernos e kits de desenho e pintura para todos os lugares aonde vamos. Essa arte é realizada ao vivo, no local. Eu paro, olho,

sinto, perscruto e passo quinze minutos ou mais desenhando e pintando no meu caderno de desenhos. Outras vezes, nos *altered books*, eu faço colagens de folhas de árvores, gravetos, folhetos, bilhetes de passagens, mapas de metrô e de cidades, zoológicos e museus etc. Em casa, ou no hotel, eu colo tudo no livro alterado que reservei para cada cidade ou país e desenho, pinto e faço grafismos sobre tudo isso. Isso eu faço em Maceió (não saio de casa sem meu material) e em outras cidades no exterior que visitei. Todas são lindas, cada uma à sua moda. Não tenho preferências. Estou ligado no verso famoso de Alceu Valença: “*eu gosto de Juazeiro e adoro Petrolina (e vice-versa)*”.

MG: Numa sociedade extremamente conectada como a de hoje, qual a relação existente entre a tecnologia e a arte?

LFG: a arte digital já foi posta em dúvida, tanto como a arte realizada pela Inteligência Artificial dos dias de hoje. Essa relação entre arte e

tecnologia é antiga: Van Eyck, Vermeer, Caravaggio e o próprio Da Vinci fizeram uso de espelhos e prismas para obter desenhos mais precisos. Nos tempos da digitalização das imagens, começamos com a pixelização de fotografias – há programas muito bons que utilizo com frequência – e depois, com o avanço dos programas de edição de imagens, como o Adobe Photoshop, por exemplo, foi possível não apenas digitalizar em dpi (pontos por polegada) como também fazer montagens/colagens chamadas *mashup*. Praticamente tudo o que for produzido em termos de arte para ser publicado, desde ilustrações para livros, design de produtos e mesmo alguns trabalhos expostos em galerias, tudo é ou feito no papel e depois digitalizado ou já é concebido em mesas gráficas, as *pads*, e aperfeiçoado digitalmente. A Inteligência Artificial é um caso à parte ainda, pois sobre ela se discute a questão da autoria. Então, deixarei de lado esse tema, por enquanto.

MG: No feriado, “no sol desde cedinho em busca da flagra aos pescadores”, é mais fácil ser artista ou professor?

LFG: sim, fiz uma colagem intitulada *Feriado na Praia*, se for a essa que você se refere, em que coleí e sobrepeus vários pedaços (se fossem escritos seriam trechos) e compus um painel da agitação e da variedade de eventos e de pessoas, tudo num universo simultâneo. Quanto à sua pergunta, de fato, procuro não separar as duas atividades, embora tenham finalidades diferentes. Aliás, ser artista não é exatamente como uma capa ou uma fantasia que se possa por e tirar, ser e não ser. Mas, confesso que, muitas vezes, durante minhas aulas, há momentos em que faço um sketch dos alunos quando concentrados em provas ou atividades, pois também levo meu material à FALE, e faço fotos do entorno da faculdade e pelo *campus*, quando arranjo um tempinho. Por outro lado, como professor de linguística, mesmo num feriado ou na praia, estou sempre anotando as falas,

as conversas, o vocabulário utilizado em várias situações, inclusive, quando vou cedinho acompanhar a puxada das redes na praia do porto, no Jaraguá, eu desenho, fotografo e anoto partes dos diálogos dos pescadores que conversam nas quase duas horas de uma puxada de rede e depois, quando os peixes são despejados da rede na areia e se inicia uma outra conversa, a da venda dos pescados. Costumo depois escrever crônicas, poesias ou apenas retocar os desenhos e as fotos feitas no local.

MG: Para dar fim ao nosso momento, nos diga uma coisa: há um só Luiz Fernando, composto por todas essas competências, ou há vários?

LFG: Se esse Fernando aqui fosse o Pessoa, a resposta seria mais profunda, mas não, sou um Fernando apenas, e sou um tipo bem mais ou menos em todo o que faço, embora creia que valha a pena, pois, a alma com que faço as coisas que faço não é pequena. Aliás, em cada coisa, como es-

crevia o outro Fernando, há um mistério – ah *o mistério das cousas!* Mas, em cada uma delas sou inteiro. Esse caleidoscópio, essa colagem, esse *mashup* em que fui me transformando de forma inevitável desde o berço – muitas vezes à revelia, contra a minha vontade, pois queria ser mesmo *Um* de verdade, pois essa partição é extenuante – é como ter um irmão siamês, ou vários irmãos. É como no histórico caso de dois irmãos tailandeses (antigo Sião) que nasceram grudados e brigavam constantemente: um gostava de nadar no rio; o outro não, um gostava de se embriagar e o outro não, mas ficava bêbado mesmo assim, pois o sangue era o mesmo! No casamento, ambos se casaram ao mesmo tempo e a disputa para decidir quem passaria primeiro a lua de mel deu muita confusão, dá para imaginar, não é? Pois bem, sou igual a eles, pois, quando tentaram, com a rústica medicina do início do século XIX, separá-los numa cirurgia, ambos morreram. Assim, estou eu, menos

feliz que o Pessoa, menos completo e menos complexo que ele e menos em tudo, mas atado ao meu outro eu. Não podemos nos separar. Vamos juntos até o fim.



Luiz Fernando Gomes é

Dr. e Pós-doutor em Linguística, área Linguagem e Tecnologia (Unicamp). Mestre em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem (PUC-SP). Presidiu a ABEHTE; autor de vários livros sobre escrita no mundo digital. Estuda cultura visual contemporânea e relações intersemióticas entre texto e imagem. Autor de livros de poesia, de contos e de livros infantis ilustrados por ele mesmo. Foi sócio correspondente da Academia Sorocabana de Letras. Desenhista/ilustrador, com trabalhos nas capas da Revista *Linguagem em Foco* (UECE). Menção honrosa Concurso de Artes de Luxemburgo (2023).

QUEM SOMOS

CONHEÇA OS VAGALUMES: EQUIPE LUMINESCÊNCIAS



antonio carlos sobrinho: logun bi ayó. poeta: *pequeno laboratório das coisas da vida* (patuá, 2021), *quase um manifesto* (patuá, 2023). professor itinerante. antes: unijorge, salvador; uneb, irecê. hoje: fale/ufal, maceió. amanhã: onde vagalumes acenderem uma convocação. acredita: na arte. aposta: na alegria. vive: de encontrar belezas. acsobrinho83@outlook.com



Cícero Ventura estudante de Letras - Português pela UFAL.



Denis Willyam de Jesus Balbino, nascido na cidade de Caruaru-PE, é graduado em história pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA) e graduando em letras - Português pela UFAL.



Francisco Marinho Baptista guineense, graduando em Letras Português pela UFAL, bolsista PIBID e apaixonado pela língua portuguesa. Na Guiné Bissau, atuava como prof. de português na escola Boa Sorte e no curso de aperfeiçoamento em língua portuguesa da escola Berço Universal. É escritor iniciante e gosta de ler literatura brasileira.



Gisele Nascimento é graduanda em Letras - Português, residente bolsista pelo Programa de Residência Pedagógica da CAPES e profissional da educação. Casada com a Análise de Discurso, apaixonada pela Semântica, mas alimentando um eterno caso com a Literatura.



Hyago Marques escreve, revisa e edita. Publicou *anjos tocam lira nas molas do colchão* (2021, independente) e atualmente trabalha em seu segundo livro de poemas. Incursiona pelas artes plásticas. hyagomarques.com.br | hyago.marques@fale.ufal.br



Igôr dos Santos Ribeiro. Nascido em Pão de Açúcar, aos 11 anos se mudou para a capital com a família, onde cresceu e terminou os estudos. Sempre se dedicou à escrita e aos estudos linguísticos; sempre objetivou ingressar no curso de Letras, tendo conseguido em 2023. Encontra na escrita uma outra forma de viver.



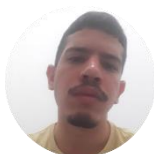
José Vitor é graduando em Letras - Português pela UFAL, locutor profissional, poeta e Técnico em Multimídias.



Joyce Kelle é estudante do 3º período de Letras - Português na UFAL. Desde a infância, encontrou nos livros um refúgio e uma fonte de inspiração, especialmente no gênero romance. Sonha tornar-se escritora e trabalhar como redatora, compartilhando as próprias histórias e inspirando outros com sua paixão pela escrita.



Chamo-me **Karine Valeska (Kaka)**, sou alagoana e estudo Letras - Português na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Apreciando a literatura da maneira que mais me agrada, costumo ler obras contemporâneas e, quando a vontade de expressar artisticamente reverbera neste mundo em que vivemos, amo me aventurar escrevendo poemas e contos.



Leonardo Bomfim é estudante de Letras na UFAL.



Maria Natielle de Lima Costa, estudante de Letras, com foco na língua portuguesa, residente na cidade de Teotônio Vilela, em Alagoas.



Wely Nayara Estudante de Letras - Português, na UFAL, nascida no Dia Internacional da Mulher em Maceió, Alagoas. Aos 21 anos, traz consigo uma paixão pela desconstrução textual e pela filosofia niilista, buscando explorar as interseções entre literatura e visões de mundo alternativas.

CRÉDITOS

CAPA

Intervenção sobre fotografia de SHVETS production (local não informado).

Disponível na plataforma Pexels, sob [licença gratuita](#).

FOTOGRAFIAS DAS AUTORIAS

Imagens de acervo das autoras e dos autores, cedidas no ato da inscrição na chamada.

IMAGENS DE ABERTURA DAS SEÇÕES

Homenagem Cottonbro Studio (local não informado)

Audiovisual / Performance Filipe Gomes (Brasil)

Conto e Poema Albin Biju (Índia)

Crônica Dapo Abideen (local não informado)

Fotografia / Desenho Aviz (Jamaica)

Entrevista Luiz Dalvan (Brasil)

Todas disponíveis na plataforma Pexels, sob [licença gratuita](#).

TIPOGRAFIA

Luminescências emprega em sua composição **Delicious**, de Jos Buivenga, disponível sob licença gratuita em [exljbris](#), e **Work Sans**, de Whei Huang, disponível em *Open Font License* no [Google Fonts](#).

Agradecemos por nos ter acolhido em sua leitura.

Em breve, abriremos chamada para o nosso segundo número.

Siga-nos no Instagram para maiores informações [@RevistaLuminescencias](https://www.instagram.com/RevistaLuminescencias)

*Acompanhe-nos em <http://www.seer.ufal.br/luminescencias> ou
<http://www.revistaluminescencias.blogspot.com>*

Te convidamos a seguir de mãos dadas conosco.

Você aceita?

